UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**EUNJAE KIM**

# A estrutura exportadora da Coreia do Sul e sua vulnerabilidade política e econômica:

a análise do Brasil como um mercado alternativo

São Paulo
2020

**EUNJAE KIM**

# A estrutura exportadora da Coreia do Sul e sua vulnerabilidade política e econômica:

a análise do Brasil como um mercado alternativo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientadora: Prof. Dra. Daniela Schettini

**Versão corrigida**

A versão original se encontra disponível na Biblioteca do Instituto de Relações Internacionais

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na publicação
Seção Técnica de Biblioteca
Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo

Kim, Eunjae
A estrutura exportadora da Coreia do Sul e sua vulnerabilidade política e econômica: a análise do Brasil como um mercado alternativo / Eunjae Kim ; orientadora: Daniela Carla Decaro Schettini. -– São Paulo, 2020.
103 p.

Dissertação (Mestrado) – Instituto de Relações Internacionais. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

1. Interdependência comercial 2. Diversificação geográfica de exportação 3. Coreia do Sul 4. Estados Unidos 5. China 6. Brasil I. Schettini, Daniela Carla Decaro, orient. II. Título.

CDD – 382.0951

Responsável: Giseli Adornato de Aguiar - CRB-8/6813

EUNJAE, KIM. **A estrutura exportadora da Coreia do Sul e sua vulnerabilidade política e econômica:** a análise do Brasil como um mercado alternativo. 2020. 103f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

**Aprovada em** : 21 de dezembro de 2020.

Banca Examinadora

| | |
|---|---|
| Prof. Dr. | Daniela Carla Decaro Schettini |
| Instituição: | Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo |
| Julgamento | _____ |
| Prof. Dr. | Valéria Lopes Ribeiro |
| Instituição: | Programa de Pós Graduação em Economia Política Mundial, Universidade Federal do ABC |
| Julgamento | _____ |
| Prof. Dr. | Uallace Moreira Lima |
| Instituição: | Faculdade de Economia, Universidade Federal da Bahia |
| Julgamento | _____ |

## DEDICATÓRIA

À minha avó, Sunhee Jung (7 de Dezembro de 1921 – 30 de Outubro de 2020). Confesso que a pessoa que mais amo nesse mundo é você, e eu sempre desejei ser a pessoa que você mais amava. Só agora percebo que todos os momentos em que senti felicidade, pura e verdadeira, foram com você e que você significou muito mais para mim do que eu pensava. Foi você quem me fez sentir como a pessoa mais especial desse mundo, por ter você como minha avó. Você me acompanhou por apenas 28 anos, mas graças a esse tempo já posso dizer que minha vida valeu a pena. Sem você, esse mundo não será mais como antes, mas todas as qualidades que você cultivou em mim e todas as belas memórias que nós criamos juntas vão se tornar uma grande força motriz para eu seguir em frente e oferecer amor para as pessoas ao meu redor. Saiba que eu te amei tanto que sentia saudades de você até mesmo quando estávamos juntas. Eu amo você.

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Para meu pai, Jongoug Kim, que me escuta, compreende e dá conselhos sábios com base em suas visões. Obrigada por sempre dividir minhas preocupações, confiar em mim e ter paciência com meus defeitos. Nada é melhor do que ter a sua companhia ao procurar o melhor caminho para mim, nos momentos de certeza e de incerteza. Você me ensinou o que é realmente importante na vida e a não me deixar levar por interesses fúteis.

Para minha mãe, Yeonsuk Kim, que sempre me incentivou a sonhar grande e alto, mostrando pessoas exemplares e lugares melhores. Sei que o que me possibilita a buscar e aproveitar as oportunidades do mundo, até onde minha capacidade atinge, são os seus sacrifícios. Obrigada por ter me apoiado no estabelecimento de objetivos em muitas etapas da minha vida, por se esforçar junto comigo e me encorajar.

Para meu irmão, Seungsoo Kim. Depois que você nasceu, minha vida se tornou mais rica e feliz. Qualquer entrave que você encontre na sua vida, estou com você para te apoiar e orientar. Você tem mais potencial do que pensa.

Para o professor Taekdong Yoon, diretor do Departamento de Estudos Brasileiros da Hankuk University of Foreign Studies. Agradeço pelos seus conselhos de vida, apoio acadêmico, atenção e torcida, desde a graduação até o presente. Quando eu mesma desconfiava das minhas capacidades, você sempre acreditou em mim e me deu oportunidades. Quando resolvi tentar o mestrado no Brasil, você foi o primeiro a dizer: “sim, tenta” confirmando sua ajuda sem hesitação, e me incentivou a fazer até doutorado. Foi você quem tornou meu sonho, realidade. A sua contribuição na minha vida não tem preço.

Para o professor Uallace Lima, que com paixão e carinho sobre o tema do desenvolvimento econômico da Coreia do Sul, apresenta pesquisas e oferece aulas de qualidade sobre o país asiático à academia brasileira. A sua atitude como pesquisador que analisa a Coreia me fez refletir sobre o que preciso melhorar em mim, como pesquisadora estrangeira que estuda o Brasil e a América Latina. A sua existência na academia brasileira, sempre atualizando seu conhecimento e divulgando novas descobertas sobre a Coreia, me dá um grande alívio e sou muito agradecida por isso, além da sua atenção e gentileza com meus estudos.

Para a comunidade do IRI-USP. Sua inteligência, paixão por pesquisa e simpatia me incentivaram a querer ser uma pessoa melhor. Todos vocês tiveram um grande papel na minha adaptação nesse ambiente novo e na enorme felicidade que senti sempre que fui ao IRI.

Por fim, para minha orientadora, Daniela Schettini. Você foi além das expectativas que tive sobre uma orientadora. Ter tido você como orientadora foi a maior sorte do meu mestrado. Você é uma professora que tem carisma e liderança e sabe o valor do ensino na sala de aula. Você é uma orientadora que sente o peso da “responsabilidade” por seus orientandos, sempre muito interessada e engajada em melhorar os nossos projetos, incentivando, tirando nosso melhor e levando palavras de coragem quando necessário. O que você realizou na sua carreira profissional desde tão cedo, faz todo o sentido. Viva a professora Schettini! Essa dissertação é um fruto do nosso trabalho. Eu lhe devo muito. Agradeço imensamente!

# RESUMO

EUNJAE, KIM. **A estrutura exportadora da Coreia do Sul e sua vulnerabilidade política e econômica:** a análise do Brasil como um mercado alternativo. 2020. 103f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Na Coreia do Sul, a exportação ocupa uma grande proporção da economia nacional, sendo um dos elementos cruciais no crescimento econômico do país, e é concentrada geograficamente nos Estados Unidos da América e na China, onde as relações comerciais bilaterais da Coreia são formadas assimetricamente. Sendo assim, os EUA e a China utilizam o poder de barganha derivado dessa estrutura comercial assimétrica para influenciar outros assuntos políticos ou comerciais em relação à Coreia, dado o contexto geopolítico compartilhado, aumentando a vulnerabilidade do país. Diante desse cenário, a presente pesquisa introduz dois casos recentes que trouxeram incerteza política e prejuízos econômicos para a Coreia: a solicitação dos EUA de emenda do Acordo de Livre Comércio Coreia – EUA e a retaliação comercial da China contra a introdução do sistema antimíssil, *Terminal High Altitude Area Defense*, da Coreia. O estudo defende a necessidade de a Coreia dispersar suas exportações destinadas para os EUA e a China para reduzir as relações de influência frente aos dois países. No estudo sobre possíveis mercados alternativos de exportação para os produtos coreanos, analisa-se o Brasil, considerando fatores como: a relevância da América Latina como mercado emergente, o crescimento das exportações coreanas para o Brasil, a interdependência comercial baixa e menos assimétrica da Coreia com o Brasil e a relação bilateral majoritariamente econômica e comercial sendo relação político-diplomática menos complexa do que com os EUA e China. O resultado de análises setoriais empíricas sobre o mercado brasileiro indica que existem alguns mercados atrativos, em que a Coreia tem potencial para intensificar suas exportações para o Brasil.



**Palavras chave**: Interdependência comercial. Diversificação geográfica de exportação. Coreia do Sul. EUA. China. Brasil.

## ABSTRACT

EUNJAE, KIM. **South Korea's export structure and its political and economic vulnerability:** the analysis of Brazil as an alternative market. 2020. 103f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

In South Korea, exports occupy a large proportion of the national economy, being one of the crucial elements in the country's economic growth, and are geographically concentrated in the United States of America and China, where Korea's bilateral trade relations are formed asymmetrically. As such, the US and China use the bargaining power derived from this asymmetric trade structure to influence other political or trade issues of Korea, having the shared geopolitical context, increasing the country's vulnerability. Given this scenario, the present research introduces two recent cases that have brought political uncertainty and economic damages to Korea: the US request to amend the Korea – US Free Trade Agreement and China's commercial retaliation against the introduction of the anti-missile system, Terminal High Altitude Area Defense, in Korea. The study defends the need for Korea to disperse its exports destined to the two countries to reduce the influence of the USA and China. As a way of studying possible alternative export markets for Korean products, Brazil is analyzed, considering factors such as the relevance of the Latin America as an emerging market, the high growth of Korean exports to Brazil, the low trade interdependence and asymmetry between Korea and Brazil, and the bilateral relationship being mostly economic and commercial and political-diplomatic being less complex than with the USA and China. The result of empirical sectoral analysis on the Brazilian market indicates that there are some attractive markets in which Korea has the potential to intensify its exports to Brazil.



**Key words**: Trade interdependence. Geographic export diversification. South Korea. USA. China. Brazil.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

## GRÁFICOS

Gráfico 1 – Crescimento do PIB real da Coreia (1954-2019, %)..... 27
Gráfico 2 – Exportações, Importações e Balança comercial da Coreia (1960-2018) ..... 33
Gráfico 3 – Comércio da Coreia (bens e serviços) em relação ao PIB (1960-2019, %) .... 34
Gráfico 4 – O WTS e o CTS da Coreia (1970-2018, 1988-2018, %) ..... 35
Gráfico 5 – HHI da Coreia e a média dos 9 maiores exportadores mundiais de bens (1988-2018, %) ..... 36
Gráfico 6 – CR4 da Coreia e a média dos 9 maiores exportadores mundiais de bens (1970-2019, %) ..... 37
Gráfico 7 – Participação dos EUA, Japão e China nas exportações da Coreia (1970-2019, %) ..... 38
Gráfico 8 – Proporção do comércio da Coreia e da China no comércio total dos dois países (1989-2018, %)..... 40
Gráfico 9 – Proporção de comércio da Coreia e dos EUA no comércio total dos dois países (1989-2018, %) ..... 41
Gráfico 10 – Saliência, simetria e interdependência com a China (1992-2018)..... 42
Gráfico 11 – Saliência, simetria e interdependência com os EUA (1991-2018)..... 43
Gráfico 12 – Exportação, Importação e Balança Comercial da Coreia em relação aos EUA (1970-2018) ..... 47
Gráfico 13 – Exportação, Importação e Balança Comercial da Coreia (1975-2019)..... 54
Gráfico 14 – Participação da exportação coreana por regiões (1987-2019, %) ..... 63
Gráfico 15 – Exportação, Importação e Balança Comercial da Coreia em relação ao Brasil (1969-2019) ..... 66
Gráfico 16 – Participação de exportação e importação da Coreia e do Brasil na exportação e importação total de cada país (1988-2018, %) ..... 67
Gráfico 17 – Saliência, simetria e interdependência com o Brasil (1989-2018)..... 68
Gráfico 18 – Complementaridade de Comércio entre Coreia – EUA, Coreia – China, e Coreia – Brasil (2017-2018, %).....73
Gráfico 19 – Growth – Share Matrix e classificação dos mercados brasileiros ..... 81

**QUADROS**

Quadro 1 – Nomes dos produtos selecionados (HS 4 dígitos) ..... 102
Quadro 2 – Análise de IDE das empresas coreanas dos setores brasileiros ..... 103

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Participação de mercados na exportação e importação da Coreia, China e EUA (2019, %) ..... 39
Tabela 2 – Participação dos 10 maiores mercados da exportação coreana (1970-2019, decenal, %) ..... 62
Tabela 3 – Participação e posição de principais destinos sul-americanos de exportação coreana (1970-2019, decenal, %) ..... 64
Tabela 4 – Composição de exportação da Coreia para o Brasil e do Brasil para a Coreia (1989, 2018) ..... 69
Tabela 5 – Participação dos principais produtos de exportação coreana para os EUA e a China (média de 2015 a 2019) ..... 75
Tabela 6 – ITP e RITP dos mercados do Brasil (2019) ..... 77
Tabela 7 – Taxa de crescimento e participação da exportação coreana (2019, %) ..... 79
Tabela 8 – MCA dos cinco principais exportadores ao mercado brasileiro pelo valor das importações (2019) ..... 83

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---|---|
| AIIB | Asian Infrastructure Investment Bank |
| ALC | Acordo de Livre Comércio |
| AMCHAM Korea | American Chamber of Commerce in Korea |
| APEC | Asia-Pacific Economic Cooperation |
| ASEAN | Association of Southeast Asian Nations |
| CR4 | Concentration Ratio (em português, Razão de Concentração) |
| CTS | Compost Trade Share |
| EUA | Estados Unidos da América |
| FEALAC | Forum for East Asia – Latin America Cooperation |
| FTA | Free Trade Agreement |
| HHI | Herfindahl Hirschman Index |
| HS | Harmonized Commodity Description and Coding System |
| IDE | Investimento Direto Estrangeiro |
| IMS | International Market Selection |
| ITC | International Trade Centre |
| ITP | Indicative Trade Potential |
| KITA | Korea International Trade Association |
| KORUS FTA | Korea USA Free Trade Agreement |
| MCA | Market Comparative Index |
| MERCOSUL | Mercado Comum do Sul |
| MS | Market Share |
| NAFTA | North American Free Trade Agreement |
| NBER | National Bureau of Economic Research |
| OCDE | Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico |
| OMC | Organização Mundial de Comércio |
| RCA | Relative Comparative Index |
| RCEP | Regional Comprehensive Economic Partnership |
| RITP | Relative Indicative Trade Potential |
| TCI | Trade Complementarity Index |
| THAAD | Terminal High Altitude Area Defense |
| TPP | Trans-Pacific Partnership (Agreement) |
| TS | Trade Share |
| UE | União Europeia |
| USITC | United Nations International Trade Commission |
| USTR | United States Trade Representative |
| WTS | World Trade Share |

**SUMÁRIO**

1 INTRODUÇÃO 14

2 RELAÇÕES DE INTERDEPENDÊNCIA COMERCIAL 17

3 EXPORTAÇÕES COREANAS 26

3.1 A exportação coreana no contexto de desenvolvimento econômico 27

3.2 Análise empírica da exportação coreana 32

3.3 Jogos de poder de barganha dos EUA e da China 44

*3.3.1 Emenda do KORUS FTA: o jogo dos EUA* 44

*3.3.2 Introdução de THAAD e Retaliação comercial: o jogo da China* 52

4 ANÁLISE DO MERCADO ALTERNATIVO: O BRASIL 61

4.1 Relação comercial entre a Coreia e o Brasil 64

4.2 Análise setorial comparada entre EUA e China *versus* Brasil 71

*4.2.1 Complementaridade de Comércio (TCI)* 71

*4.2.2 Compatibilidade de produtos de exportação* 73

*4.2.3 Potencial de Exportação (ITP e RITP) e Fluxo Comercial* 76

*4.2.4 Crescimento e participação da exportação (Growth-Share Matrix)* 78

*4.2.5 Vantagem Comparativa no Mercado (MCA)* 81

5 CONCLUSÃO 86

REFERÊNCIAS 91

APÊNDICE 102

# 1 INTRODUÇÃO

A exportação é um dos principais fatores que contribuíram para o desenvolvimento econômico da Coreia do Sul, ocupando grande parte da economia nacional até hoje. No entanto, essas exportações sempre foram altamente concentradas em um pequeno número de mercados, atualmente, em especial na China e nos Estados Unidos. Deve-se observar que a China e os EUA, sendo o primeiro e o segundo maiores mercados de exportação coreana – e o segundo e quarto mercados onde a Coreia obtém maior superávit – têm grande relevância para a Coreia. Além disso, sendo os Estados Unidos e a China superpotências mundiais com recursos econômicos superiores aos da Coreia, os ganhos comerciais nessas relações bilaterais são mais essenciais para a economia coreana do que para os dois países. Portanto, pode-se dizer que há uma aparente relação de interdependência comercial assimétrica entre os três países, sendo a Coreia a mais dependente. Como consequência, as exportações e a economia da Coreia se tornaram vulneráveis ao comércio com os Estados Unidos e a China e à política externa dos dois países, questão que será analisada com maior profundidade ao longo desta dissertação.

O caráter da relação comercial da Coreia com os EUA e a China faz com que esses países tentem exercer influência sobre outras questões políticas e comerciais da Coreia, desejando que esta aja de acordo com políticas cooperativas visando a proteção de seus altos ganhos comerciais. Essa tendência é consistente com o que defende a teoria realista de Relações Internacionais (RI), em que o país dominante, tendo controle sobre o comércio com o país dependente, manipula o poder derivado da interdependência econômica assimétrica como uma arma eficaz para produzir resultados cooperativos em outros assuntos (HIRSCHMAN, 1945[1980]; RICHARDSON, 1980; KEOHANE, NYE, 1977; WALTZ, 1979; MEARSHEIMER, 1990, 1994; LEVY, 1998, BARBIERI, 1996; WAGNER, 1988).[1]

O exercício da influência nas decisões políticas e econômicas nos países dependentes – com a ameaça de paralisação do comércio e de redução das importações por países dominantes, utilizando o poder decorrente da estrutura comercial assimétrica (HIRSCHMAN, 1945[1980]) – pode aumentar a volatilidade das exportações e provocar instabilidade política e econômica nos países dependentes (BACCHETTA; JANSEN; PIERMARTINI, 2007) e nas próprias relações bilaterais, suprimindo, sobretudo, a autonomia desses países

[1] Embora a concentração de importações também possa gerar vulnerabilidade, este trabalho foca na vulnerabilidade causada pela concentração de exportações.

(BARBIERI, 1996; ARMSTRONG, 1981). Ademais, no contexto geopolítico do Nordeste Asiático, a Coreia tem várias questões em que tanto os EUA quanto a China também têm seu interesse engajado, o que serve de incentivo aos dois países no sentido de abuso de seu poder econômico em relação à Coreia do Sul.

É nesse ponto que este trabalho defende como hipótese a necessidade de a Coreia do Sul dispersar suas exportações destinadas aos EUA e à China para manter estáveis os níveis de exportações, que têm sido um dos pilares fundamentais da economia nacional e, sobretudo, para reduzir a vulnerabilidade frente aos EUA e à China, especialmente em termos da influência decorrente da interdependência comercial assimétrica, nas questões políticas e comerciais da Coreia. Tendo em vista o argumento acima, esta pesquisa almeja os seguintes objetivos: a) descobrir o quanto a Coreia está vulnerável em relação aos EUA e a China; b) verificar se os EUA e a China têm se utilizado da dependência comercial coreana para pressionar o país em questões além das comerciais; e c) identificar indicadores que possam sinalizar mercados alternativos às exportações coreanas. Nesse sentido, o último objetivo desse trabalho é o de estudar um mercado no qual a Coreia do Sul possa ter um potencial comercial para impulsionar suas exportações e reduzir sua dependência das exportações para a China e os EUA.

Ao escolher um dos possíveis mercados alternativos para analisar, foram considerados itens como: a) o maior crescimento de participação das exportações coreanas da América Latina depois da Ásia nos últimos 30 anos; b) o segundo maior mercado para as exportações coreanas desde 1994; e c) a satisfação da condição primária, a ser discutida neste estudo, sobre mercados alternativos aos EUA e à China, que é a menor interdependência comercial e assimetria nessa relação entre a Coreia e o mercado alternativo escolhido. Neste estudo, o Brasil é selecionado como objeto de pesquisa. As relações entre os dois países ocorreram mais pelo lado econômico e comercial, caracterizando, portanto, uma menor complexidade e vulnerabilidade da Coreia em relação ao Brasil se comparado com os EUA e a China. Em conjunto, os quesitos analisados nesta dissertação justificam a escolha do Brasil como um mercado de diversificação das exportações coreanas neste estudo.

A dissertação está organizada da seguinte forma. No segundo capítulo são apresentadas as teorias, os conceitos e as medidas de abertura comercial, concentração geográfica de exportação e interdependência comercial assimétrica. Ressalta-se o significado da diversificação de mercados de exportação como uma forma de reduzir a sensibilidade e a vulnerabilidade que um país dependente está sujeito devido à estrutura comercial com um

país dominante. Este capítulo fornece as ferramentas para a análise qualitativa-quantitativa do comércio coreano.

No terceiro capítulo é introduzida a discussão sobre o desenvolvimento econômico da Coreia, atrelado ao seu perfil exportador, e como isso contribuiu para o sucesso econômico do país – mas também como a tornou dependente das relações comerciais. Em seguida, a partir dos conceitos debatidos no segundo capítulo, são tratadas as recentes ameaças políticas e econômicas enfrentadas pela Coreia, tendo em vista, especialmente, sua interdependência comercial assimétrica com os EUA e a China, com os quais possui alta concentração geográfica de suas exportações.

No quarto capítulo, analisa-se a relação comercial bilateral entre a Coreia e o Brasil, com ênfase na evolução da exportação do país asiático destinada para o país sul-americano, e são investigadas as relações políticas e diplomáticas coreanas com o Brasil de forma complementar. São realizadas também cinco análises setoriais a fim de identificar áreas em que a Coreia poderia desviar suas exportações dos EUA e da China para o Brasil. O cruzamento dessas informações permitirá que o estudo identifique alguns setores brasileiros em que existe uma maior possibilidade de aumentar as exportações. Por fim, o capítulo cinco conclui o trabalho.

O valor dessa pesquisa está em demonstrar de perspectiva totalitária como a Coreia é dependente em suas relações de exportações e a posição sensivel e vulnerável dela nas relações comerciais com os seus maiores mercados de exportação, especialmente com a China e os EUA. Há relevância, ainda, ao mostrar a incerteza política e comercial que o país enfrenta diante desse cenário à luz das teorias de Relações Internacionais e do contexto geopolítico do Nordeste Asiático. Ademais, analisando o Brasil como um dos possíveis mercados alternativos, há significância em ampliar o leque de países no tema de pesquisa da diversificação das exportações da Coreia, que tem sido debatido na sociedade coreana há bastante tempo, mas cuja variedade de objeto de pesquisa continua limitada. Além disso, com uma série de análises empíricas para avaliar o potencial de exportação para o Brasil, esta pesquisa identifica indicadores capazes de avaliar a expansão comercial de setores. Afinal, aos desenvolver outros mercados, os efeitos podem ser menos danosos para a Coreia do Sul, pois tal ação reduziria sua vulnerabilidade ao diminuir a dificuldade de ajuste na eventual interrupção do comércio (KEOHANE; NYE, 1977; HIRSCHMAN, [1945] 1980).

# 2 RELAÇÕES DE INTERDEPENDÊNCIA COMERCIAL

As literaturas liberal e realista têm visões diferentes no que se refere ao efeito da interdependência comercial sobre segurança. Em seu livro publicado em 1903, Richard Cobden afirmou que "o livre comércio une os Estados, tornando cada um igualmente ansioso pela prosperidade e felicidade de ambos" (1903, p. 225 apud COPELAND, 1996, p.8). Os liberais, tendo como base o argumento de Cobden, afirmam que o comércio propicia benefícios para qualquer país. Por isso, os Estados evitam conflitos que prejudicam intercâmbios comerciais e buscam cooperação, o que, por conseguinte, ajuda a manter a paz (POLACHEK, 1980, p. 56; GASIOWORSKI; POLACHEK, 1982, p. 728; DOYLE, 1986, p. 1161; ONEAL; RUSSET, 1997, p. 287; POLACHEK; ROBST; CHANG, 1999, p. 418; GOWA; MANSFIELD, 1993; REUVENY; KANG, 1998). De acordo com Angell (1933 [2010], p. 33 apud COPELAND, 1996, p. 8), embora os Estados sejam expostos à escolha entre manter um comércio pacífico e a guerra, a modernização torna impossível enriquecer-se pela força, visto que destruir laços comerciais certamente prejudica interesses econômicos que derivam do comércio.

Por outro lado, de acordo com autores realistas, a interdependência econômica e comercial aumenta a possibilidade de países entrarem em conflitos e guerras (GILPIN, 1987, p. 23; BARBIERI; SCHNEIDER, 1999, p. 387; COPELAND, 1996, p. 6; MEARSHEIMER, 1990, 1994; BLANCHARD; RIPMAN, 1995; BARBIERI, 1996, 2002; BARBIERI; LEVY, 1999). Eles defendem que o mercado não é politicamente neutro e o ganho produzido pelo comércio tende a ser distribuído de forma desequilibrada, criando assimetrias econômica e militar entre os países.[2] Os neorrealistas, em especial, argumentam que na anarquia internacional, em que os Estados se preocupam constantemente com sua segurança, a interdependência dá aos Estados um incentivo para iniciarem conflitos (WALTZ, 1979; MASTANDUNO, 2003). Já em uma outra linha da teoria realista, afirma-se que o comércio não exerce um efeito significativo sobre o uso da força e conflitos (LEVY, 1998, p. 149; RIPSMAN; BLANCHARD, 1996, p. 40; BUZAN, 1984, p. 597). Por isso, Buzan (1984) defende que a relação econômica entre países é um conceito subordinado à política e não há

[2] Outro motivo para entrar em conflitos é garantir acesso contínuo aos produtos. Esse ponto de vista dos realistas encontra suas raízes nos mercantilistas que viam a expansão imperial impulsionada pela necessidade do Estado de construir um poder relativo, garantindo maior controle sobre as fontes de suprimento e mercados (COPELAND, 1996, p. 11).

sentido em se discutir acerca do impacto da estrutura econômica sobre a segurança internacional (BUZAN, 1984, p. 623).

Assim, cada corrente teórica explica o efeito de interdependência econômica na política e na segurança de forma diferente: negativo, positivo ou ausente. Porém, na era Pós-Segunda Guerra Mundial, os recursos que dotaram as nações de poder se tornaram mais variados e complexos, diferentemente do até então, quando a força militar dominava as demais agendas. Entre novos recursos, Keohane e Nye (1977, p. 7-9) destacaram a interdependência econômica, impulsionada pelo aumento de transações internacionais. Adicionalmente, de acordo com Hirschman ([1945] 1980, p. 13-14), que defendeu a estrutura comercial como fonte de poder entre os Estados, se comparado a outros fatores econômicos que constituem transações internacionais, o comércio exterior exerce uma grande influência na criação de poder entre os países.[3]

Para Keohane e Nye, nas relações de interdependência econômica há uma assimetria de dependência, que se torna uma fonte de influência do ator menos dependente, para afetar outros assuntos contra o ator mais dependente (KEOHANE; NYE, 1977, p. 9). Isso se dá porque a maior consequência que o país dependente ganha na interdependência comercial com seu parceiro se torna a vulnerabilidade – que pode ser manipulada pelo poder econômico dos países dominantes, detentores do controle sobre os custos e benefícios dessa relação comercial – visto que as mudanças no relacionamento custam menos para o ator dominante do que para seus parceiros (WALTZ, 1979, p. 138; MEARSHEIMER, 1990, p. 44, 1994, p. 20-21). Então, em troca da manutenção dos benefícios econômicos, cuja relevância é maior do que para o dominante, o país dependente deve pagar com políticas cooperativas (RICHARDSON; KEGLEY, 1980, p. 198). Ou seja, nessa condição de interdependência assimétrica, surgem as relações de influência e hierarquia entre países (KEOHANE; NYE, 1977, p. 7-9) e a relação comercial assimétrica funciona como uma arma eficaz para produzir os resultados desejados sobre os países dependentes (HIRSCHMAN, 1980, p. 5; LEVY, 1998, p. 150; KNORR, 1977, p. 102 apud WAGNER, 1988, p. 461). Dessa forma, quando a interdependência extensiva restringe decisões políticas do país dependente, ameaçando a autonomia do país, podem surgir tensões com o país dominante (BARBIERI, 1996).

De acordo com Hirschman (1980, p. 18), o tamanho da influência que um país dominante possui depende do lucro total que o dependente ganha desse comércio bilateral,

---

[3] Friedrich List foi o primeiro a discutir a assimetria de poder entre os Estados, no seu livro, Sistema Nacional de Economia Política (1841).

em que o ganho do comércio equivale ao empobrecimento que seria causado a ele quando houver interrupção do comércio. Por isso, se as exportações se concentram em algum país, esse importador poderá exercer influência em prol de uma atitude favorável para o Estado cujas importações devem sua existência. Afinal, o importador sabe que o exportador terá dificuldade de ajuste em caso de perda dessas exportações (Ibid., p. 29). Portanto, quanto mais dependente uma nação, maior a probabilidade de ela ser subordinada em termos de política, atendendo aos desejos da nação dominante (ARMSTRONG, 1981, p. 408; RICHARDSON, 1976, p. 1100) e maior a possibilidade de ser ameaçada com a interrupção do comércio (HIRSCHMAN, 1980). Sendo assim, em termos políticos, com a finalidade de reduzir a dependência e a subordinação, Hirschman (Ibid., p. 31) defende que há necessidade dos países com economia pequena, que tendem a ter concentração geográfica de exportação mais alta do que países com economias maiores (MICHAELY, 1958, p. 735), reduzirem a parcela de suas trocas com países maiores, para que a integração de economias de países pequenos com as dos grandes seja mantida em um nível mínimo compatível com seu bem-estar econômico.[4]

A diminuição da concentração geográfica excessiva de exportação em um pequeno número de países ou regiões pode ser realizada a partir da diversificação de exportações para outros mercados (RICHARDSON, 1976; MICHAELY, 1958; HIRSCHMAN, 1980, p. 31). De acordo com Hill, Hitt, e Hokinsson (1992, apud HINLO; ARRANGUEZ, 2017, p. 1), a diversificação geográfica de exportação é a "expansão através das fronteiras de regiões e países para diferentes localizações ou mercados geográficos." A necessidade de diversificação de mercados pode ser melhor entendida à luz de duas dimensões de interdependência econômica introduzidas por Keohane e Nye: sensibilidade e vulnerabilidade.

Segundo os autores, sensibilidade se refere aos custos e prejuízos que o país recebe ainda dentro de seu quadro político existente, na ausência de modificação de políticas em um curto período. Entretanto, vulnerabilidade se refere aos custos das mudanças externas na presença de alternativas e novas políticas. Nesse sentido, pode-se deduzir que quanto maior

[4] Porém, Richardson argumenta que a concentração geográfica de exportação é uma questão relativamente menos grave. Isso porque, embora o país perca um mercado importante de exportação, continuará tendo outros mercados ainda disponíveis. Segundo ele, pela ordem de significância: (1) quanto menos economicamente desenvolvido for o país (2) quanto mais alta a dependência da exportação na economia nacional do país, (3) quanto mais alta a concentração de produtos de exportação do país, e (4) quanto mais alta a concentração de mercados de exportação do país, mais são afetadas as exportações de um país (RICHARDSON, 1976, p. 1100-1).

a dependência de um país de seu parceiro comercial, mais alta é a sensibilidade, pois o impacto econômico de interrupção do comércio seria grave. Assim quanto menor a quantidade de mercados alternativos de um país, mais custoso é trocar seus mercados de exportação, ou seja, mais alta a vulnerabilidade, porque é difícil desviar a exportação (KEOHANE; NYE, p. 10-11). Por isso, a diversificação de mercados de exportação pode se tornar uma medida efetiva para diminuir a sensibilidade e vulnerabilidade de um país.

Além disso, servir a um número maior de mercados de exportação pode proteger o país exportador de flutuações e volatilidade que são transmitidas por laços comerciais com o país importador, diversificando o risco de exposição a choques externos e diminuindo a volatilidade de exportações que vêm de mercados específicos, tais como flutuações de demanda (HADDAD et al., 2013; BACCHETTA; JANSEN; PIERMARTINI, 2007, p. 4-9; ARMSTRONG, 1981, p. 403). Ademais, vale ressaltar a afirmação de Haddad et al (2013) de que, independentemente do efeito positivo ou negativo de abertura comercial sobre a volatilidade econômica, o nível de diversificação das exportações – tanto de setores quanto de mercados – contribui para a redução do efeito da abertura sobre a volatilidade. E essa estratégia vale ainda mais para os países cuja exportação é uma das fontes principais de sustentação da economia nacional, em meio às incertezas crescentes do comércio internacional desde a Crise Financeira Mundial em 2008 (MIN et al., 2011) e agravada pelas competições e crises entre EUA e China no período mais recente.

Contudo, vale destacar que, para que um país apresente dependência comercial, além de ser concentrado em alguns mercados dominantes, também é necessário que o comércio exterior exerça papel vital em sua economia (ARMSTRONG, 1981, p. 409; RICHARDSON, 1976, p. 1102; HIRSCHMAN, 1980, p. 30). Quanto mais uma sociedade depende de transações no exterior, mais seu bem-estar está em jogo nessas transações (ARMSTRONG, 1981, p. 402-403). Assim, para descobrir o quanto um país está exposto à sensibilidade e vulnerabilidade em relação a seu parceiro comercial dominante, pode-se analisar alguns fatores como: a) a parcela que o comércio, especialmente as exportações, responde na economia do país dependente, o que é medido, por exemplo, pelo grau de abertura comercial da economia; b) o tamanho de concentração das exportações que o país tem com seus parceiros comerciais; e c) o nível de assimetria na interdependência comercial com os principais mercados de exportação.

A medida mais frequentemente usada para demonstrar a abertura comercial é a soma das exportações e importações de bens e serviços, ou seja, o volume comercial, em relação

ao PIB do país (HADDAD et al., 2013). Entretanto, há discordância e ambiguidade referentes à definição e medida de abertura comercial na literatura (SQUALLI; WILSON, 2011, p. 1746-7; LLOYD; MACLAREN, 2002, p. 68; ALCALÁ; CICCONE, 2002). Primeiramente, de acordo com Birdsall e Hamoudi (2002, p. 4), essa medida comum não reflete o preço dos produtos de exportação. Até o início de 1980, os países não globalizados apresentavam relações (comércio/PIB) mais altas do que os globalizados[5], devido aos preços altos das exportações desses países, principalmente das commodities. Porém, desde quando os preços das commodities caíram, a receita de exportação e a capacidade de importação baixaram, piorando o índice de abertura comercial dos países não globalizados, enquanto os preços relativos dos produtos manufaturados exportados pelos globalizados aumentaram, melhorando nível de abertura comercial desses países. Em outras palavras, é a estrutura dos preços mundiais que cria a baixa abertura comercial dos não globalizados e a alta abertura comercial dos globalizados, que não é observada na medida do volume comercial em relação ao PIB.

Segundo, dividindo o comércio realizado por PIB, a medida penaliza países cujas economias são grandes e isso faz com que tenham o índice de abertura invertido com o tamanho da economia do Estado. Ou seja, ter um alto índice de abertura comercial pode implicar em um país com a economia nacional relativamente pequena, mas não que a economia do país seja aberta. De acordo com a análise feita por Squalli e Wilson, com dados de 2000, os EUA, Japão, Argentina, Brasil e Índia foram definidos como países com economia fechada por terem economias domésticas grandes. Por outro lado, Estônia, Hong Kong, Luxemburgo, Malásia, e Cingapura foram categorizados como países com economia mais aberta, devido a seu pequeno tamanho de economia (SQUALLI; WILSON, 2011, p. 1748-1751; FRANKEL, 2009, p. 48).

Por conta das controvérsias quanto ao uso dessa medida, algumas alternativas foram propostas para medir a abertura comercial. Dentre elas, esta pesquisa adota dois índices: o *World Trade Share* (WTS) e o *Compost Trade Share* (CTS) introduzidos por Squalli e Wilson (2011). Eles incluíram a contribuição relativa que um país faz para o comércio mundial ao medir a abertura comercial. O WTS é a soma de exportações e importações de um país dividida pelo comércio mundial, conforme a expressão (1), em que X é exportação,

[5] No trabalho, Birdsall e Hamoudi usaram o termo “globalizados” para vinte e quatro países em que a relação comércio/PIB aumentou drasticamente durante as décadas de 1980 e 1990, e “não-globalizados” para o restante dos países, cuja maioria exportava principalmente commodities (BIRDSALL; HAMOUDI, 2002).

M é importação, j é um conjunto de países do mundo que fazem comércio cujo número total é n, e i é o país que se pretende analisar. Quanto maior o $WTS_i$, mais o país participa do comércio mundial e, portanto, mais aberta é a economia de um país (SQUALLI; WILSON, 2011, p. 1752-3).

$$WTS_i = \frac{(X+M)_i}{\sum_{j=1}^{n}(X+M)_j} \qquad (1)$$

Por outro lado, o $CTS_i$ representa a relação da abertura comercial medida pelo comércio sobre PIB, que os autores chamam de *Trade Share* (TS), ajustado pela proporção do comércio do país em relação ao comércio mundial médio. Quando o país é um dos principais contribuintes para o comércio mundial, com participação maior do que a média mundial, $(n * WTSi)$ é maior que 1, e o $CTS_i$ é maior que $TS_i$ (SQUALLI; WILSON, 2011, p. 1757-8). O *Compost Trade Share*, considerando as mesmas definições do $WTS_i$, pode ser representada pela fórmula (2).

$$CTS_i = \frac{(X+M)_i}{\frac{1}{n}\sum_{j=1}^{n}(X+M)_j} * \frac{(X+M)_i}{PIB_i} = (n * WTS_i) * TS_i \qquad (2)$$

A abertura comercial medida como o volume comercial em relação ao PIB captura apenas a dimensão doméstica, enquanto o WTS apenas diz respeito às dimensões globais. Ao combinar esses dois em uma única medição, o CTS consegue capturar a multidimensionalidade da abertura comercial. Adicionalmente, como o CTS leva em consideração os dois índices, o ajuste nem sempre é extremo (SQUALLI; WILSON, 2011, p. 1758-1760). Ou seja, em conjunto, o TS, o WTS e o CTS analisam o grau de abertura comercial da economia de um país em várias vertentes. Todavia, enquanto os índices de abertura comercial mostram de forma agregada o quanto a economia do país pode estar vulnerável ao mercado mundial, não exibem o tanto que o país é suscetível a choques de parceiros comerciais específicos. Esse aspecto pode ser observado por meio de índices de concentração geográfica de exportação e, nesse trabalho, duas formas de medir a concentração de mercados de exportação serão calculadas.

O primeiro é o Herfindahl Hirschman Index (HHI), cuja fórmula é dada pela expressão (3). O HHI é um dos índices mais frequentemente usados para medir concentração ou diversificação de mercados ou de produtos de exportação, em que $X_{ij}$ é a exportação do

país i para o país j e j é um conjunto de países cujo número total é n. $X_i$ é a exportação total do país i. Em outras palavras, HHI é a soma dos quadrados de *Market Share* de todos os mercados. Quando o HHI é menor ou igual a 0,01, a exportação é altamente diversificada; entre 0,01 e 0,15, a exportação é diversificada; entre 0,15 e 0,25 pode-se dizer que a exportação é moderadamente concentrada e, por fim, quando o HHI é maior do que 0,25, sendo próximo a 1, mais concentrada é a exportação em torno de poucos mercados (produtos), ou seja, os mercados não são diversificados (HESSE, 2008; RHOADES, 1993; HINLO; ARRANGUEZ, 2017; U.S. Department of Justice[6]).

$$HHI_i = \sum_{j=1}^{n} \left(\frac{X_{ij}}{X_i}\right)^2 = \sum_{j=1}^{n} (MS_j)^2 \qquad (3)$$

O segundo indicador é a Razão de Concentração CR4, isto é, a soma de participações de quatro maiores mercados de exportação sobre a exportação total do país, onde $E_1$, $E_2$, $E_3$, e $E_4$ são valores de exportações do país i para os quatro maiores mercados, j é um conjunto de países cujo número total é n. Quando CR4 é igual ou maior que 50%, sua exportação é considerada altamente concentrada (ALBARRAN; DIMMICK, 1996, p. 44).

$$CR4_i = \frac{(E_1+E_2+E_3+E_4)}{\sum_{j=1}^{n} E_j} \qquad (4)$$

Em complemento aos índices de concentração de exportação, os indicadores de Barbieri (1996) analisam a posição de um país na dimensão bilateral em relação a seu parceiro comercial, ou seja, o grau de interdependência dessa relação, considerando dois fatores: a saliência e a simetria, que são baseados na participação comercial dos dois países (*trade share)*. A participação comercial i (j) mede o comércio bilateral (a soma de exportação e importação) entre os países i e j em relação ao total do comércio do país i (j).

A $\text{Saliência}_{ij}$ mensura a importância da relação comercial entre os países i e j. De acordo com a expressão (5), o índice é medido em função das participações comerciais dos dois parceiros comerciais. O valor do índice varia de 0 a 1, e quanto mais próximo a 1 (zero), maior (menor) é a relevância da relação comercial bilateral para ambos os países.

[6] Disponível em: **https://www.justice.gov/atr/herfindahl-hirschman-index.** Acesso em: 22 de junho de 2020.

$$Saliência_{ij} = \sqrt{Participação\ Comercial_i * Participação\ Comercial\ _j} \qquad (5)$$

O segundo indicador é a Simetria, que mede a igualdade de dependência entre dois parceiros. A $Simetria_{ij}$ é calculada a partir da diferença entre a participação comercial do país i e do país j, conforme a expressão (6). O valor de simetria também varia de 0 a 1. Quanto mais alto (baixo) o valor, há maior simetria (assimetria) na interdependência dos dois Estados na relação comercial bilateral.

$$Simetria_{ij} = 1 - \left|Participação\ Comercial_i - \ Participação\ Comercial_j\right| \quad (6)$$

Por último, a $interdependência_{ij}$ entre os Estados i e j é medida pela interação dos indicadores de saliência e simetria, conforme a expressão (7) (BARBIERI, 1996, p. 36-37).

$$Interdependência_{ij} = Saliência_{ij} * Simetria_{ij} \quad (7)$$

Em 1941, Carr escreveu que, no futuro, os Estados enfrentariam o dilema do sistema internacional: a procura de um equilíbrio entre a autodeterminação e a independência política, por um lado, e a dependência econômica, por outro (CARR, 1941 apud CAPORASO, 1978, p. 16). Cooper (1968) também afirmou que essa questão, isto é, como manter os benefícios de interação econômica internacional profunda, ao mesmo tempo em que se preserva o nível elevado de liberdade, é o desafio mais crucial que os Estado confrontam na época de hoje (COOPER, 1968 apud ARAD; HIRSCH; TOVIAS, 1983, p. 20). A Coreia do Sul, um país do nordeste asiático cujas exportações ocupam uma grande proporção de sua economia nacional, não é exceção nesse assunto, sendo que tal tema tem sido um dos problemas mais recorrentes nos últimos anos, impedindo manter um nível estável de exportação, restringindo decisões políticas, ameaçando a autonomia do país, e provocando tensões com os principais parceiros comerciais.

Como será visto no Capítulo 3, a Coreia do Sul tem apresentado um alto nível de abertura comercial desde a década de 1980, a partir do 5º Plano Quinquenal (1982-1986), e suas elevadas exportações estão concentradas em torno de poucos mercados historicamente (atualmente a China e os Estados Unidos da América são o primeiro e segundo mercados, respectivamente), acarretando em uma construção assimétrica das relações comerciais

coreanas. Para entender como e por que a exportação sul coreana veio a ter tais caraterísticas, é preciso compreender a função e a trajetória das exportações no contexto de desenvolvimento econômico da Coreia. No próximo capítulo são introduzidas as três correntes que explicam o desenvolvimento econômico da Coreia do Sul e sua relação com as exportações do país. Na sequência, com base nos indicadores apresentados neste capítulo, realizam-se análises quantitativas sobre a abertura comercial, concentração geográfica e interdependência comercial assimétrica das exportações do país, a fim de expor empiricamente as caraterísticas das exportações coreanas.

# 3 EXPORTAÇÕES COREANAS

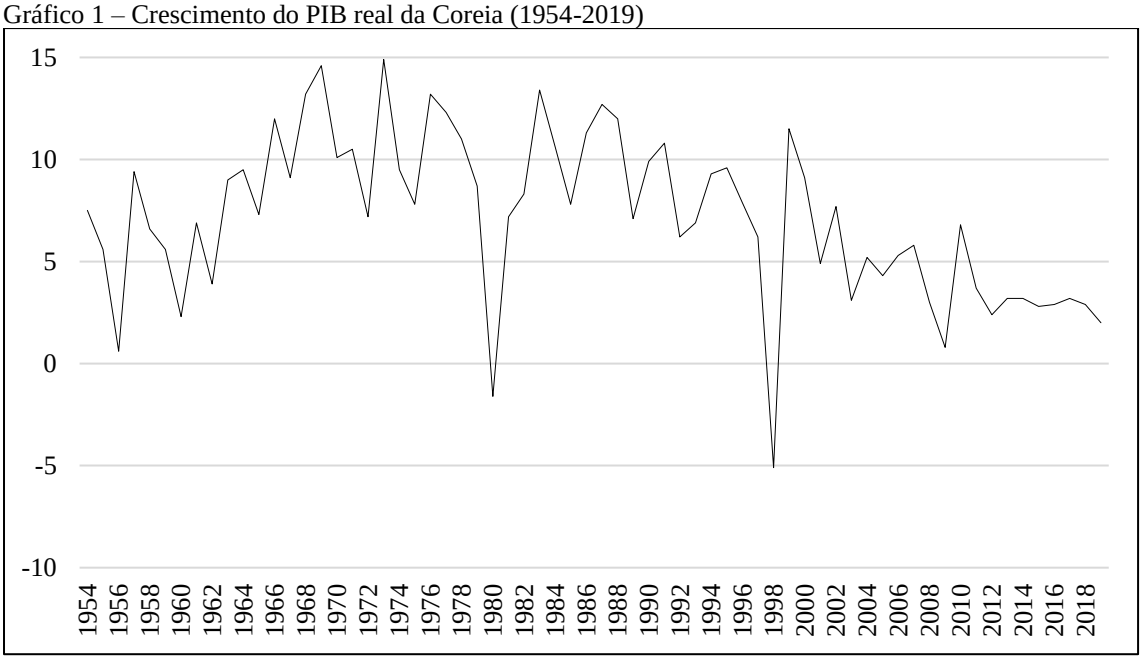
No capítulo anterior foi abordado como a interdependência comercial assimétrica pode conceder, ao país dominante, um poder econômico que este pode executar para manipular a contrapartida dependente, tendo controle sobre os lucros e custos do comércio bilateral (HIRSCHMAN, 1945 [1980]; KEOHANE; NYE, 1977; LEVY, 1998; WALTZ, 1979; MEARSHEIMER, 1990, 1994; WAGNER, 1988; ARMSTRONG, 1981; RICHARDSON, 1976). Ademais, discutiu-se que a sensibilidade e vulnerabilidade que emergem dessa estrutura comercial assimétrica aumenta de acordo com a parcela que as exportações assumem na economia do país e o tamanho de concentração das exportações que o país tem com seu parceiro comercial (KEOHANE; NYE, 1977; HIRSCHMAN, 1980; BLAU, 1964 apud ARMSTRONG, 1981; ARMSTRONG, 1981; RICHARDSON, 1976). Um bom exemplo cujas exportações representam esse perfil é a Coreia do Sul; o país asiático tem abertura comercial, concentração de exportação e interdependência comercial assimétrica altas em relação aos seus maiores parceiros comerciais: a China e os EUA. Diante desse cenário, a Coreia tem passado, nos últimos anos, por um dilema entre sua autonomia política e a dependência econômica apontado por Carr (1941) e Cooper (1968 apud ARAD; HIRSCH; TOVIAS, 1983, p. 20).

Portanto, neste capítulo, tendo como base a discussão sobre os três conceitos de comércio (abertura comercial, concentração geográfica das exportações e interdependência comercial assimétrica), serão investigadas as exportações coreanas e o desafio enfrentado pela Coreia nas relações bilaterais com os EUA e a China dada a estrutura exportadora do país. Será construído, assim, o argumento sobre a necessidade da Coreia do Sul dispersar suas exportações altamente concentradas nos dois países, para reduzir a vulnerabilidade frente aos dois países. No entanto, antes de mais nada, faz-se necessário estabelecer os fundamentos para a compreensão acerca de como as exportações vieram a ocupar uma grande parte da economia nacional coreana, sendo uma das fontes essenciais na economia do país. Para isso, introduz-se, primeiro, a discussão sobre o desenvolvimento econômico da Coreia, com foco em três correntes: a neoclássica, a da literatura do Estado Desenvolvimentista, e o debate dos defensores de um cenário externo favorável para o crescimento e o aproveito dessa oprtunidade (LIMA et al., 2013; LIMA, 2017).

## 3.1 A exportação coreana no contexto de desenvolvimento econômico

Desde meados da década de 1960 até o início dos anos 2000, a Coreia do Sul mostrou um avanço notável em seu desenvolvimento econômico. Como ilustra o Gráfico 1, com raras exceções nesse período, o crescimento anual do PIB se manteve acima dos 5% ao ano. Desde a segunda metade da década de 2000, entretanto, apesar de o crescimento anual ainda ser positivo, a Coreia não obteve mais o desempenho passado, mostrando estagnação do crescimento econômico do país.

Gráfico 1 – Crescimento do PIB real da Coreia (1954-2019)




Unidade: % Fonte: Bank of Korea.[7]

O desenvolvimento econômico que a Coreia do Sul alcançou de década de 1960 até a década de 1980 se tornou um tema bastante citado e estudado pela academia internacional. Inúmeras análises foram realizadas referentes a qual foi o fator essencial do sucesso econômico da Coreia.[8] As discussões podem ser agrupadas em três categorias de forma abrangente: a corrente neoclássica, a literatura do Estado Desenvolvimentista, e o debate dos defensores de um cenário externo benéfico e aproveito estratégico dessa configuração internacional (LIMA et al., 2013; LIMA, 2017). A primeira corrente, a ortodoxa liberal de

[7] Acesso em 21 de setembro de 2020.

[8] Os estudos sobre o desenvolvimento econômico sul coreano geralmente tratam de Taiwan, Cingapura, e Hong Kong que formam os quatro tigres asiáticos juntamente com a Coreia do Sul. No entanto, a pesquisa, ao apresentar esses debates, foca no caso da Coreia.

cunho neoclássico, atribui o expressivo crescimento econômico à transição de modelo de industrialização de *Import Substitution Strategy* para a *Export-led growth strategy*, à abertura de mercado, à promoção de atividades de exportação, e à inserção no mercado internacional (BALASSA, 1971; BANCO MUNDIAL, 1993; KRUGUER, 1998; SRINIVAZAN; BHAGWATI, 2001; GREENAWAY, 2002; PANAGARIYA, 2004; YOON, 1999). Essa corrente argumenta que o papel do Estado era extremamente limitado (CAPORASO; LEVINE, 1992 apud YANG, 2005, p. 3), apenas criando um arcabouço institucional adequado para estimular o investimento privado (como políticas macroeconômicas estáveis, abertura a tecnologias avançadas e a privatização de empresas estatais), incentivando o mercado para que funcionasse perfeitamente (LIMA et al., 2013; LIMA, 2017; BANCO MUNDIAL, 1993).

De acordo com os neoclássicos, na década de 1950, a Coreia do Sul, ao executar a política de substituição de importação para bens de consumo não duráveis e insumos intermediários, utilizou barreiras comerciais como múltiplas taxas de câmbio, restrições quantitativas discricionárias e altas tarifas. Desde o final da década de 1950, com as distorções devido a intervenções excessivas do Estado, as indústrias nacionais se tornaram ineficientes, com baixa competividade internacional (LIMA, 2017), e ocorreram efeitos colaterais como: desestímulo de exportações, proporção de importação respondendo a menos do que 10% do consumo doméstico, escassez de moeda estrangeira (causada também pela redução de ajuda financeira dos EUA), dificuldade na balança de pagamento e crescimento econômico lento (CHOI, 2010, p. 214). Adicionalmente aos problemas endógenos centrais, como um limitado mercado doméstico e a escassez de recursos naturais, somou-se a falta de tecnologia, impedindo o país de ampliar o escopo das substituições por importações para produtos intermediários, máquinas, e bens de consumo duráveis, além de criar novas indústrias (RODRIK, 1995, p. 1; CHANG, 1994, p. 97-8; KIM, 1985 apud PANAGARIYA, 2004, p. 1153-4; BALASSA, 1971, p. 55-60).

Notada essa fraqueza, os neoclássicos defendem que a mudança definitiva começou em 1963, com a alteração da Estratégia de Substituição por Importação para *Export-led*. Para iniciar a liberalização comercial, o governo coreano implementou uma série de reformas visando estimular as exportações e as importações com a finalidade de se inserir no mercado internacional (CHOI, 2010). Uma das principais alterações ocorreu nas políticas de câmbio, com a finalização do regime de múltiplo câmbio e a desvalorização da moeda em 1961 e em 1964 (de 65 won para 255 won por dólar) (KIM, 1985 apud PANAGARIYA, 2004, p. 1154).

Com uma taxa de câmbio mais realista, as atividades exportadoras se tornaram mais lucrativas, permitindo à Coreia a se especializar em sua vantagem comparativa e a obter ganhos em comércio (CHANG, 1994, p. 98; BALASSA, 1971, p. 64-66). O governo ofereceu crédito e subsídio, reduziu tarifas, barreiras e impostos e incentivou as exportações. Esses incentivos aumentaram a rentabilidade de exportações, ajudando a melhorar a balança de pagamento do país (BALASSA, 1971, p. 62-3; LIMA, 2017, p. 592). Dessa forma, a exportação funcionou como um dos principais impulsionadores do PIB desde o final de década de 1960 (STIGLITZ, 2002, p. 2; KRUGUER, 1998, p. 1514; BANCO MUNDIAL, 1993).[9]

A segunda linha que busca explicar o sucesso econômico da Coreia é a teoria do Estado desenvolvimentista. Esta alega que o rápido crescimento econômico e a transformação da estrutura industrial da Coreia não se devem apenas às forças do mercado, como afirmam os neoclássicos, mas foram modelados por uma ampla intervenção estatal realizada em várias dimensões das políticas econômicas ao longo do período de alto crescimento (LIMA, 2017; KRUEGER, 1998, p. 1514; HAGGARD, 1990; 2013, p. 57; LUEDDE-NEURATH, 1988; CHANG, 1993, 1994, p. 101, 108-9; RODRIK, 1995; 1996). Os defensores desta linha afirmam que, para entender o notável crescimento e "upgrading do parque industrial" (LIMA, 2017, p. 586) da economia coreana, é necessário analisar quais outras medidas complementares às políticas comerciais foram executadas (HAGGARD, 1990, p. 40-46). De acordo com os desenvolvimentistas, o desenvolvimento do país foi realizado de forma bem planejada e ordenada, representados nos cinco Planos Quinquenais[10] que tornou possível a industrialização eficaz, coordenação da relação entre o Estado e o mercado por meio dos fundamentos políticos, institucionais e financeiros, com investimento na infraestrutura, sistematizando as transferências tecnológicas, e fornecendo uma força de trabalho adequada com competência e disciplina industrial (CHANG, 1993, p. 153-154; LIMA, 2017).

Ainda, os autores desta linha argumentam que a intervenção do Estado foi bastante explícita nas políticas industriais executadas nas décadas de 1960 e 1980. De acordo com

---

[9] Helleiner (1973, p. 25) defendeu a necessidade de um país pequeno em desenvolvimento criar indústrias que dependam das exportações, pois um pequeno mercado doméstico não tem capacidade suficiente para sustentar o crescimento econômico do Estado.

[10] Os Planos Quinquenais foram inicialmente estabelecidos no gabinete de Chang Myon (12 de agosto de 1960 - 16 de maio de 1961) mas foram executados no governo posterior de Park Chung Hee que provocou May 16 Coup e assumiu poder.

Chang (1994, p. 110), o governo designou certas indústrias com potencial de crescimento de alta produtividade como indústrias estratégicas, especialmente de tecnologias intensivas. Além disso, o Estado estimulou a diversificação da pauta de produção, com incentivos e subsídios, promovendo a entrada de novas empresas, mobilizou recursos domésticos e estrangeiros, alocando-os em setores escolhidos (LIMA, 2017), e controlou instituições financeiras como bancos estatais para propiciar fundos de investimento, empréstimos, e subsídios para essas empresas (CHANG, 1993, p. 153-154; KUK, 2008, p. 218-9). Ao mesmo tempo, o governo aplicava uma dinâmica de desempenho para as empresas com punições caso estas não alcançassem os objetivos econômicos prometidos (AMSDEN, 1989 apud LIMA, 2017, p. 593-596).[11]

Por fim, a terceira corrente afirma que o ambiente geopolítico externo, principalmente com relação aos EUA e ao Japão, beneficiou o crescimento econômico e a transformação econômica estrutural da Coreia, propiciando oportunidades para que o país asiático mantesse um crescimento elevado e contínuo (CHO, 2001 apud LIMA et al, 2013; LIMA, 2017; MOON; CHUNG, 2014). No sistema mundial pós-guerra, a aliança militar com os EUA, que foi estabelecida em 1950 durante a guerra civil na península coreana, fazia parte de uma grande estratégia dos EUA. Eles tinham como finalidade manter a primazia militar global, ao mesmo tempo em que tentaram expandir a ordem econômica liberal (STOKES, 2017; BROOKS et al., 2012, p. 11; IKENBERRY, 2011), criando a interdependência comercial com seus aliados (STOKES, 2018, p. 138) na crença de que países prósperos se tornam melhores parceiros de segurança (PANG, 2007, p. 9) e que a integração desses países da região beneficiaria o sistema de segurança mundial, dissuadindo a União Soviética (IKENBERRY, 2004, p. 357; SOHN; KOO, 2011, p. 455). Para tanto, os EUA permitiram aos seus aliados o apoio financeiro, o acesso quase ilimitado ao mercado americano, a transferência tecnológica e investimento, recebendo, em troca, apoio diplomático e logístico, o que possibilitou a consolidação da *American-centered, anti-Communist postwar order* na Ásia. Dito de outra forma, o sucesso do desenvolvimento orientado pelas exportações realizado pela Coreia do Sul, existiu dada a disposição dos EUA de aceitar as importações desses países e de tolerar déficits comerciais. Assim, a ordem militar entre a Coreia e os EUA

[11] Os neoclássicos explicam que embora pareçam primordiais a intervenção do Estado e as políticas dirigidas por governo, as atividades de emprendedores no setor privado eram mais significantes para que os países asiáticos alcançassem o crescimento elevado. Ou seja, apesar de aceitar a função do Estado no desenvolvimento dos países do Leste Asiático, definem que a intervenção foi prudente e limitada (BANCO MUNDIAL, 1993 apud CHO, 1997, p. 51).

tem se entrelaçado com a evolução das relações econômicas regionais (IKENBERRY, 2004; HIGGOTT, 2004).

Em relação ao Japão, tendo sido normalizadas as relações diplomáticas e comerciais em 1965, a Coreia participou da rede comercial intraindustrial de manufatura liderada por aquele país, realizando transferência de tecnologia e recebendo investimentos e recursos japoneses, que fundaram a base de investimento das indústrias nacionais coreanas (CHO, 2001 apud LIMA et al., 2013, p. 31). A Guerra do Vietnã também se tornou um promotor da economia coreana, possibilitando a inserção da Coreia no setor de construção civil no exterior, transporte e indústria, cedido pelos EUA (CHO, 2001 apud LIMA, 2017, p. 597-599).

Neste ponto, vale notar que embora cada linha de explicação aborde a exportação de forma diferente e atribui sua importância em diferentes graus, admite-se, em cada forma, o papel das exportações no processo de desenvolvimento coreano. A teoria do Estado Desenvolvimentista não nega que o estímulo das exportações fez parte do projeto nacional de desenvolvimento. A corrente do contexto geopolítico vantajoso e aproveito dessa oportunidade – ao defender que a exportação ilimitada aos EUA, a participação no comércio intra-industrial na região asiática liderada pelo Japão, e a inserção da Coreia no mercado de construção e de indústria após a guerra do Vietnã, beneficiaram o crescimento da Coreia – acaba reconhecendo a função da exportação para o país asiático no período de alto crescimento.

Desde a décadade 1980, especialmente nos 1990, a Coreia do Sul acelerou o seu processo de abertura econômica, com sua entrada, em 1996, na Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Porém, de 1997 a 1998, o país enfrentou a Crise Financeira Asiática e, como consequência, seguiu as orientações do Consenso de Washington (disciplina fiscal, unificação de taxa de câmbio, liberalização do comércio, estabelecimento de acordos comerciais com os principais mercados mundiais, privatização de empresas estatais, desregulamentação e flexibilização de mercado de trabalho) (MOON; CHUNG, 2014, p. 151-6; WILLIAMSON, 2009, p. 9-10; RODRIK, 1996, p. 17) o que resultou, a partir de 1999, em um reforço da abertura comercial da Coreia (PARK *et al*., 2015, p. 52). [12]

[12] Há opiniões de que a desmontagem sem estratégia do modelo de Estado desenvolvimentista e a mudança repentina para políticas neoliberais dessa época tornou a economia coreana vulnerável a choques externos e fizeram com que a Coreia perdesse dinamismo de crescimento, provocando a Crise Financeira de 1998 (KUK, 2008; MOON; CHUNG, 2014, p. 136).

A partir dos anos 2000, a Coreia elaborou em uma série de acordos de livre comércio. Em 2004 com o Chile; em 2006 com a Associação Europeia de Comércio Livre (EFTA) e Cingapura; em 2007 com os EUA e a Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN); em 2011 com a União Europeia (UE) e o Peru; e em 2015 com a China e o Canadá (2015).[13] Além de aprofundar o nível de abertura nos acordos já estabelecidos, a Coreia avançou em negociações com o Japão, a Parceria Econômica Regional Abrangente (RCEP), o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e a Rússia (Ministry of Trade, Industry, and Energy, 2020). Dessa forma, abrindo seu mercado na década de 1950 e reforçando o processo com novas iniciativas de acordos regionais no final de década de 1990 e a partir dos anos 2000, a Coreia do Sul vem estimulando suas exportações há mais de 60 anos, com significativo impacto na maior abertura econômica do país.

Tendo como base a compreensão sobre a função e relevância das exportações na economia nacional do país asiático, a próxima seção aprofunda a análise empírica sobre a estrutura exportadora coreana baseando-se em conceitos tratados no Capítulo 2: abertura comercial, concentração geográfica de exportação e interdependência comercial assimétrica das relações com os principais parceiros comerciais. Isso propiciará a base para entender como essa configuração comercial possibilitou aos EUA e à China exercerem jogos de poder contra a Coreia, com vistas a atingir seus objetivos políticos e comerciais, apontando, também, para a necessidade da Coreia do Sul de dispersar sua alta concentração de exportações nos EUA e na China para outros mercados.

## 3.2 Análise empírica da exportação coreana

Na seção anterior, ao introduzir a discussão referente ao desenvolvimento econômico da Coreia, o trabalho discutiu a função do comércio, especialmente das exportações, no desenvolvimento econômico nacional. Foi verificado que as três correntes que explicam o crescimento econômico do país asiático admitem o papel da exportação no processo de desenvolvimento coreano, apesar de adotarem pontos de vista distintos e atribuírem à exportação diferentes graus de importância.

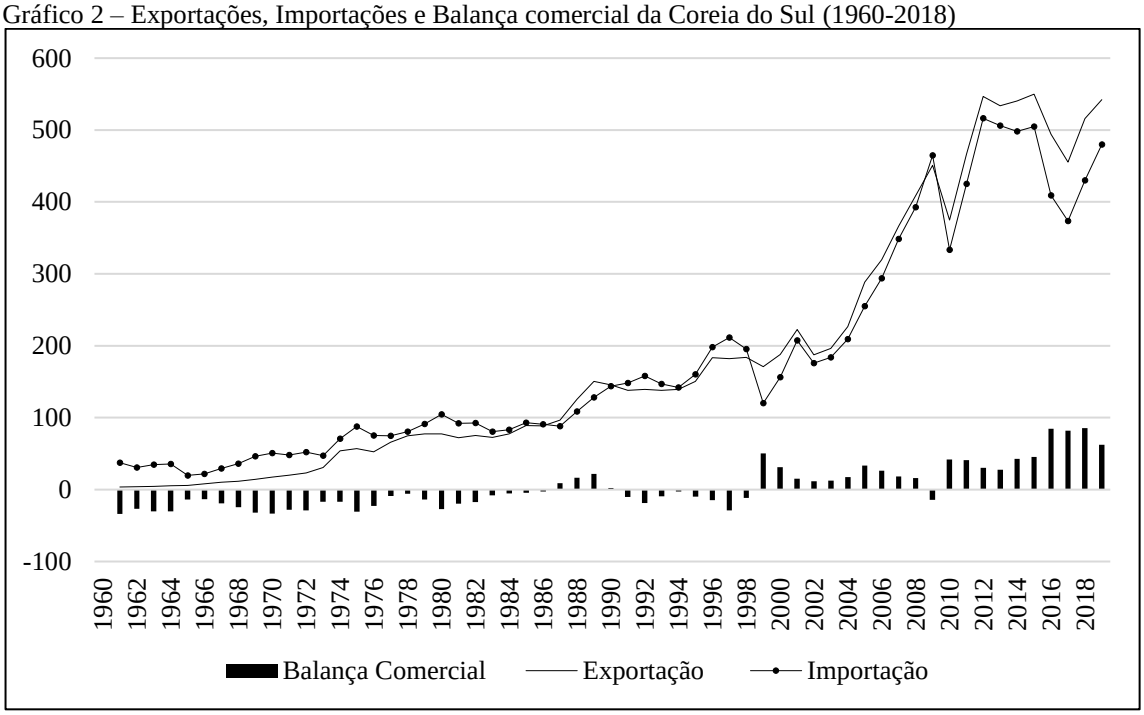
Nesta seção, analisa-se o quanto a economia da Coreia está aberta ao comércio mundial, o histórico da concentração de mercados de exportação comparado a outros

[13] S. Korea has world's 3rd largest FTA economic territory (11. 12. 2013). Acesso em 12 de junho de 2020. Disponível em: **https://www.mk.co.kr/news/english/view/2013/12/1267544/.**

exportadores mundiais, como as exportações da Coreia são distribuídas nos principais mercados e o desenvolvimento da assimetria de interdependência comercial em relação à China e aos EUA, que são os dois maiores mercados da Coreia atualmente.

Como ilustra o Gráfico 2, desde o final da década de 1960, as exportações coreanas apresentaram uma tendência de crescimento que se acentuou, especialmente, a partir dos anos 2000 – depois da queda causada pela crise financeira na Ásia, de 1997 a 1999. Novamente, as exportações sofreram com a crise financeira nos EUA, em 2009, mas retomaram sua tendência, tendo seu ápice em 2014 com 550 bilhões de dólares. Como resultado, a participação da Coreia na exportação total mundial cresceu de 0,26% em 1970 para 3,24% em 2017 e sua posição nesse quesito subiu de 53º em 1970 para 4º em 2018 (JUNG; LEE, 2018, p. 1). Ultimamente, apesar de ter marcado uma ligeira estagnação de crescimento, as exportações coreanas ao longo de 60 anos têm sido caraterizadas por uma tendência contínua de crescimento e resiliência (KIM; KWAK, 2013).

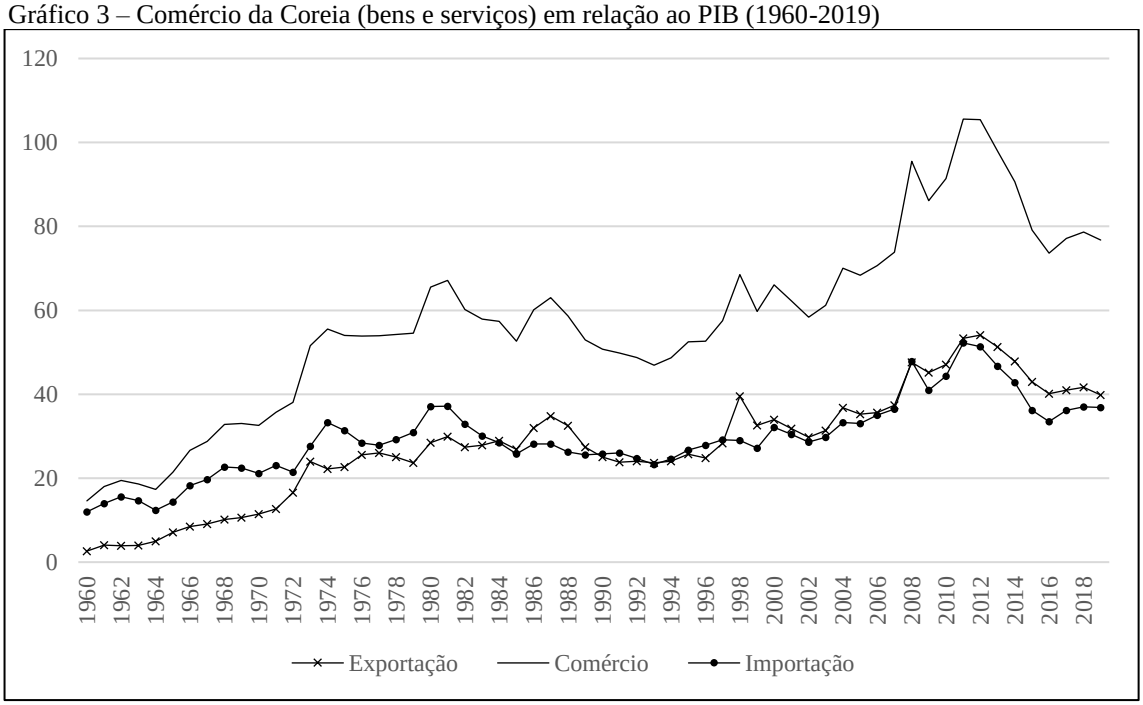
Gráfico 2 – Exportações, Importações e Balança comercial da Coreia do Sul (1960-2018)




Unidade: bilhões de dólares (Constantes 2010) Fonte: Korea International Trade Association.

Em relação aos indicadores de abertura comercial (comércio/PIB), o Gráfico 3 ilustra que em 1960 as exportações coreanas representavam 3% do PIB e as importações, 13%. Em 1981, a participação do comércio no PIB chegou a 67%. Em 2011, a participação das exportações e importações atingiu o maior nível, quase 53,3% e 52,2% do PIB, respectivamente.

Gráfico 3 – Comércio da Coreia (bens e serviços) em relação ao PIB (1960-2019)

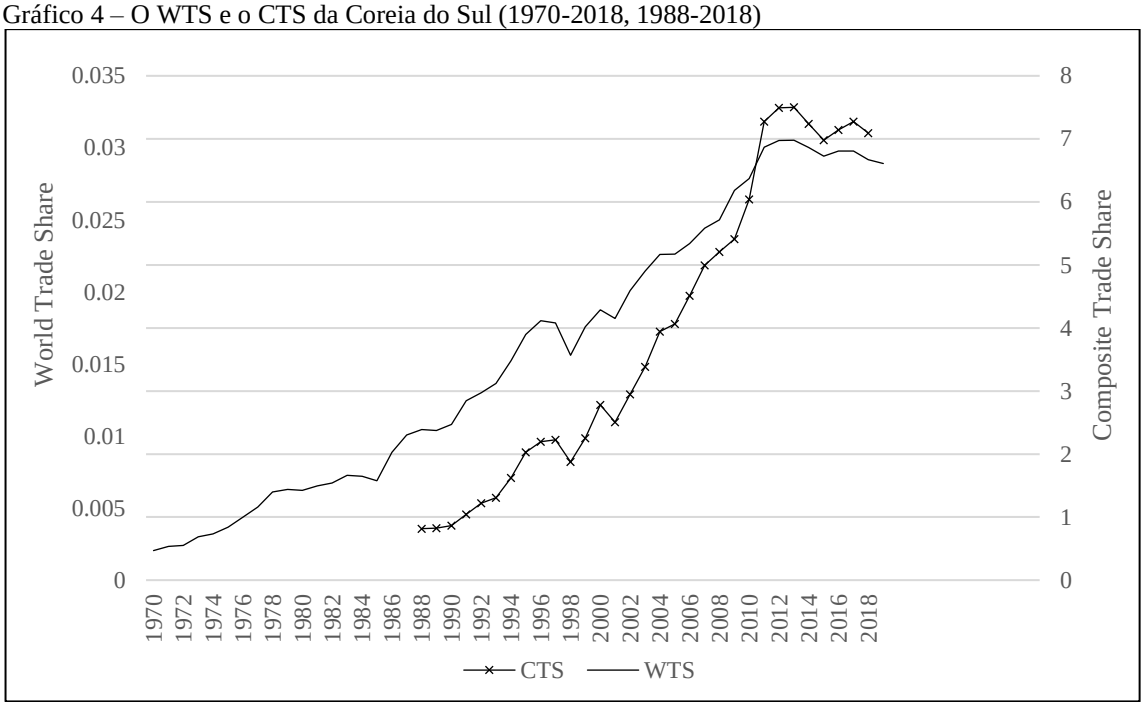



Unidade: % Fonte: Banco Mundial.[14]

Já os indicadores de abertura comercial sugeridos por Squalli e Wilson, o *World Trade Share* e o *Compost Trade Share*, discutidos no Capítulo 2, são ilustrados no Gráfico 4. Os dois índices também indicam para um crescimento drástico da abertura comercial do país. Em 1970, o WTS da Coreia foi de 0,002%, terminando 2019 com 0,028%. O CTS de 1988 foi de 0,67% e cresceu até 6,81% em 2019.

[14] Acesso em 07 de julho de 2020.

Gráfico 4 – O WTS e o CTS da Coreia do Sul (1970-2018, 1988-2018)




Nota: Devido ao limite de recolhimento dos dados utilizados para calcular WTS e CTS, foi possível selecionar somente os índices a partir de 1970 e 1988 respectivamente.
Fonte: Banco Mundial (elaboração própria).[15]

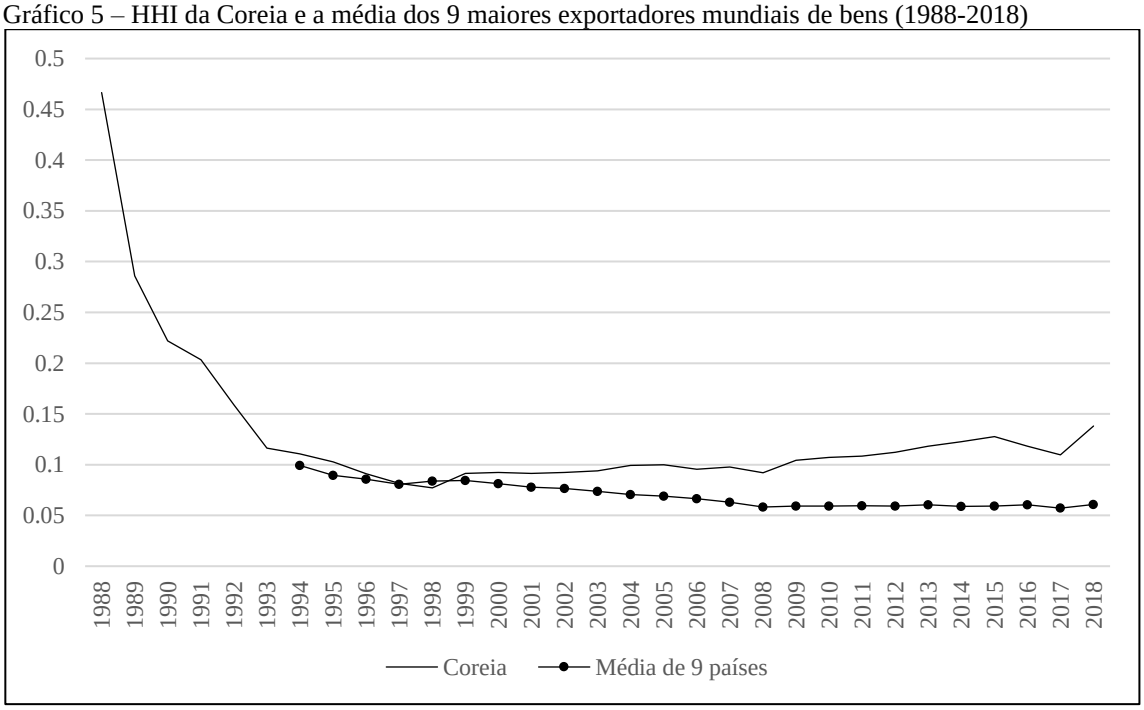
Deste modo, os três índices de abertura comercial aqui considerados apontam para a mesma direção, isto é, de que as exportações respondem por uma grande parte da economia nacional e a economia da Coreia do Sul teve uma rápida abertura à economia mundial, especialmente a partir dos anos 1980, intensificando-se a partir dos anos 1990.

Outra forte caraterística da exportação coreana é a alta concentração geográfica de mercados, como pode ser verificada pelo índice de Herfindahl-Hirschman (HHI) no Gráfico 5.[16] Segundo o indicador, no final da década de 1980, a exportação do país estava altamente concentrada em termos geográficos, com valores acima de 0,25. O índice mostra uma forte queda até a Crise Financeira Asiática em 1998, chegando a 0,13. A partir de então, o HHI coreano apresentou uma tendência estável de crescimento, atingindo aproximadamente 0,15 em 2018. Segundo Je (2013), esse aumento desde o final da década de 1990 pode ser explicado pela emergência da China como o principal mercado das exportações coreanas, com o crescimento das exportações destinadas para o país. Apesar de o HHI indicar que as

[15] Acesso em 07 de julho de 2020.
[16] Como foi explicado no Capítulo 2, quando o HHI é menor ou igual a 0,01, a exportação é altamente diversificada; entre 0,01 e 0,15, a exportação é diversificada; entre 0,15 e 0,25, a exportação é moderadamente concentrada e, por fim, quando o HHI é maior do que 0,25, a exportação é altamente concentrada (U.S. Department of Justice).
Disponível em: **https://www.justice.gov/atr/herfindahl-hirschman-index.** Acesso em: 22 de junho de 2020.

exportações recentes da Coreia não são mais altamente concentradas geograficamente, o indicador da Coreia tem se mostrado crescentemente superior à média dos nove maiores exportadores mundiais de bens de 2018.[17]

Gráfico 5 – HHI da Coreia e a média dos 9 maiores exportadores mundiais de bens (1988-2018)

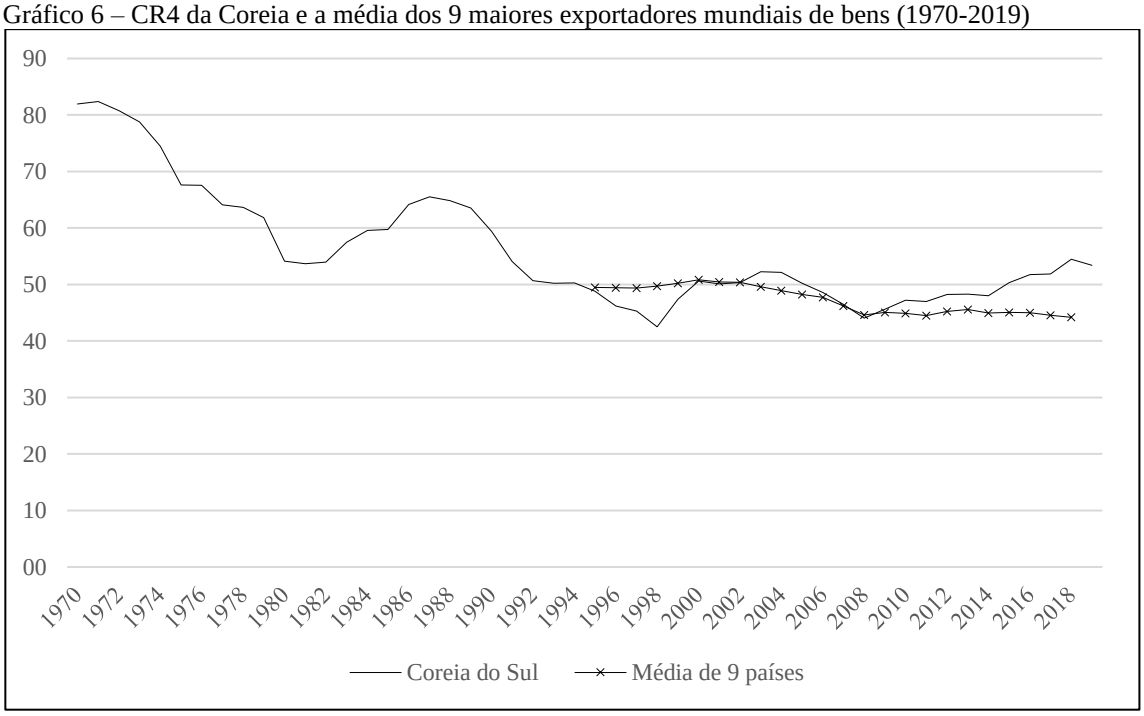



Nota: Os dados para a média dos nove maiores exportadores mundiais de bens estão disponíveis a partir de 1994. De 2004 a 2018, todos os países apresentaram HHI menor do que o da Coreia.
Fonte: Banco Mundial.[18]

A tendência de alta concentração relativa é também confirmada pelo índice de Razão de Concentração dos quatro principais destinos das exportações coreanas (CR4).[19] Conforme o Gráfico 6, a despeito do declínio do CR4 ao longo dos 50 anos de 81,9%, em 1970, para 53,4%, em 2019, ainda se mantém acima de 50%, o que indica que a exportação sul coreana é altamente concentrada em seus quatro principais mercados. Tendência que é reforçada em comparação aos principais exportadores mundiais de 2018, especialmente depois da crise financeira de 2008. Em 2019, os primeiros quatro mercados das exportações sul coreanas eram: a China (25,1%), os EUA (13,5%), o Vietnã (8,9%) e Hong Kong (5,9%).

[17] Entre os nove países, os EUA, a China, e a Alemanha têm escalas maiores de exportações do que a Coreia, mas os níveis de concentração são mais baixos.
[18] Acesso em 19 de junho de 2020.
[19] Quando CR4 é igual ou maior que 50%, pode-se dizer que a exportação é altamente concentrada (ALBARRAN; DIMMICK, 1996).

Gráfico 6 – CR4 da Coreia e a média dos 9 maiores exportadores mundiais de bens (1970-2019)

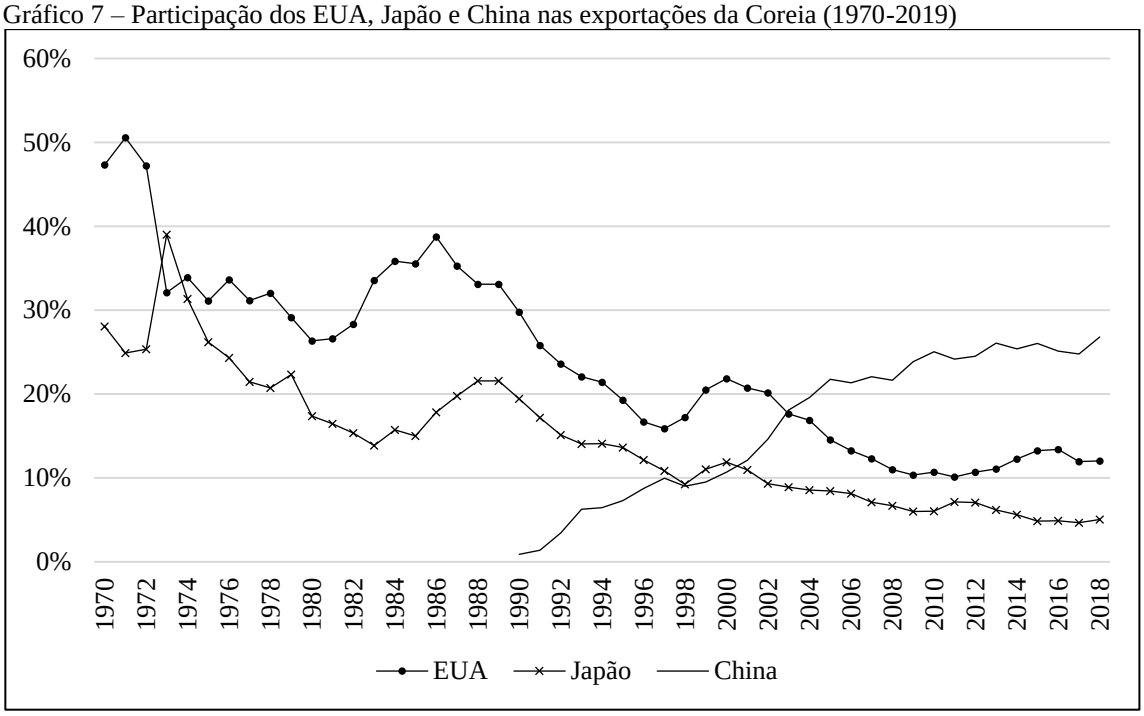



Nota: Os dados para a média dos nove maiores exportadores mundiais de bens estão disponíveis a partir de 1995.
Fonte: KITA, UN Comtrade (elaboração própria).[20]

Em suma, os índices analisados apontam para uma elevada abertura comercial e concentração geográfica das exportações coreanas, especialmente se analisado em relação aos demais grandes países exportadores. Neste ponto, vale notar que esses fenômenos não são uma tendência recente. Essa tendência fica mais evidente quando se investiga os dois primeiros mercados de exportação da Coreia. De acordo com o Gráfico 7, de 1970 a 2002, os EUA foram o principal destino das exportações coreanas, seguido pelo Japão (até 2000 e exceto em 1973, quando o Japão ficou em primeiro lugar). Por outro lado, a China, que respondeu por apenas 0,009% das exportações coreanas em 1990, surgiu como o quarto mercado em 1995 e assumiu o segundo lugar em 2001, substituindo o Japão. Enquanto a relevância dos mercados tradicionais, os EUA e o Japão, caíram a partir do final da década de 1980, a importância da China continuou aumentando, até que em 2003 assume a liderança, fortalecendo seu lugar nos anos seguintes.[21] Em 2018, destaca-se que quase 40% das exportações coreanas corresponderam exclusivamente aos dois maiores mercados, a China e os EUA, respectivamente.

[20] Acesso em 18 de junho de 2020 e 2 de outubro de 2020.
[21] Em 2019, os dez maiores mercados de exportação coreana foram: China, EUA, Vietnã, Hong Kong, Japão, Taiwan, Índia, Cingapura, México, e Malásia (KITA, acesso em 03 de julho de 2020).

Gráfico 7 – Participação dos EUA, Japão e China nas exportações da Coreia (1970-2019)




Fonte: Korea International Trade Association (KITA).[22]

Visto de um outro modo, esses dois mercados acabam tendo controle sobre 40% da exportação do país asiático, sinalizando e, por conseguinte, pode-se afirmar que a Coreia possui certa dependência das relações comerciais bilaterais com os EUA e a China. Isso sugere que a Coreia é sensível e vulnerável ao ambiente internacional de comércio e às decisões políticas, diplomáticas e econômicas de seus principais parceiros comerciais (KIM; KWAK, 2013, p. 25-6; JE, 2013; YOON, 2019a, p. 86-8; JUNG; LEE, 2018, p. 1-8), em especial, a China e os EUA.

Conforme a Tabela 1, a China e os EUA somaram 38,6% e 33,6% nas pautas de exportação e importação da Coreia em 2019, respectivamente. A China é o primeiro destino de exportação com 25,1% e de importação com 21,3%, seguida pelos EUA, com 13,5% e 12,3%, respectivamente. Visto por outro lado, ou seja, na pauta de exportação da China em 2019, a Coreia figura em quarto lugar, com apenas 4,4% de participação. Na importação, por mais que a sua relevância aumente para o primeiro lugar, a Coreia se assemelha a Taiwan e Japão, ocupando 8,4% das importações chinesas.[23] Em relação aos EUA, as porcentagens e

[22] Neste gráfico, tratamos apenas de três mercados historicamente essenciais na exportação da Coreia, portanto, não reflete a emergência de mercados não-tradicionais como Hong Kong e Vietnã. Desde 2015, o Japão está no quinto lugar das exportações coreanas. A partir de 2015, Hong Kong e Vietnã se alternam entre o terceiro e o quarto lugar (KITA, acesso em 01 de outubro de 2020).

[23] Uma das estratégias econômicas da China é induzir seus parceiros dependerem na China enquanto a China não depender neles (**Europe's dependency on China? | (ecipe.org)**. acesso em 28 de janeiro de 2021.)

os rankings da Coreia são mais baixos do que à China, com 3,5% em exportação (7º lugar) e com 3,1% em importação (6º lugar). Ao observar o desvio padrão amostral, a assimetria fica ainda mais clara. Os desvios padrões dos dez parceiros comerciais de exportação (7,4%) e importação (6,0%) coreana são maiores do que os dos EUA (5,6% e 5,9% respectivamente) e especialmente da China (4,7% e 2,3% respectivamente), indicando que estes países possuem participações mais uniformemente distribuídas entre seus parceiros, especialmente se comparado à Coreia.

Tabela 1 – Participação de mercados na exportação e importação da Coreia, China e EUA (2019)

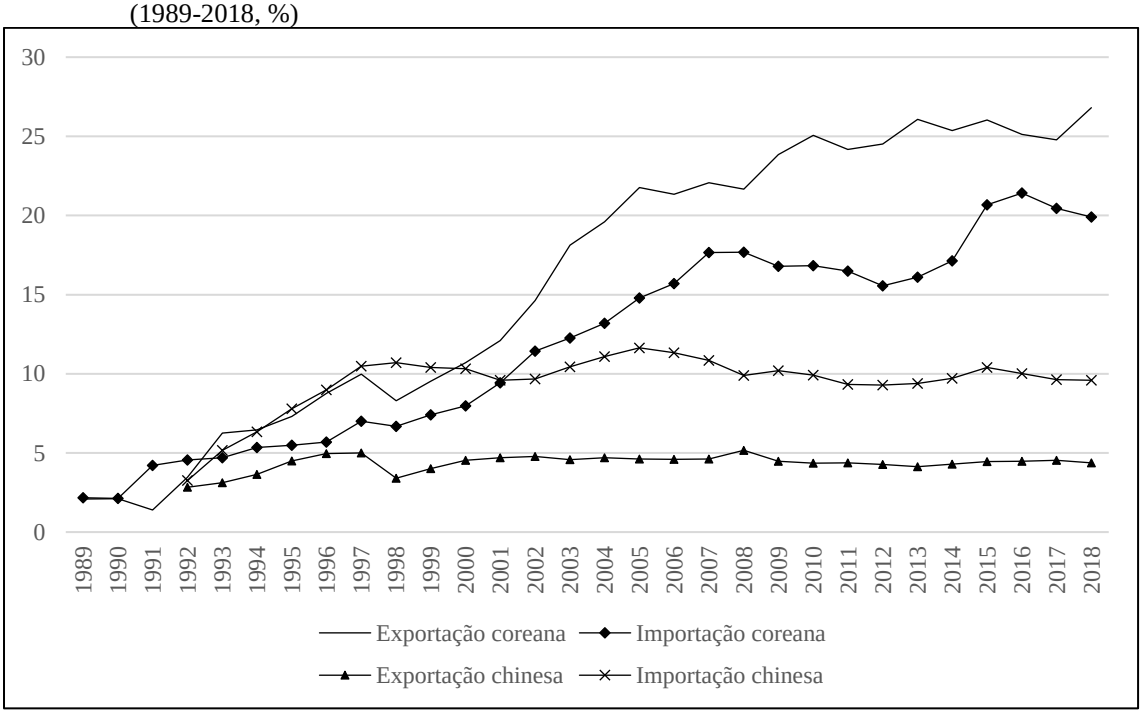
| Posição | Coreia do Sul | | | | China | | | | EUA | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Exportação | | Importação | | Exportação | | Importação | | Exportação | | Importação | |
| | País | Part. (%) | País | Part. (%) | País | Part. (%) | País | Part. (%) | País | Part. (%) | País | Part. (%) |
| 1 | China | 25,1 | China | 21,3 | EUA | 16,8 | Coreia | 8,4 | Canadá | 17,8 | China | 18,1 |
| 2 | EUA | 13,5 | EUA | 12,3 | Hong Kong | 11,2 | Taiwan | 8,4 | México | 15,6 | México | 14,3 |
| 3 | Vietnã | 8,9 | Japão | 9,5 | Japão | 5,7 | Japão | 8,3 | China | 6,5 | Canadá | 12,8 |
| 4 | Hong Kong | 5,9 | Arábia Saudita | 4,3 | Coreia | 4,4 | EUA | 6,0 | Japão | 4,5 | Japão | 5,7 |
| 5 | Japão | 5,2 | Vietnã | 4,2 | Vietnã | 3,9 | Austrália | 5,8 | Reino Unido | 4,2 | Alemanha | 5,1 |
| 6 | Taiwan | 2,9 | Austrália | 4,1 | Alemanha | 3,2 | Alemanha | 5,1 | Alemanha | 3,7 | Coreia | 3,1 |
| 7 | Índia | 2,8 | Alemanha | 4,0 | Índia | 3,0 | Brasil | 3,8 | Coreia | 3,5 | Vietnã | 2,7 |
| 8 | Cingapura | 2,4 | Taiwan | 3,1 | Holânda | 3,0 | Maláisia | 3,5 | Holânda | 3,1 | Reino Unido | 2,5 |
| 9 | México | 2,0 | Russia | 2,9 | Reino Unido | 2,5 | Russia | 2,9 | Brasil | 2,6 | Irlânda | 2,5 |
| 10 | Malásia | 1,6 | Qatar | 2,6 | Taiwan | 2,2 | Vietnã | 2,8 | França | 2,3 | Índia | 2,3 |
| Desvio Padrão | 7,4 | | 6,0 | | 4,7 | | 2,3 | | 5,6 | | 5,9 | |

Fonte: Korea International Trade Association (elaboração própria).[24]

Assim como a alta abertura comercial e concentração geográfica de exportação, assimetria na interdependência comercial da Coreia em relação aos EUA e a China também é uma tendência histórica. O Gráfico 8 ilustra que a participação da exportação coreana para a China aumentou quase treze vezes de 1998 até 2018 atingindo 27%, enquanto que a importação aumentou quase nove vezes, atingindo 20%. Enquanto isso, a proporção de exportação chinesa para a Coreia aumentou 1 ponto percentual de 1992 para 2018, e a importação, 6 pontos percentuais. Ou seja, o comércio bilateral tem crescido superavitário para a Coreia a partir de 1998. Desde 2001, quando a China entrou para a Organização Mundial de Comércio (OMC) e se inseriu oficialmente no mercado internacional, a relevância da China cresceu de forma mais acelerada.

[24] Acesso em 27 de maio de 2020.

Gráfico 8 – Proporção do comércio da Coreia e da China no comércio total dos dois países (1989-2018, %)

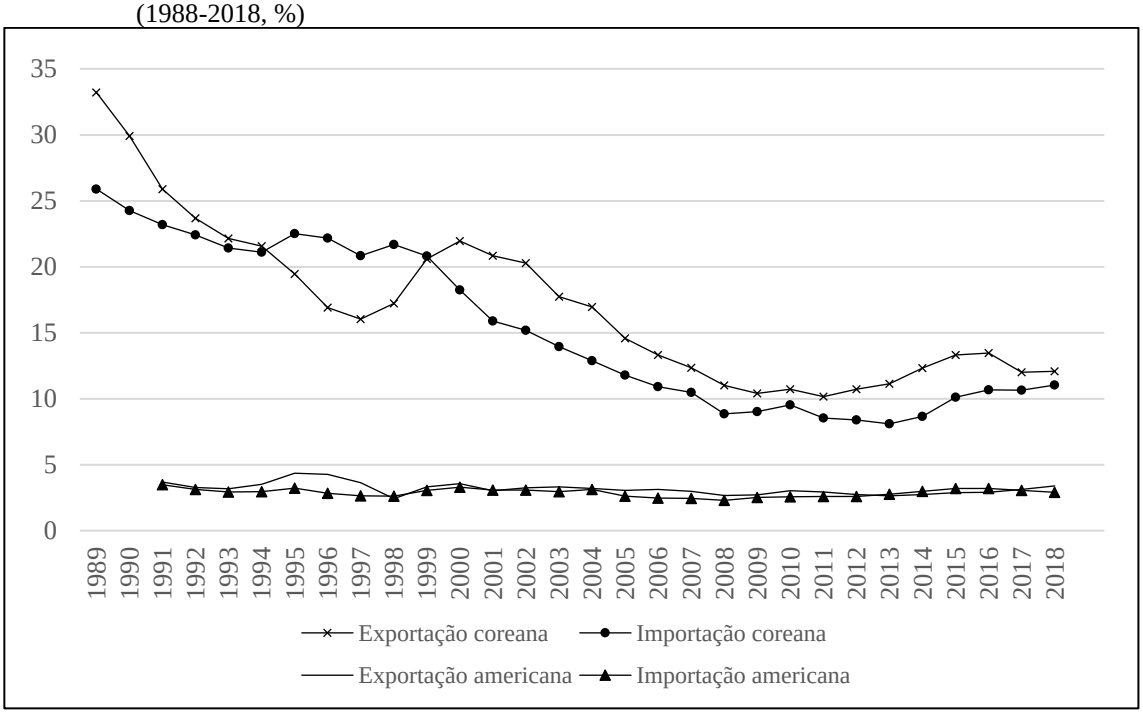



Nota: Exportação coreana para China/ Exportação total coreana; Importação coreana da China/ Importação total coreana. Exportação chinesa para Coreia/ Exportação total chinesa; Importação chinesa da Coreia/ Importação total chinesa.
Fonte: Banco Mundial.[25]

Já o Gráfico 9 nos mostra que, embora a assimetria de comércio da Coreia com os EUA tenha diminuído, os índices dos EUA em 2018 ainda se mantêm em um nível parecido aos de 1991. Para a Coreia, a relevância do comércio com os EUA é quase quatro vezes mais alta do que a participação da Coreia para os EUA.

[25] Acesso em 30 de maio de 2020.

Gráfico 9 – Proporção de comércio da Coreia e dos EUA no comércio total dos dois países (1988-2018, %)

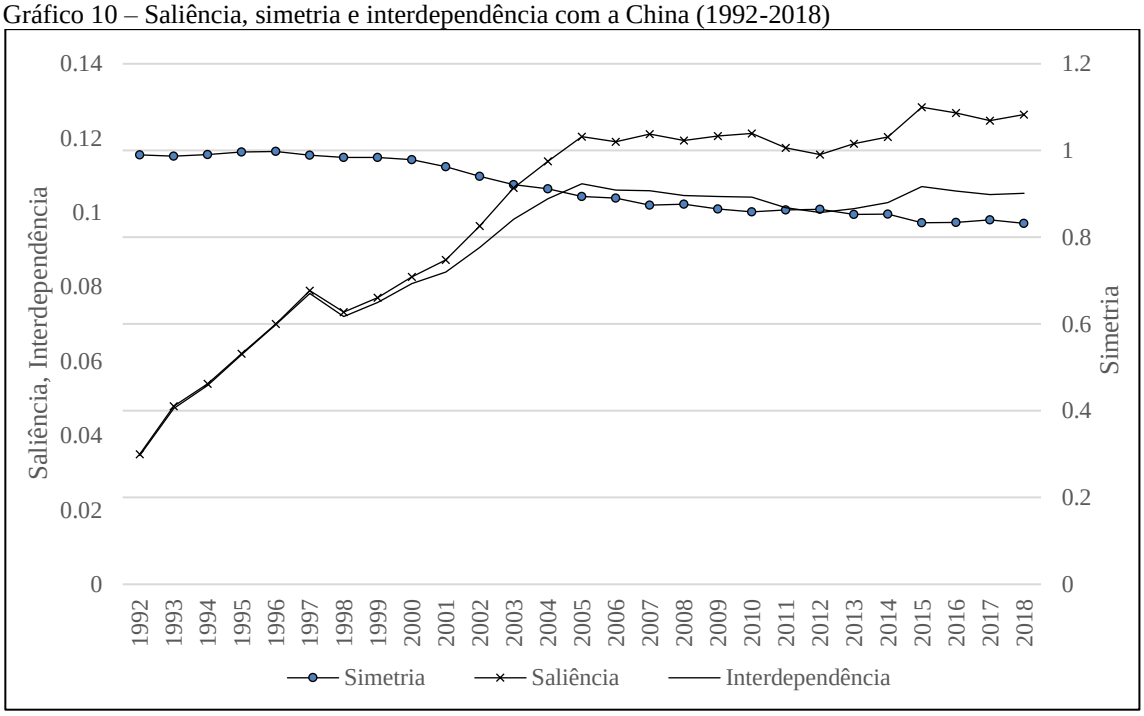



Nota: Exportação coreana para EUA/ Exportação total coreana; Importação coreana dos EUA/ Importação total coreana. Exportação americana para Coreia/ Exportação total americana; Importação americana da Coreia/ Importação total americana.
Fonte: Banco Mundial.[26]

Além das participações nas pautas comerciais entre os dois países, as interdependências e assimetrias comerciais da Coreia com os EUA e a China podem ser analisadas por meio de indicadores de saliência, simetria e interdependência, desenvolvidos por Barbieri (1996) discutidos no Capítulo 2. Como se apresenta no Gráfico 10, a relevância (saliência) do comércio bilateral com a China quase triplicou de 1992 até 2005, a partir do qual apresenta uma tendência de leve crescimento até o final do período. Enquanto isso, a simetria registrou um comportamento contrário, mostrando queda no indicador em praticamente todo o período, especialmente a partir de 2000, quando a redução se acelerou. Em termos de interdependência, que é a interação dos dois índices – por simetria ter um valor próximo a 1 – o comportamento mostra bastante semelhança ao de saliência. Dessa forma, conclui-se que houve um crescimento na interdependência comercial da Coreia com a China e uma importância crescente do comércio chinês para a Coreia, com uma simetria cada vez menor no comércio bilateral.

[26] Acesso em 30 de maio de 2020.

Gráfico 10 – Saliência, simetria e interdependência com a China (1992-2018)

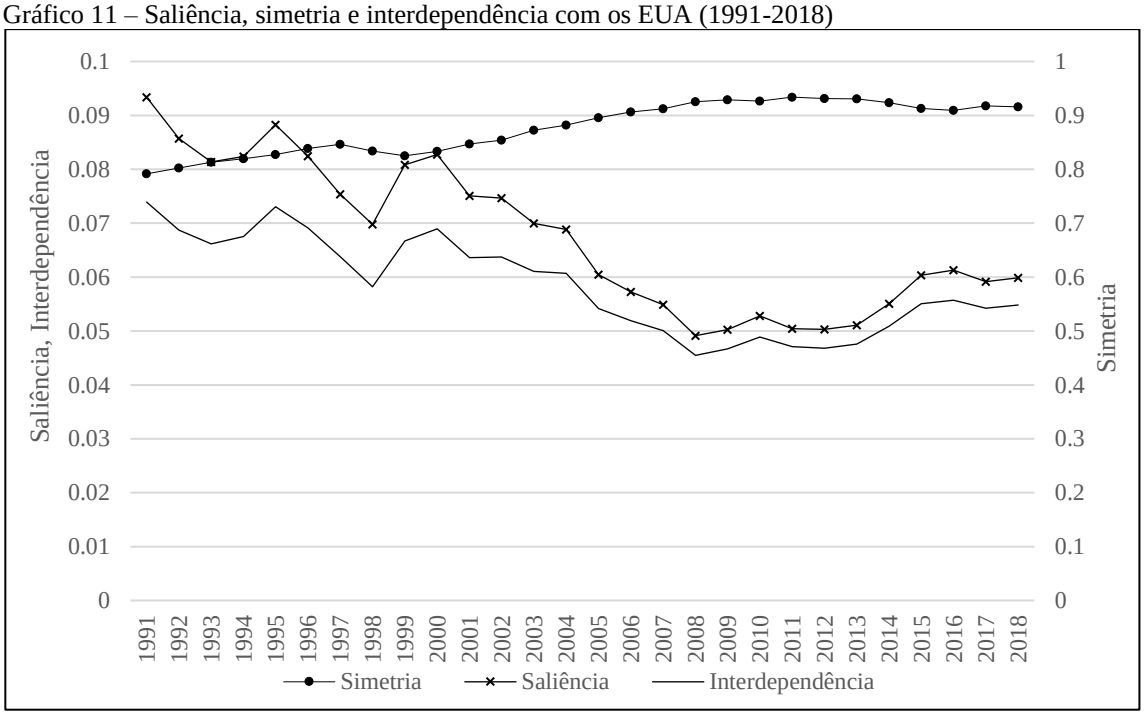



Fonte: KITA, Banco Mundial (elaboração própria)[27]

Os três indicadores da relação comercial bilateral entre a Coreia e os EUA se manifestam muito diferentemente. Conforme o Gráfico 11, a importância do comércio tem diminuído ao longo das décadas de 1990 e 2000, recuperando um pouco a relevância a partir de 2013. Entretanto, a simetria tem crescido desde o início da década de 1990, com exceções em momentos de crises financeiras asiáticas e estagnação desde a crise financeira dos EUA, em 2008. A interdependência mostra uma semelhança significativa com a saliência, que é a queda geral e recuperação desde 2013. Conclui-se, portanto, que há interdependência comercial entre os dois países, mas em menor grau do que com a China, e houve redução da importância do comércio, com relações cada vez mais simétricas. Mesmo com movimentos de queda da interdependência e saliência, estes não são tão expressivos como os aumentos observados na relação entre China e Coreia.

[27] Acesso em 12 de julho de 2020.

Gráfico 11 – Saliência, simetria e interdependência com os EUA (1991-2018)




Fonte: KITA, Banco Mundial (elaboração própria).[28]

Assim, os índices de Barbieri evidenciam uma crescente relevância e interdependência do comércio sino-coreano, com caráter cada vez mais assimétrico. Embora os indicadores não se mostrem tão expressivos quando calculados para os EUA, observa-se uma certa estabilidade na interdependência comercial entre os países, com uma leve redução da assimetria na relação, apesar de que o índice de simetria dos EUA e da China terminaram o período com valores próximos.

Os resultados dessas análises quantitativas somados ao fato de que os dois países, sendo o primeiro e o segundo maiores mercados de exportação coreana – e o segundo e quarto mercados onde a Coreia obtém maior superávit – indicam que há uma relação de interdependência comercial assimétrica entre os três países, sendo a Coreia a mais dependente. Além disso, sendo os Estados Unidos e a China, superpotências mundiais com recursos econômicos superiores aos da Coreia, os ganhos comerciais nessas relações bilaterais são mais essenciais para a economia coreana do que para os dois países. Portanto, no geral dos fatores, pode-se afirmar a existência de assimetria evidente nas relações comerciais.

Como foi dito por Hirschman (1980), os lucros comerciais enormes que a Coreia ganha no comércio com os EUA e a China equivalem ao empobrecimento que seria infligido

[28] Acesso em 12 de julho de 2020.

ao país se houver interrupção do comércio com os dois países. Visto que assimetria na interdependência econômica dota os EUA e a China de um poder de barganha que pode ser utilizado para afetar assuntos políticos e militares do país asiático, as exportações e a economia da Coreia se tornam vulneráveis ao comércio com os Estados Unidos e a China e à política externa dos dois países.[29]

De fato, o comércio da Coreia foi ameaçado pelos EUA e pela China nos últimos cinco anos, sendo interligado com questões políticas, militares e econômicas. No caso dos EUA, a questão foi refletida nas suas reivindicações sobre emendas e modificações do KORUS Free Trade Agreement (Korea-US FTA), como alvo da política comercial do governo Trump para mitigar déficits comerciais dos EUA. No caso da China, este poder de barganha foi ilustrado na retaliação comercial sofrida como resposta à introdução do sistema de míssil americano na Coreia do Sul, para pressionar o país a se abster da decisão militar e enfraquecer a aliança militar da Coreia com os EUA. Como será visto na seção seguinte, dada a interdependência assimétrica comercial, a Coreia sofreu consequências ao ficar exposta à ameaça, manifestando sua vulnerabilidade e sensibilidade em relação a esses países, e sua estrutura exportadora se expôs à incerteza política e ao prejuízo econômico.

## 3.3 Jogos de poder de barganha dos EUA e da China

### *3.3.1 Emenda do KORUS FTA: o jogo dos EUA*

O Acordo de Livre Comércio (ALC) entre a Coreia do Sul e os EUA visava tanto objetivos estratégicos e políticos, quanto econômicos (SOHN; KOO, 2011, p. 434-435; Congressional Research Service, 2018, p. 1; SCHOTT, 2011; House of Representatives,

[29] Como foi observado no Gráfico 7, o Japão deixou de ser o segundo mercado de exportação coreana desde 2001 e atualmente situa-se no quinto lugar, com sua participação reduzida para 5,2% em 2019. Ainda assim, o Japão ainda é o terceiro maior exportador para a Coreia do Sul com 9,5% da participação na importação da Coreia, que indica a existência de uma certa dependência da Coreia em relação ao país asiático, de acordo com a Tabela 1. Em 2019, o Japão restringiu suas exportações de químicos estratégicos para Coreia do Sul, tentando dificultar a produção de materiais petroquímicos, semi-condutores e matérias plásticas das empresas coreanas, contra a decisão da Suprema Corte coreana de confiscar a propriedade de empresa japonesa criminosa Nipponsteel para compensação de trabalho forçado dos coreanos durante a Segunda Guerra Mundial. Apesar de que o governo coreano tomou medidas imediatas como diversificação de fornecedores e apoiar e incentivar as indústrias domésticas com objetivo de se proteger de possível repetição de sanções futuras do Japão, a ocasição revelou que a relação de dependência comercial da Coreia do Sul e sua vulnerabilidade não se restringe apenas às relações com os EUA e a China (**Japan to strike South Korea off trusted export list as rift deepens - BBC News**. e **Korea reliant on Japan's key industrial components (koreatimes.co.kr**) Acesso em 28 de janeiro de 2021.)

2011, p. 1). A Coreia do Sul, por sua localização, foi reconhecida pelos EUA como umaparceira do acordo, para manter sua presença estratégica e econômica e constranger a ascensão da China no Leste Asiático, onde a China estava fortalecendo sua hegemonia regional (FRIEDBERG, 2011, p. 139 ; SOHN; KOO, 2011, p. 435; SEO, 2015, p. 235). [30]

Enquanto isso, o governo sul-coreano entendeu que estabelecer acordos comerciais agressivamente seria uma maneira de recuperar sua economia nacional – que havia sido prejudicada pela crise financeira asiática de 1997 e 1998 – já que as instituições existentes na região, como APEC (Asia-Pacific Economic Cooperation) e ASEAN (Association of Southeast Asian Nations) expuseram suas fraquezas de arranjos regionais (RAVENHILL, 2003, p. 300). Além disso, embora a Coreia já tivesse presença significativa no mercado americano, especialmente de eletrônicos e automóveis, o crescimento rápido de competidores como Malásia, Vietnã e acima de tudo, China, e a dominância contínua do Japão, fizeram com que a Coreia buscasse melhorar sua participação no seu segundo maior mercado, os EUA (COOPER, 2008, p.10). Esses motivos, somados à necessidade de ganhar moeda estrangeira e uma garantia de segurança no meio da incerteza regional derivada das ameaças da Coreia do Norte (SOHN; KOO, 2011, p. 435, 444; KOO, 2009), fizeram com que a Coreia desejasse o acordo de livre comércio com os EUA.[31]

Com atitude proativa das duas contrapartidas, as negociações do KOREA US Free Trade Agreement (KORUS FTA) foram concluídas no governo Bush em 30 de junho de 2007, sendo considerado como o Acordo de Livre Comércio mais significativo dos EUA nos últimos 15 anos (The president's trade policy agenda 2008, p. 14). O KORUS FTA reduziu e eliminou barreiras tarifárias e não-tarifárias em inúmeros itens nos dois países e, entre outros temas, estabeleceu padrões e regras de investimentos e direito de propriedade intelectual. O acordo contém itens como: a) maior abertura da Coreia em 95% dos bens de consumo e de industrialização, com eliminação gradual de tarifas; b) eliminação imediata de

---

[30] No entanto, de acordo com Sohn e Koo (2011, p. 455), a abordagem dos Estados Unidos ao nexo de segurança comercial é incompleta. A demora na ratificação do KORUS FTA e a renegociação (2011) do acordo mostram que a vontade dos Estados Unidos de colocar seus compromissos geopolíticos à frente de seus interesses geoeconômicos estava diminuindo. A iniciativa do executivo de reassegurar a política comercial dos EUA, não foi totalmente apoiada pelos principais poderes domésticos que defendiam as ideias de comércio justo a partir dos anos de 1990.

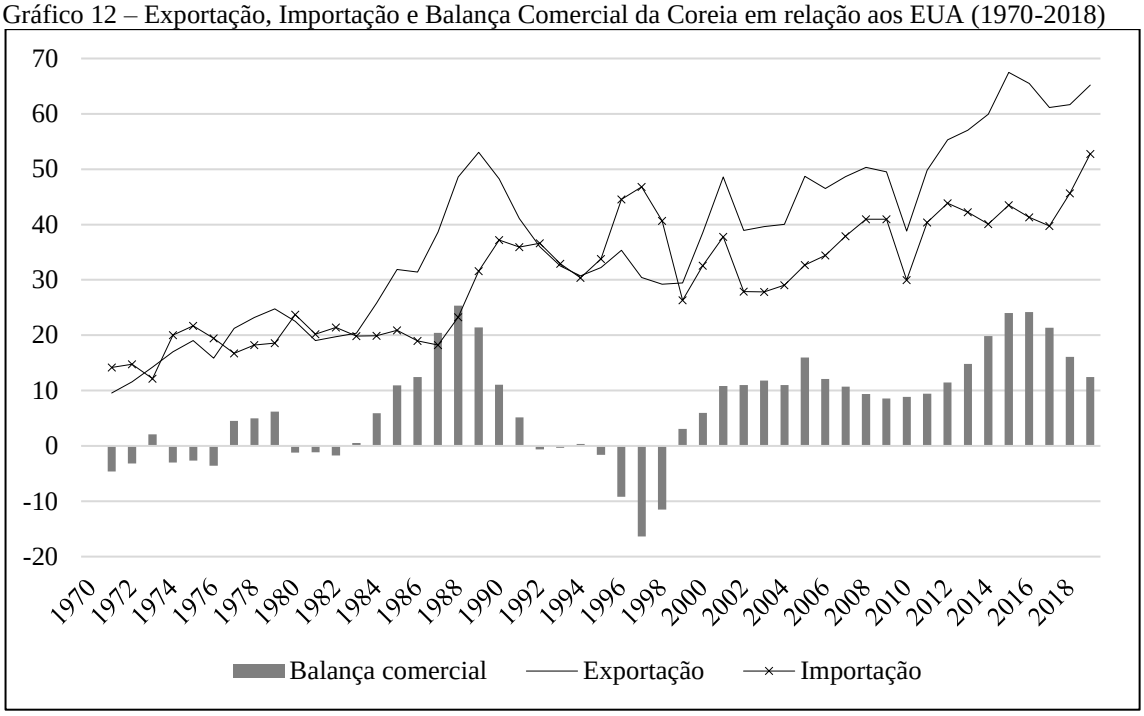
[31] Eventualmente, foi uma consideração de segurança que permitiu que ambos os lados decidissem pelo estabelecimento do acordo. Em 2010, as condições de segurança em torno da Península Coreana pioraram após o incidente de Cheonan em março e os ataques repentinos de artilharia da Coreia do Norte na Ilha Yeonpyeong da Coreia do Sul, em novembro. As crescentes ameaças da Coreia do Norte levaram os Estados Unidos e a Coreia do Sul a acelerarem as negociações comerciais para fortificar aliança bilateral (SOHN; KOO, 2011, p. 454).

tarifas em quase 50% dos bens agrícolas americanos; c) eliminação imediata de tarifas em automóveis e em caminhões coreanos; d) salvaguarda especial em têxteis, se a importação prejudicar os produtores domésticos dos EUA; e) permissão de acesso significativo nos principais setores de serviços coreanos – contabilidade, legislação, encomenda, pesquisa e desenvolvimento, educação, saúde, finanças – e estabelecer um padrão do direito de propriedade intelectual etc.; f) administração de alfândega e regras de origem; e g) proteção e cooperação de meio ambiente (United States Trade Representative – USTR, 2007).

Porém, após a assinatura em junho de 2007, o acordo demorou a ser ratificado e efetuado, porque com a crise financeira dos EUA em 2008 e a estagnação seguinte da economia do país, a opinião pública dos EUA se tornou negativa sobre o livre comércio e acordos comerciais. No entanto, o ex- presidente Obama (2009-2017), embora mantivesse posição contrária ao acordo como candidato, depois de iniciar seu mandato, viu no acordo uma oportunidade para a recuperação econômica através do comércio e da intensificação da presença do país na Ásia, por meio do fortalecimento de alianças militares com países asiáticos, entre eles, a Coreia do Sul. Em 2011, o acordo foi modificado para proteger a indústria americana de automóveis e a nova versão entrou em vigor em março de 2012 (Ministry of Foreign Affairs and Trade, 2011, p. 1-2).

Em termos de fluxo comercial, o KORUS FTA se tornou o segundo maior acordo dos EUA, seguindo o NAFTA (Congressional Research Service, 2018, p. 1). Conforme se observa no Gráfico 12, o aumento do comércio bilateral foi realizado mais no sentido da exportação coreana para os EUA do que o contrário, com a balança comercial majoritariamente positiva para a Coreia no período.

Gráfico 12 – Exportação, Importação e Balança Comercial da Coreia em relação aos EUA (1970-2018)




Unidade: Bilhões de dólares (Constantes 2010) Fonte: KITA.[32]

Todavia, a partir da administração de Donald Trump (2017), o ambiente do KORUS FTA começou a mudar. Desde quando era o candidato republicano à presidência, Trump mostrava suas promessas protecionistas com os slogans "*America Fisrt*" e "*Make America Great Again*" (SEO; CHOI, 2017, p. 198-199). Diferentemente da função tradicional dos EUA como hegemonia que oferecia bens públicos e segurança internacional aos outros países (GILPIN, 2001), Trump prometeu priorizar a economia e segurança dos EUA, argumentando que os EUA ao ajudar e resolver problemas de outros países, perderam sua competência e foram enfraquecido.[33] As promessas protecionistas e unilaterais de Trump têm provocado preocupação à respeito da ordem comercial internacional, pois expressam explicitamente a hostilidade não apenas ao livre comércio, mas também à princípios centrais da ordem liberal do pós-guerra, inclusive à globalização.[34]

[32] Acesso em 28 de maio de 2020.

[33] Além disso, o presidente americano alertou aos parceiros de segurança dos EUA sobre divisão dos custos de defesa, perguntando por que os EUA devem permanecer como estabilizador do mundo se os custos de manutenção dessa ordem superam em muito os benefícios para si (STOKES, 2018, p. 134) e pressionava certos aliados para que assumissem mais custo. Por exemplo, embora os governos anteriores dos EUA também tenham solicitado aumento da proporção de gastos em defesa do que a Coreia assume sobre a *United States Forces Korea (USFK)*, essa solicitação ficou mais explícita e flagrante na administração de Trump. Discurso: *Donald Trump Announces His Candidacy in New York, NY* – 16 de Junho de 2015. Factbase. Disponível em: **https://factba.se/transcript/donald-trump-announcement-speech-new-york-ny-june-16-2015.**

[34] Ele alegou também que Coreia, China, e Japão manipularam e desvalorizaram suas moedas para conseguir exportar mais para os EUA e isso afetou diretamente os EUA, com déficit comercial.

A administração Trump prefere negociar individualmente com outros países, com base no bilateralismo transacional, considerando como cada relacionamento funciona para os interesses políticos ou econômicos dos Estados Unidos (STOKES, 2018, p. 133-138).[35] Entre as prioridades comerciais definidas pelo governo, estão: a) defender a soberania nacional dos EUA sobre a política comercial; b) fazer os parceiros comerciais cumprirem rigorosamente as leis comerciais dos EUA; c) usar todas as fontes possíveis de alavancagem para incentivar outros países a abrir seus mercados às exportações americanas de bens e serviços, e fornecer proteção e aplicação adequadas e eficazes dos direitos de propriedade intelectual dos EUA; e d) negociar novos acordos e melhorar os acordos comerciais presentes com países de mercados-chave do mundo (United States Trade Representatives, 2017, p. 1-2.

Como descreve o item d), o governo americano acredita que a mitigação da balança comercial pode ser atingida através de emenda e modificação de acordos comerciais deficitários que não tenham favorecido os interesses dos EUA, visto que o presidente argumentava que a economia dos EUA havia piorado por causa de déficits comerciais gerados por eles, ao invés de alterar acordos multilaterais (United States Trade Representatives, 2017, p. 1-2).[36] O governo de Trump argumenta que o KORUS FTA foi o maior acordo comercial modificado e implementado no governo Obama que dramaticamente aumentou o déficit comercial dos EUA em relação à Coreia (President´s Trade Policy Agenda 2017). Segundo o documento de USTR, depois de quatro anos do acordo, a importação dos bens coreanos pelos EUA aumentou mais que 13 bilhões de dólares, enquanto a exportação americana diminuiu 1,2 bilhões de dólares.

No entanto, existem análises que contradizem a posição do governo americano. O *Economic Impact of Trade Agreements Implemented Under Trade Authorities Procedures*

---

Discurso: *Donald Trump in Columbus*, 1 de Agosto de 2016. Disponível em: **https://factba.se/transcript/donald-trump-speech-columbus-oh-august-1-2016.**

[35] Verifica-se essa estratégia nas palavras do Conselheiro Nacional de Segurança da Casa Branca (H. R. McMaster), e do conselheiro econômico sênior de Trump (Gary Cohn): "o mundo não é uma comunidade global, mas uma arena onde nações, atores não-governamentais e empresas se engajam e competem por vantagem". (H. R. McMaster and Gary D. Cohn, 'America First doesn't mean America Alone', *Wall Street Journal*, 30 May 2017. Disponível em: **https://www.wsj.com/articles/america-first-doesnt-mean-america-alone-1496187426.**

[36] Em geral, a saída da organização internacional é considerada difícil, pois é custoso um país membro sair da organização deixando o compromisso feito com os demais países membros (MARTIN, 2015, p. 10). Porém, já em janeiro de 2017, Trump assinou como sua primeira ordem executiva, a saída do país do *Trans-Pacific Partnership (*TPP, *Withdrawal of the United States from the Trans-Pacific Partnership Negotiations and Agreement*,2017).

*2016 Report* (United States International Trade Commission – USITC) comprovou que os acordos comerciais bilaterais e regionais dos EUA têm contribuído para a melhoria, e não agravamento, da balança comercial no setor de bens. Por exemplo, se não houvesse o KORUS FTA, em 2015, os EUA teriam um déficit comercial de bens de US$ 44 bilhões de dólares. Mas com o acordo, o déficit diminuiu US$ 28,3 bilhões de dólares, mitigando o déficit comercial dos EUA em relação à Coreia. Outra pesquisa, *Trade diversion and trade deficits: the case of the Korea-U.S. trade agreement* (National Bureau of Economic Research – NBER, 2019, p. 138) mostra que o déficit bilateral com a Coreia não piorou o déficit geral dos EUA. Em vez de a Coreia do Sul ter agredido indústrias dos EUA, as indústrias coreanas ganharam competência aproveitando o privilégio do ALC e substituíram outros parceiros comerciais dos EUA, desviando a demanda de importação dos EUA para a Coreia.

Mesmo que o debate acerca do KORUS FTA possa ter beneficiado ou não os EUA, a polêmica sobre o acordo requisitou a negociação de modificações do ALC. Em abril de 2017, o vice-presidente dos EUA, Michael Pence, em sua visita a *American Chamber of Commerce in Korea (*AMCHAM Korea), divulgou que os EUA entrariam com emendas ao KORUS FTA para garantir que os acordos comerciais dos EUA beneficiem sua própria economia, ressaltando não somente a gravidade do déficit com o país asiático, mas que as indústrias americanas ainda enfrentam inúmeras barreiras para entrar no mercado coreano (White House, 2017).[37] Em julho de 2017, o Ministry of Trade, Industry and Energy da Coreia e USTR iniciaram a revisão do acordo, realizando três rodadas de negociações de janeiro até março de 2018 (Ministry of Trade, Industry and Energy).[38]

O protocolo do ALC modificado[39] foi assinado em setembro de 2018 e entrou em vigor em janeiro de 2019. Os pontos principais que os EUA conseguiram emendas foram: a) manter 25% da tarifa sobre os *Pick Up Trucks* coreanos até 2024, cuja eliminação tinha sido planejada para 2021; b) duplicar a exportação de veículos americanos que são fabricados cumprindo os padrões de segurança dos EUA, sem modificação complementar ao exportar para a Coreia; c) harmonizar requerimentos de testes sobre emissão de gás de veículos com motor à gasolina, para não realizar testes adicionais ou duplicativos ao exportar para a Coreia;

---

[37] Remarks by the Vice President to the US/ROK Business Community. 16 de abril de 2017. Disponível em: **https://www.whitehouse.gov/briefings-statements/remarks-vice-president-us-rok-business-community/**

[38] Ministry of Trade, Industry and Energy. Disponível em: **http://fta.go.kr/us/info/2/**

[39] Protocol between the government of the Republic of Korea and the government of United States of America amending the Free Trade Agreement between the Republic of Korea and the United States of America, 2018.

d) cabe à Coreia tratar das preocupações com procedimentos de verificação onerosos por meio de um acordo sobre os princípios para a realização da verificação da origem das exportações sob o KORUS, e estabelecer um grupo de trabalho para monitorar e resolver problemas futuros; e e) emendar a *Premium Pricing Policy for Global Innovative New Drugs* da Coreia para garantir tratamento justo e não-discriminatório de produtos farmacêuticos americanos (Congressional Research Service, 2018; USTR, 2018).[40]

Porém, alguns analistas e mídias americanas avaliaram que o KORUS FTA revisado não traz muitas mudanças (SCHOTT; JUNG, 2018). Na entrevista com o *NY Times*, a vice presidente Wendy Cutler do *Asia Society Policy Institute*, que participou da negociação do acordo bilateral no governo Obama, comentou que embora ela veja a emenda do acordo como um sucesso para os EUA, tendo algumas melhorias sólidas, não houve nenhuma mudança dramática.[41] Na Coreia, da mesma forma, diferentemente dos receios à respeito do resultado, certos analistas avaliaram que a emenda do KORUS FTA quase manteve o acordo original. Segundo o Banco da Coreia (Bank of Korea, 2018, p. 45), foi previsto que os resultados da emenda não afetarão em grande escala as exportações coreanas destinadas aos EUA. Sobretudo, a Coreia conseguiu modificar certas partes que melhoram a condição de exportação e importação em relação aos EUA, como: a) não ter uma abertura maior do mercado agrícola coreano; b) aumentar a transparência dos *Trade Remedies* tal como o *anti-dumping*; e c) prevenir abusos de processos de *Investor-State Dispute Settlement (ISDS)* contra a Coreia (USTR, 2018, p. 8-26; Congressional Research Service, 2018; Bank of Korea, 2018, p. 44).

Embora essa emenda do KORUS FTA não tenha resultado em modificação drásticas, que prejudiquem o interesse coreano, a dependência comercial do país asiático em relação aos EUA e a assimetria da interdependência comercial deixam a Coreia sensível e vulnerável às possíveis mudanças políticas, econômicas e comerciais dos EUA. Além disso, o governo americano continua aplicando outras medidas comerciais com a finalidade de aumentar tarifas e impostos para seus parceiros. Por exemplo, em janeiro de 2018, a Secretaria de Comércio dos EUA divulgou o resultado de investigações, com base no Artigo 232 do *Trade Expansion Act of 1962*, de que a importação norte-americana de produtos de siderurgia e de

---

[40] New U.S. Trade Policy and National Security Outcomes with the Republic of Korea, USTR. Disponível em: **https://ustr.gov/about-us/policy-offices/press-office/fact-sheets/2018/march/new-us-trade-policy-and-national**

[41] Trump Signs Revised Korean Trade Deal. the New York times. 24 de setembro de 2018. Disponível em: **https://www.nytimes.com/2018/09/24/us/politics/south-korea-trump-trade-deal.html**

alumínio ameaçam a segurança nacional do país. De acordo com o relatório sobre siderurgia, os níveis crescentes e contínuos de importações de aço estrangeiro coloca a indústria siderúrgica dos EUA em risco substancial, porque a cadeia de suprimentos precisa produzir aço para infraestrutura crítica e defesa nacional, mas a produção e importação excessiva do produto no mundo estava enfraquecendo a economia interna (U.S. Department of Commerce, 2018a, p. 55-57).

Em termos de alumínio, foi indicado o risco da importação crescente do produto de países hostis e instáveis para os setores críticos de infraestrutura, tais como os bens de base industrial para defesa, energia, transporte, e construção que dependem significativamente da importação do produto (U.S. Department of Commerce, 2018b, p. 5, 24-33). Com isso, foi proclamada, em março de 2018, a aplicação de um imposto de 25% a todos os exportadores de siderurgia e de 10% aos exportadores de alumínio. No mês seguinte, apesar de a Coreia do Sul ter ficado isenta da tarifa de siderurgia,[42] ela teve que limitar seu volume de exportação para 70% do volume médio anual de 2015 a 2017.[43] Além disso, a ameaça contínua de restrições adicionais unilaterais sobre a exportação coreana, particularmente sobre os automóveis, plásticos e pneus, continua a adicionar um certo grau de incerteza e tensão no relacionamento da Coreia com os EUA (Congressional Research Service, 2018, p. 1).

Como tem sido tratado neste capítulo, o problema que a Coreia enfrenta nesse cenário está nos EUA tentarem exercer influência em suas questões comerciais com a Coreia, utilizando o déficit comercial bilateral e a assimetria da interdependência como poder de barganha, conforme visto nos argumentos dos realistas no capítulo 2. Por mais que a emenda do KORUS FTA não tenha afetado o comércio e a economia coreana conforme a expectativa inicial, a Coreia aceitou a solicitação dos EUA de negociar a emenda do KORUS FTA e não será muito diferente com outras questões comerciais que virão, se essa dependência se mantiver. Nesse sentido, pode-se dizer que, parcialmente, os EUA conseguiram ganhar concessões em domínio comercial e aumentaram a incerteza comercial e o custo político da Coreia.

---

[42] Proclamation on Adjusting Imports of Derivative Aluminum Articles and Derivative Steel Articles into the United States. Disponível em: **https://www.whitehouse.gov/presidential-actions/proclamation-adjusting-imports-derivative-aluminum-articles-derivative-steel-articles-united-states/**

[43] Porém, por falta de abastecimento doméstico, em agosto de 2018, os EUA suspenderam a decisão de aplicar cotas de siderurgia para a Coreia. Disponínvel em: **HTTPS://KOREAJOONGANGDAILY.JOINS.COM/NEWS/ARTICLE/ARTICLE.ASPX?AID=3052592** (ACCESSO EM 05 DE NOVEMBRO DE 2020)

Nas relações entre Estados, é comum que hajam negociações posteriores para modificar acordos já estabelecidos e discordância de posições sobre um assunto. Porém, o incidente do Acordo KORUS mostrou que a sensibilidade e vulnerabilidade da estrutura das exportações da Coreia a expõe aos jogos de poder dos EUA, gerando um certo risco à economia e política coreana. Ademais, há uma perspectiva de que a tendência de ameaça e conflitos econômicos que marcaram as políticas externas dos EUA por 4 anos não seja alterada tão rápido como se espera, mesmo após a troca de administração realizada em 2021 para o presidente eleito Joe Biden, o democrata que defendia a liberalização comercial ao longo da sua carreira política. As críticas de Biden durante a campanha eleitoral presidencial sobre rompimento de regras comerciais cometidas pela China, atribuição de aumento de desigualdade e falha de produtividade nos EUA à globalização irrestrita, e a sua postura ambígua quanto a suspensão de tarifas impostas sobre produtos europeus e chineses, além do slogan "Buy American" que prioriza interesses domésticos frente à aceitação incondicional de comércio livre, lembra a estratégia comercial de Trump de certa forma.[44] Por isso, nesse contexto em que a Coreia recebe um risco comercial, dada a configuração das relações comerciais com os EUA, e os EUA abusam dessa posição, a Coreia do Sul deve mitigar sua vulnerabilidade, sendo um caminho possível a diversificação dos mercados de exportação.

### *3.3.2 Introdução de THAAD e Retaliação comercial: o jogo da China*

Com o crescimento do poder econômico desde o governo de Jintao Hu (2003-2013), as relações políticas da China se tornaram um fator determinante em suas decisões comerciais (CHOI, 2017, p. 175). Especialmente, o país tem optado pela retaliação econômica para atingir suas finalidades políticas e diplomáticas e refletir sua elevada influência no mundo (FUCHS; KLANN, 2010). Por exemplo, em 2010, na disputa territorial sobre Diaoyudao (Senkaku em japonês) com o Japão, a China aplicou um embargo na exportação chinesa de terra rara para o Japão, sendo que 90% da importação do produto dependia da China (Korea Institue for Economic Policy, 2010, p. 5). No mesmo ano, a China proibiu a importação de salmão da Noruega como um ato contra a decisão do congresso norueguês de premiar Xiaobo

[44] Disponível em: **After Trump: What Will Biden Do on Trade? | Council on Foreign Relations (cfr.org)** (acesso em 27 de janeiro de 2021).

Liu, ativista de direitos humanos com o Prêmio Nobel da Paz.[45] Em 2020, contrária ao argumento da Austrália sobre a realização de uma investigação internacional referente ao covid-19, a China proibiu a importação de carne australiana.[46] De 2016 a 2018, a China utilizou sanções econômicas e comerciais em sua relação bilateral com a Coreia do Sul, também para influenciar nas decisões políticas e militares da Coreia, como será analisado nesta seção.

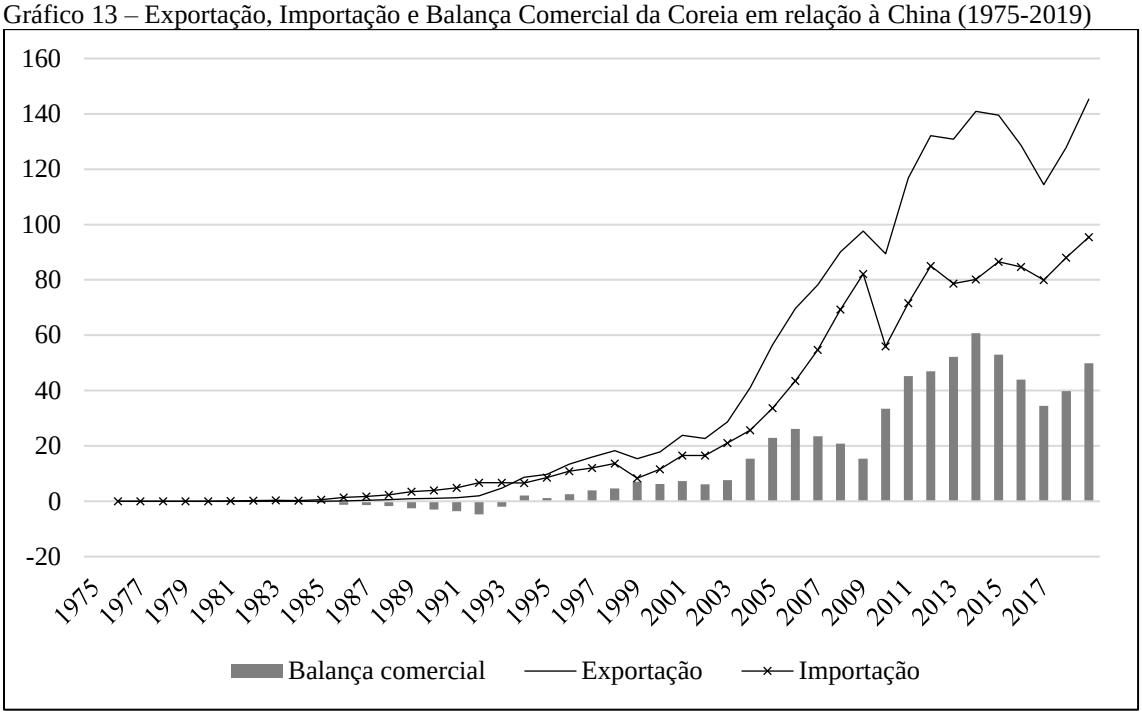
A relação bilateral da Coreia do Sul com a China avançou bastante após o estabelecimento das suas relações diplomáticas em 1992 (LEE, 2017, p. 145). O governo do ex-presidente coreano Roh Mu Hyun (2003-2008) executou uma *balanced diplomacy* entre os EUA e a China, considerando a elevada importância da China como potência regional (PARK, 2016, p. 41). O relacionamento entre a Coreia do Sul e a China tem evoluído de uma parceria colaborativa *(collaborative partnership for the 21st century)* em 1998, para compreensiva (*comprehensive partnership*) em 2003 e estratégica (*strategic partnership*) em 2008 (FENG; HUANG, 2014, p. 19).

O Gráfico 13 mostra a evolução do comércio com a China ao longo de 44 anos (desde 1975), em que a balança comercial da Coreia do Sul tem sido crescentemente superavitária em relação à China. Dessa forma, a China, que estava em 44º lugar entre os destinos de exportação coreana em 1985, tornou-se o segundo maior mercado em 2001, substituindo o Japão, e em 2004 tornou-se o maior mercado, substituindo os EUA (KITA, 2019). Além disso, conforme visto na seção 3.3.1 quanto à relação comercial com os EUA, na relação com a China também existe assimetria de exportação e de importação.

---

[45] Disponível em: **https://www.independent.co.uk/news/world/europe/norways-salmon-rot-as-china-takes-revenge-for-dissidents-nobel-prize-2366167.html** (acesso em 04 de julho de 2020).
[46] Disponível em: **https://edition.cnn.com/2020/05/26/business/china-australia-coronavirus-trade-war-intl-hnk/index.html** (acesso em 04 de julho de 2020).

Gráfico 13 – Exportação, Importação e Balança Comercial da Coreia em relação à China (1975-2019)




Unidade: milhões de dólares (Constantes 2010). Fonte: KITA.[47]

Em 2015, o Acordo de Livre Comércio entre a Coreia e a China foi efetuado e a importância da China como parceiro comercial cresceu ainda mais. Para a Coreia, o ALC possui objetivos como: a) garantir o maior mercado do mundo mais rápido do que competidores, como Japão e Taiwan; b) proteger e apoiar aproximadamente 20.000 empresas coreanas que entraram na China e reduzir os altos impostos; c) aprofundar a parceria estratégica com a China para induzir a abertura e reformas da Coreia do Norte e, por conseguinte, contribuir na estabilização da península coreana[48]; e d) assegurar uma posição vantajosa na integração econômica regional (Ministry of Trade, Industry and Energy[49]; National Congress of Korea, 2018). Ao estabelecer o ALC, os dois países abriram o mercado de serviços e de investimentos também, permitindo a entrada de algumas indústrias, e concordaram em começar negociações para abrir outros setores de forma mais abrangente num prazo de dois anos (National Congress of Korea, 2018, p. 1).

Além do acordo assinado em 2015 (Ministry of Trade, Industry and Energy, 2015), a Coreia também participou de movimentos de integração regional liderados pela China, como o *Regional Comprehensive Economic Partnership* (RCEP) e o *Asia Infra Investment Bank*

[47] Acesso em 28 de maio de 2020.
[48] Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, passando a Guerra das Coreias, a China é o parceiro fundamental da Coreia do Norte em termos econômicos e políticos.
[49] Disponível em: **http://fta.go.kr/cn/info/1/**. Acesso em 28 de maio de 2020.

(AIIB), iniciativas que almejavam projetar o poder chinês, expandir sua influência e restringir a influência econômica dos EUA na região Nordeste Asiática, formando uma cooperação comercial e econômica com outros países. A Coreia do Sul, com a finalidade de se preparar para uma possível transição de arquitetura regional e proteger seu interesse estratégico, político e econômico, procurou participar dessas iniciativas chinesas (SNYDER; BYUM, 2015; YE, 2015; YU, 2017, p. 367).

Porém, por questões políticas e militares, a relação entre a Coreia do Sul e a China começou a retroceder significativamente em 2015, danificando as relações comerciais. No segundo mandato de Obama (2013-2017), o governo americano buscou um envolvimento maior na Ásia – que tinha pelo objetivo intensificar seu papel na região Ásia-Pacífico, para constranger e monitorar a ascensão da China na região – diversificando as relações de segurança e fortalecendo suas parceiras asiáticas (Congressional Research Service, 2012, p. 1). Em 2015, a Casa Branca emitiu um documento insistindo que a China deve respeitar normas e regras internacionais sobre temas de segurança, comércio e direitos humanos em relação aos conflitos territoriais marítimos no Mar da China meridional e no Mar do Leste da China (The White House, 2015, p. 24-25).

Para os EUA, que desejavam constranger a ascensão da China na região asiática, o recrudescimento da ameaça nuclear da Coreia do Norte contra a Coreia do Sul representava uma justificativa para intensificar seu sistema global antimíssil, *Regional Missile Defense*, cujos alvos eram Rússia e a China (Office of the Secretary of Defense, 2019, p. 3). Em fevereiro de 2016, a Coreia do Norte realizou testes de lançamento de míssil de longa distância, o *Kwangmyongsong*- 4, provocando uma discussão na Coreia do Sul e nos EUA quanto à instalação de *Terminal High Altitude Area Defense (THAAD)*, que faz parte do sistema global de antimíssil (PARK, 2016, p. 34).[50] Em julho do mesmo ano, um mês depois do segundo lançamento de um míssil balístico da Coreia do Norte, a Coreia do Sul e os EUA chegaram a um acordo e anunciaram oficialmente a implementação do sistema de mísseis.

[50]Na verdade, há muito tempo os EUA levantaram a questão da instalação de um sistema antimíssil. A primeira ocasião foi em 2008, após a cúpula em abril entre a Coreia e os EUA. Richard Lawless, *US Defense Department Deputy Undersecretary* da *Asia-Pacific Affairs*, solicitou fortemente para a Coreia do Sul participasse no sistema de *Defesa de Míssil*. Em 2011, *James D.Thurman* de USFK também destacou a importância do sistema por dois objetivos principais: proteção da Coreia do Sul e o estabelecimento de Defesa Regional de Míssil (*Bloomberg*, 2011/06/29). Mas o processo de introdução começou a se acelerar em maio de 2014 quando James A. Winnefeld, do *Joint Chiefs of Staff* divulgou que já estava considerando a introdução do sistema na Coreia e que a investigação do local já tinha sido realizado. Em junho do mesmo ano, Curtis M. Scaparrotti da USFK anunciou que ele solicitaria aos EUA que introduzissem o THAAD na Coreia do Sul. Em setembro, o *deputy secretary of defense*, Robert Work, anunciou que estava negociando a questão com o governo coreano (KIM, 2017, p. 8).

Os EUA defenderam que o sistema vai focar na Coreia do Norte e contribuir para o aprimoramento das capacidades defensivas contra a ameaça de mísseis da Coreia do Norte.[51]

Nesse cenário, a China se opôs firmemente à decisão da Coreia do Sul e dos EUA. Em julho de 2016, em conferência de imprensa da *Ministry of Foreign Affairs* da China, a porta voz Hong Lei comentou,

> The deployment of the THAAD system by the US and the ROK (Republic of Korea) will in no way help achieve the goal of denuclearization on the Peninsula and maintain peace and stability of the Peninsula. It runs counter to the efforts by all parties to resolve the issue through dialogue and consultation and will gravely sabotage the strategic security interests of regional countries including China and regional strategic balance. China strongly urges the US and the ROK to halt the process of deploying the system and refrain from complicating the regional situation or undermining China's strategic security interests.[52]

Ainda nesse mês, na reunião entre ministros de Relações Exteriores da China e da Coreia, o ministro chinês Wang Yi afirmou,

> If the system is eventually deployed in the ROK, it will create negative impact on the Korean Peninsula situation, regional stability and China-ROK relations. We once again urge the ROK to take China's reasonable and legitimate concerns into serious consideration, carefully weigh the pros and cons, be extra cautious, think twice before taking actions, and cherish and maintain the hard-won sound situation of China-ROK relations.[53]

Assim, a China se manifestou contra a instalação do sistema de mísseis e criticou os EUA pela derrubada da ordem pacífica no Nordeste Asiático. Apesar de a Coreia do Sul e dos EUA argumentarem que a instalação do THAAD seria para proteger a Coreia contra a ameaça de mísseis da Coreia do Norte, a China interpretou a iniciativa como um fortalecimento relacionado ao esforço dos EUA para contê-la (PARK, 2016, p. 52). Além disso, para a China, a decisão de implantar o THAAD também representou um tipo de traição por parte da Coreia do Sul (SWAINE, 2017, p. 1). Por isso, o governo chinês decidiu pressionar a Coreia economicamente (KIM, 2017, p. 6), se aproveitando da interdependência

---

[51] *ROK-U.S. Alliance agrees to deploy THAAD*. July 7, 2016. Press Releases. United States Forces Korea. Disponível em: **https://www.usfk.mil/Media/Press-Releases/Article/831166/rok-us-alliance-agrees-to-deploy-thaad/**

[52] Foreign Ministry Spokesperson Hong Lei's Regular Press Conference on July 8, 2016. Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China.
Disponível em: **https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/xwfw_665399/s2510_665401/t1378753.shtml**

[53] Wang Yi Meets with Foreign Minister Yun Byung-se of the ROK. Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China.
Disponível em: **https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/zxxx_662805/t1384876.shtml**

comercial assimétrica da Coreia em relação à China, na tentativa de reverter a introdução do THAAD e enfraquecer a aliança da Coreia do Sul com os EUA (LEE, 2018, p. 55; SNYDER, 2015).

Nesse contexto, a Coreia do Sul hesitou-se a instalação do THAAD. Os EUA, observando a hesitação do governo coreano frente ao possível prejuízo que o sistema antimíssil possa provocar na relação bilateral política e econômica com a China, somadas às objeções do domínio político e da população sobre a eficácia e o perigo do sistema, também pressionaram a Coreia do Sul ao sugerir que, uma vez instalado o THAAD, o país usufruiria de uma melhor cooperação com o Japão e com os EUA, além de ganhar capacidade maior de lidar com o risco nuclear da Coreia do Norte (LEE, 2015, p. 336; KLINGNER, 2015). Nesse contexto, o THAAD, que na verdade é um sistema de defesa militar, tornou-se um assunto político internacional e multidimensional, com potencial para desestabilizar a aliança entre a Coreia e os EUA e a parceria Coreia e China, assim como a relação comercial e política com a China (PARK, 2016, p. 33).

Em julho de 2016, quando a instalação do THHAD foi finalmente decidida, a China deu início a medidas retaliatórias contra a Coreia, mas evitou um conflito contra os EUA (KIM, 2017, p. 2; LEE, 2018, p. 48). A China realizou a retaliação em várias vertentes, causando prejuízos econômicos e comerciais na economia coreana (KWON; LEE, 2018, p. 71). Entre as medidas, ocorreram: a) o corte de subsídios a empresas chinesas de veículos eletrônicos que usam baterias coreanas; b) a intensificação da investigação na alfândega sobre a importação de bens de consumo coreanos; c) a intensificação de requisitos para a emissão de visto comercial para coreanos; d) a desaprovação da importação de produtos cosméticos e alimentícios coreanos; e) a investigação de antidumping sobre polisilicone coreano; f) a suspensão de agências de turismo que vendem pacotes de turismo para a Coreia; g) a suspensão de negócios no shopping coreano (*Lotte)*, que ofereceu o campo de instalação do THHAD na Coreia; e h) a proibição da participação de artistas coreanos em programas e propagandas chineses (Bank of Korea, 2017, p. 47).

Com as medidas, as vendas das empresas *Hyundai* e *Kia* caíram 5 trilhões de won (aproximadamente US$ 4,52 bilhões de dólares) no primeiro semestre, resultando na queda de 33% das exportações de subcontratantes coreanas das duas empresas (KWON; LEE, 2018, p. 68). Após a divulgação da instalação do THHAD no campo de *Lotte*, houver a maior queda na venda de automóveis coreanos no mercado chinês (Korea Institute for Industrial Economics and Trade, 2017b, p. 3). Outros itens mais afetados pela retaliação foram

cosméticos e alimentos com desaprovação de entrada ou demora na alfândega (Korea Institute for Industrial Economics and Trade, 2017b; KITA, 2017). O setor de cosméticos teve queda de 1,4 trilhões de won (US$ 1,27 bilhões de dólares) e, no turismo, 7 trilhões de won (US$ 6,33 bilhões de dólares). Em consequência, a retaliação causou prejuízo econômico substancial à Coreia, em torno de 8,5 trilhões de won (US$ 7,69 bilhões de dólares), o que equivale a 0,5% de PIB em 2017 (Hyundai Research Institute, 2017, p. 8).

Por outro lado, em virtude do Acordo de Livre Comércio entre os dois países, não foi possível para a China restringir diretamente as exportações coreanas, sendo mais utilizadas as barreiras não-tarifárias. Além disso, como mais de 70% da exportação coreana consiste em bens intermediários, a China, preocupada em prejudicar suas indústrias nacionais ao controlar a importação oriunda da Coreia, evitou aplicar medidas retaliatórias nesses produtos. Por isso, apesar das retaliações, a Coreia do Sul ainda mantém sua primeira posição na importação chinesa (Korea Institute of Economics and Trade, 2017, p. 84-6; KIET, 2017a, P. 3) e a China continua como o maior mercado de exportação e importação coreana.

Nesse aspecto, é necessário ponderar que, de 2014 a 2017, a demanda chinesa pelas exportações coreanas pode ter se reduzido também por conta de um processo de desaceleração da economia chinesa, estagnação da economia mundial, e mudança de estrutura econômica chinesa seguida por avanço tecnológico do país. Ou seja, as exportações da Coreia para a China já experimentavam uma redução antes das retaliações, mas a partir de 2017 mostraram uma recuperação (Bank of Korea, 2016, p. 33-5).

Com a resistência contínua da opinião pública coreana e o prejuízo comercial provocado pela retaliação comercial da China, o novo governo coreano do presidente Moon Jae-In, inaugurado em maio de 2017, mandou investigar vários pontos referentes ao processo de introdução e instalação do THAAD (JUNG; KIM, 2017, p. 61-62). O THAAD foi reavaliado e a Coreia anunciou que não haveria novas instalações, além das já realizadas. O Ministry of Foreign Affairs coreano também afirmou que o país não faria parte do *Regional Missile Defense* dos EUA, e que a Coreia não formaria uma aliança militar com os EUA e o Japão contra a China (LEE, 2018, p. 42).

Em outubro de 2017, a Coreia do Sul e a China divulgaram os resultados da Conferência de Aperfeiçoamento da relação entre os dois países e acordaram sobre a recuperação do intercâmbio (Ministry of Foreign Affairs, 2017). Em dezembro de 2017, o Ministério de Indústria, Comércio e Recursos da Coreia e o Ministério do Comércio da China assinaram o *Memorandum of Understanding* em que os dois países concordam em iniciar

negociações posteriores ao ALC para setores de serviço e de investimentos, tendo a primeira em julho de 2018 (Ministry of Foreign Affairs, 2017). Entretanto, as medidas retaliatórias da China não foram tiradas completamente e a relação comercial entre ambos não voltou a ser como era antes do incidente. Isso também se aplica nas relações político-diplomáticas, além das econômicas e comerciais. A China continua solicitando que a Coreia do Sul retire o THAAD instalado, sempre que a Coreia do Sul pede apoio político da China nas negociações com a Coreia do Norte no processo de desnuclearização e paz na península coreana (LEE, 2018). [54]

Nesta seção, foi abordado como a China tentou exercer influência na Coreia na questão militar (THAAD), utilizando a posição dominante fortificada pelas relações comerciais interdependentemente assimétricas. Os incidentes aqui tratados foram episódios que expuseram a sensibilidade e a vulnerabilidade da estrutura comercial da Coreia, evidenciando uma delicada posição da Coreia, deixando o país sujeito ao jogo de poder de barganha entre seus principais mercados em assuntos além do comércio. Assim como a emenda do KORUS FTA, a retaliação comercial da China também não chegou a afetar a economia coreana como foi inicialmente previsto, mas, a Coreia do Sul sofreu tensões políticas e prejuízos comerciais, e sobretudo, decidiu por não instalar mais nenhum sistema antimíssil fora o que já havia sido instalado, como foi solicitado pela China. Neste aspecto, pode-se dizer que, parcialmente, a China ganhou concessões no domínio político com seu poder de barganha.

A interdependência comercial assimétrica com a China e com os EUA, em que há alta concentração do comércio coreano, somada ao fato do comércio representar uma grande parte da economia nacional, implica na noção de que reduzir as exportações a esses maiores mercados pode prejudicar menos a economia da Coreia a longo prazo. Ou seja, na dimensão política, para restringir a volatilidade política e militar dos parceiros comerciais, e na dimensão econômica, para garantir mercados de exportação e manter o crescimento estável da exportação e da economia, a diversificação de mercados de exportação pode ser uma ferramenta relevante para a Coreia (Ministry of Trade, Industry, and Energy, 2017; MIN,

---

[54] Realizar a desnuclearização da península coreana e a declaração do fim da Guerra das Coreias (1950-presente) são algumas das principais agendas do governo do presidente Moon Jae In.
Disponível em: **Address by President Moon Jae-in at 75th Session of United Nations General Assembly** Address by President Moon Jae-in at 75th Session of United Nations General Assembly. Acesso em 06 de junho de 2020. Disponível em:
**https://www1.president.go.kr/government-projects#page5** National Agendas. Acesso em 06 de junho de 2020.

2012; JUNG; LEE, 2018; JE, 2013; MIN et al., 2011; KIM; KWAK, 2013). Portanto, com os exemplos aprendidos no passado recente, sugere-se a necessidade da Coreia de dissipar sua alta dependência de exportação concentrada nos dois países, buscando a diversificação geográfica da exportação a mercados alternativos. Essa diversificação é importante também em termos de seu contexto geopolítico na região Nordeste Asiática, onde vários assuntos políticos e militares se interligam com assuntos comerciais. Se as exportações coreanas mantiverem as características descritas, a China e os EUA podem continuar a utilizar seus poderes de barganha, trazendo riscos para a economia e segurança coreana.

Nesse contexto, ao buscar mercados alternativos, é interessante que as exportações coreanas destinadas a potenciais parceiros não sejam afetadas por assuntos políticos e diplomáticos. Considerar países da Europa, América do Sul, Oriente Médio ou África, que tenham um menor contexto geopolítico compartilhado com a Coreia do Sul, se mostra como uma solução. Além disso, diferentemente dos EUA e da China, seria essencial escolher países com baixo nível de interdependência e assimetria comercial. Adicionalmente, outros fatores como o crescimento da exportação coreana destinada ao mercado e a compatibilidade da pauta exportadora de mercadorias com os EUA e a China são pertinentes para a escolha de mercados alternativos.

Uma das regiões que se encaixam nesses critérios é a América Latina e, dentre os países da região sul-americana, o de maior destaque, tendo em vista seu tamanho de mercado e o crescimento das exportações coreanas, é o Brasil. No Capítulo 4, são feitas análises das exportações coreanas por região para descobrir se a América do Sul poderia ser estudada como um mercado alternativo. Depois, o trabalho investiga as exportações coreanas para o mercado escolhido, o Brasil, na dimensão bilateral. Após verificar se o Brasil tem potencial para ser estudado como um dos possíveis mercados alternativos da exportação coreana, se segue uma série de análises empíricas de indústrias e setores brasileiros visando descobrir em quais mercados brasileiros há maior possibilidade de diversificar as exportações destinadas aos EUA e à China.

# 4 ANÁLISE DO MERCADO ALTERNATIVO: O BRASIL

Embora uma grande proporção da exportação coreana tenha historicamente se concentrado em dois países e ainda seja pouco variada, especialmente em comparação com outros principais exportadores mundiais de bens, a diversificação de mercados do país também tem se realizados aos poucos (YOON, 2019a; JUNG; LEE, 2018). A Tabela 2 mostra queda na participação dos dez maiores mercados na exportação total da Coreia ao longo de 50 anos, que em 1970 era de 91,3%, reduziu-se para 62,4% em 2010, apesar de aumentar para 70,3% em 2019.

Ainda nesse contexto, observa-se a emergência de mercados não tradicionais como os principais mercados de exportação. De acordo com a Tabela 2, de 1970 a 1990, entre os dez maiores mercados de exportação coreana, a grande maioria era composta por países tradicionais europeus, norte-americanos e asiático, tais como: Alemanha, Canadá, Holanda, Reino Unido, Suécia, EUA e Japão. Porém, com o surgimento dos países emergentes, como Indonésia, Taiwan, Malásia, Vietnã, Índia, assim como China e o país latino, México, os mercados tradicionais perderam seus lugares na pauta coreana. Em 2000, apenas três países ocidentais, EUA, Reino Unido e Alemanha estavam presentes na lista. Em 2019, com a China e os EUA mantendo relativamente suas participações do início da década de 2000, já não há mais nenhum país europeu na lista.

Tabela 2 – Participação (%) dos 10 maiores mercados da exportação coreana (1970-2019, decenal)

| Posição | 1970 | 1980 | 1990 | 2000 | 2010 | 2019 |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | EUA (47,3%) | EUA (26,3%) | EUA (29,8%) | EUA (21,8%) | China (25,1%) | China (25,1%) |
| 2 | Japão (28,1%) | Japão (17,4%) | Japão (19,4%) | Japão (11,9%) | EUA (10,7%) | EUA (13,5%) |
| 3 | Hong Kong (3,3%) | Arábia Saudita (5,4%) | Hong Kong (5,8%) | China (10,7%) | Japão (6,0%) | Vietnã (8,9%) |
| 4 | Alemanha (3,3%) | Alemanha (5,0%) | Alemanha (4,4%) | Hong Kong (6,2%) | Hong Kong (5,4%) | Hong Kong (5,9%) |
| 5 | Canadá (2,3%) | Hong Kong (4,7%) | Cingapura (2,8%) | Taiwan (4,7%) | Cingapura (3,3%) | Japão (5,2%) |
| 6 | Holânda (1,6%) | Irã (3,5%) | Reino Unido (2,7%) | Cingapura (3,3%) | Taiwan (3,2%) | Taiwan (2,9%) |
| 7 | Reino Unido (1,6%) | Reino Unido (3,3%) | Canadá (2,7%) | Reino Unido (3,1%) | Índia (2,5%) | Índia (2,8%) |
| 8 | Vietnã (1,5%) | Indonésia (2,1%) | Taiwan (1,9%) | Alemanhã (3,0%) | Alemanha (2,3%) | Cingapura (2,4%) |
| 9 | Cingapura (1,3%) | Holânda (2,0%) | França (1,7%) | Malásia (2,0%) | Vietnã (2,1%) | México (2,0%) |
| 10 | Suécia (0,9%) | Canadá (2,0%) | Indonésia (1,7%) | Indonésia (2,0%) | Indonésia (1,9%) | Malásia (1,6%) |
| Total | 91,3% | 71,7% | 72,8% | 68,8% | 62,4% | 70,3% |

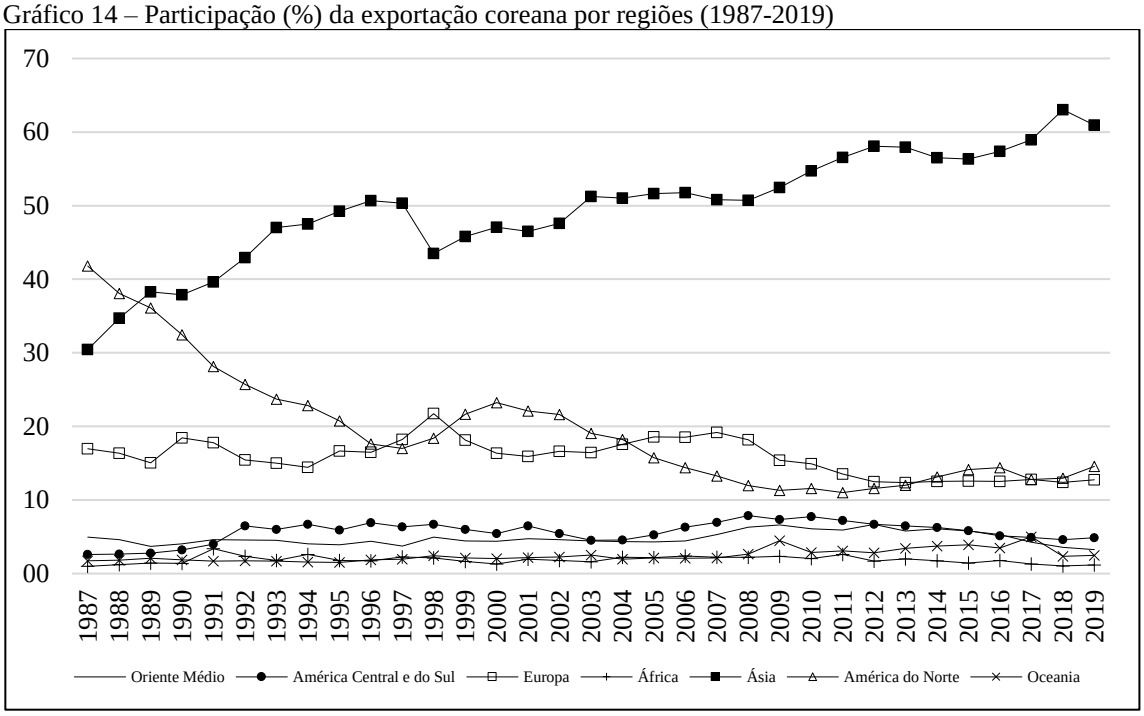
Fonte: KITA.[55]

No Gráfico 14, verifica-se esse aspecto de forma agregada por região. A participação das regiões tradicionais como a América do Norte e a Europa diminuíram, dando espaço para as regiões não tradicionais como Ásia, Oceania, África, e Américas Central e do Sul. Por exemplo, enquanto a participação da Ásia cresceu quase 100% em 30 anos, a da América do Norte declinou 65% durante o mesmo período, reflexo do surgimento da China e da queda relativa dos EUA. Na sequência, as Américas Central e do Sul obtiveram o segundo maior crescimento das exportações coreanas ao longo do período analisado (88%), seguidas por Oceania (43%) e África (18%). A Europa e o Oriente Médio perderam participação no período em 25% e 34%, respectivamente.[56]

[55] Acesso em 03 de julho de 2020.

[56] Crescimento anual de participação dessas regiões também segue a mesma ordem: Ásia (2,2%), América Central e do Sul (2%), Oceania (1,1%), África (0,5%), Europa (-0,9%), Oriente Médio (-1,3%), e América do Norte (-3,2%) (KITA, Acesso em 08 de outubro de 2020).

Gráfico 14 – Participação (%) da exportação coreana por regiões (1987-2019)




Fonte: KITA.[57]

Impulsionada, em grande parte, pelo processo de abertura da maioria dos países das Américas Central e do Sul, a participação das exportações coreanas para esses países saltou de 2,6%, em 1988, para 6% a 7% nas décadas de 1990 até 2001. Após esse período, a participação oscilou e terminou 2019 com aproximadamente 5% das exportações coreanas, nível semelhante ao de 1992.

A Tabela 3 mostra as participações e posições dos principais destinos sul-americanos de exportação coreana a cada dez anos, de 1970 até 2019. Observa-se que desde 1994, o Brasil tem mantido, na maioria dos anos, a posição como o segundo maior mercado da Coreia na América Latina, atrás somente do México. No entanto, como as exportações destinadas ao México passam para os EUA e o Canadá, por meio do NAFTA, o Brasil pode ter um significado maior para a Coreia como um mercado individual. Mesmo que a participação dessa região e do Brasil, em específico, seja bem menor do que as dos principais países da América do Norte e Europa (regiões que vieram perdendo relevância nas exportações coreanas), a relevância do Brasil entre os países da América Latina como mercado de exportação coreana tem crescido nos últimos 50 anos, o que mostra sua relevância entre os países da região (YOON, 2019a).

[57] Acesso em 08 de outubro de 2020.

Tabela 3 – Participação (%) e posição de principais destinos sul-americanos de exportação coreana (1970-2019, decenal)

| País | 1970 | 1980 | 1990 | 1994 | 1996 | 2000 | 2010 | 2012 | 2019 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| México | 0,1% (38) | 0,3% (40) | 0,9% (20) | 1,3% (15) | 0,9% (22) | 1,2% (15) | 1,9% (11) | 1,7% (14) | 2,0% (9) |
| Brasil | 0,0% (60) | 0,0% (90) | 0,2% (49) | 0,9% (25) | 1,2% (18) | 1,0% (19) | 1,7% (13) | 1,9% (11) | 0,9% (21) |
| Chile | 0,0% (85) | 0,4% (35) | 0,2% (40) | 0,4% (31) | 0,5% (32) | 0,3% (34) | 0,6% (32) | 0,5% (33) | 0,2% (47) |
| Colômbia | 0,0% (87) | 0,1% (52) | 0,1% (59) | 0,2% (43) | 0,1% (57) | 0,1% (60) | 0,3% (47) | 0,3% (45) | 0,2% (48) |
| Peru | 0,0% (73) | 0,0% (75) | 0,0% (103) | 0,1% (55) | 0,2% (56) | 0,1% (59) | 0,2% (57) | 0,3% (44) | 0,1% (55) |
| Ecuador | 0,0% (70) | 0,1% (54) | 0,0% (91) | 0,1% (56) | 0,1% (81) | 0,1% (85) | 0,2% (60) | 0,2% (61) | 0,1% (67) |
| Argentina | 0,0% (47) | 0,4% (31) | 0,1% (54) | 0,5% (28) | 0,3% (40) | 0,3% (44) | 0,2% (59) | 0,2% (58) | 0,1% (72) |
| Venezuela | 0,0% (50) | 0,2% (47) | 0,1% (62) | 0,1% (63) | 0,1% (69) | 0,2% (48) | 0,1% (66) | 0,1% (70) | 0,0% (148) |
| Total | 0,1% | 1,5% | 1,6% | 3,6% | 3,4% | 3,5% | 5,2% | 5,2% | 3,6% |

Nota: *Os dados estão ordenados por ordem crescente de 2019; os dados em parêntesis significam a posição de cada país na exportação coreana.
Fonte: Korea International Trade Association.[58]

Em base nesses fatos, a próxima seção investiga o fluxo da exportação coreana para o Brasil, com ênfase no crescimento da exportação coreana destinada ao mercado. Ao fim, pretende-se verificar se o Brasil cumpre a condição básica como um mercado alternativo da exportação coreana, que é um menor nível de interdependência e de assimetria na relação bilateral comercial. Também olha-se de forma complementar, nos principais pontos políticos e diplomáticos na relação bilateral entre os dois países para verificar se há menor contexto político compartilhado comparado com a China e os EUA.

## 4.1 Relação comercial entre a Coreia e o Brasil

Além das análises sobre o fluxo comercial bilateral entre o Brasil e a Coreia do Sul, e as caraterísticas qualitativas da relação bilateral, esta seção verifica se o Brasil cumpre o critério de que possuir baixa interdependência e assimetria comercial com a Coreia do Sul.

Apesar de os países estabelecerem um acordo comercial em 1963, o avanço significativo do relacionamento econômico entre eles se iniciou na década de 1990. Passadas a década de 1970, em que as relações do Brasil com a região asiática restringiam-se ao Japão e a China e a década de 1980 quando as sucessivas crises impediram maior estreitamento com os países asiáticos, os ex-presidentes Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso definiram a Ásia como uma região prioritária para cooperação científica e tecnológica, diversificação de mercados comerciais e de parcerias políticas do Brasil. A crescente presença da Coreia do Sul na economia mundial e a busca do Brasil por novos mercados

[58] Acesso em 07 de junho de 2020.

estrangeiros, somando-se a abertura comercial brasileira, impulsionaram a necessidade e o interesse do Brasil pelas relações econômicas mais intensas com o país asiático (OLIVEIRA, 2004, p. 8-16).

No entanto, a crise asiática de 1997 a 1998 e a própria crise brasileira de 1999 reduziram a exportação brasileira para os países asiáticos, apesar de a Coreia conseguir manter suas exportações para o Brasil nos níveis anteriores à crise. Oliveira (2004) interpreta que a crise financeira asiática (1997-1998) forçou os países da região a procurarem um maior engajamento com países da América Latina, desenvolvendo canais de aproximação, como é o caso do *Forum for East Asia – Latin America Cooperation* (FEALAC) de 1999, que visou criar fundamentos para a implementação de programas que fortaleçam as ligações econômicas, políticas, sociais e culturais entre as duas regiões (Ibid., p. 15-17). Dessa forma, o ambiente para o relacionamento da Coreia do Sul com o Brasil se tornou mais favorável ao desenvolvimento comercial bilateral.[59]

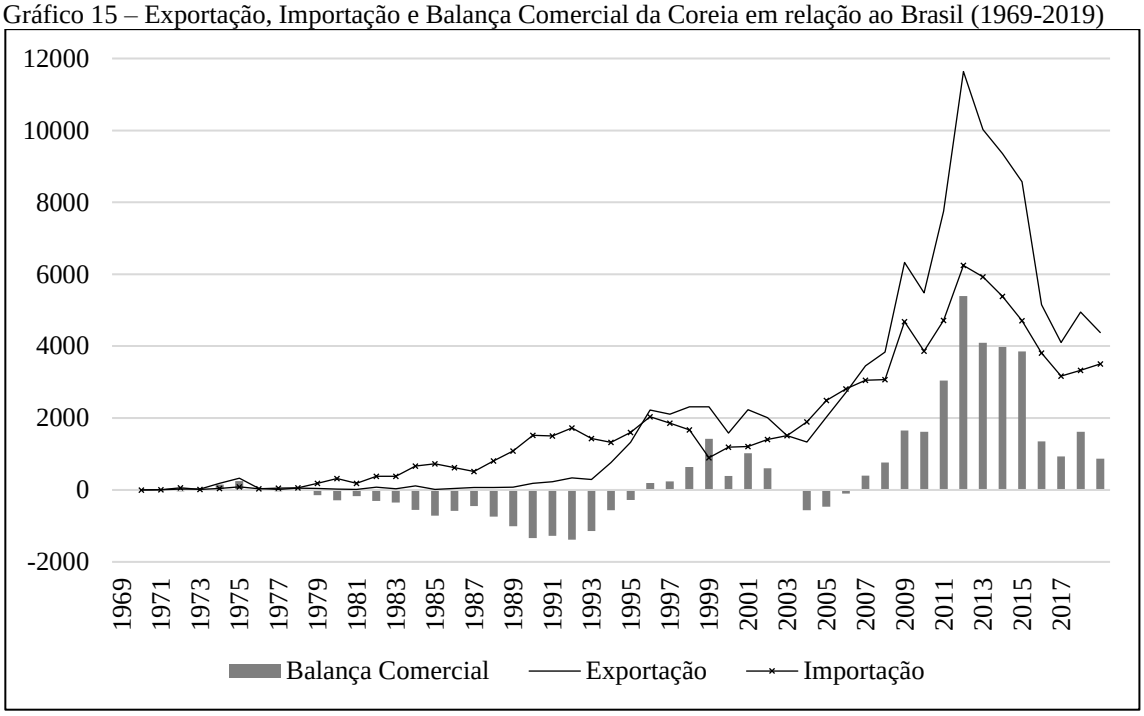
Conforme ilustra o Gráfico 15, de 1969 até o início de 1990, exceto durante o período entre 1972 e 1974, foi o Brasil que exportou mais para a Coreia e a exportação coreana para o Brasil não era significativa.[60] Desde então, a exportação se intensificou significativamente, invertendo a balança comercial da Coreia em relação ao Brasil, de déficit para superávit, em 1995. A taxa de crescimento da exportação desacelerou de 1995 a 1998, tornando-se negativa entre 2000 e 2003, mas se recuperando nos anos subsequentes, até o recorde de 2011. Mesmo em queda a partir deste ano, as exportações coreanas para o Brasil ainda permanecem maiores do que as importações até o final do período (YOON, 2019a).

---

[59] Apesar do avanço das relações entre o Brasil e a Ásia, não se pode negar que a melhoria tem sido muito mais como uma reação do Brasil às iniciativas asiáticas e que a disposição e participação do Brasil têm sido mais voltadas para compromissos regionais e ocidentais (OLIVEIRA, 2004, p. 9-10).

[60] Observando em maior detalhe, de 1971 até 1980, a exportação coreana flutuava entre dois e sete milhões de dólares, reduzindo-se até 1980. Durante o período de 1981 a 1984, a exportação foi realizada em maior escala, entre 20 e 30 milhões de dólares, acelerando até 1992.

Gráfico 15 – Exportação, Importação e Balança Comercial da Coreia em relação ao Brasil (1969-2019)




Unidade: milhões de dólares (constantes, 2010). Fonte: KITA.[61]

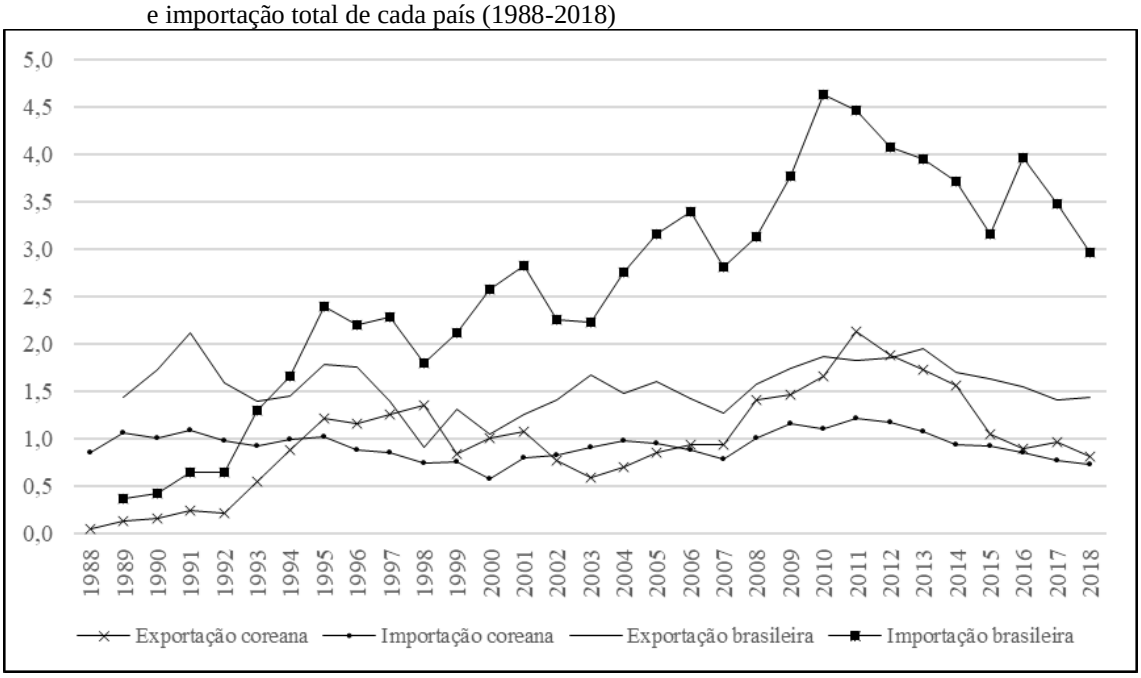
Yoon (2019a) sintetizou os momentos de mudanças na exportação coreana destinada ao Brasil entre 1965 e 2017, dividindo-os em cinco períodos: a) de 1965 a 1980, após o estabelecimento da relação comercial, mas antes de o comércio começar em escala real; b) de 1981 a 1995, quando o comércio cresce de forma estável; c) de 1995 a 2003, o período de estagnação e diminuição da exportação; d) de 2003 a 2011, quando a exportação volta a crescer radicalmente; e e) de 2011 a 2017, quando a exportação diminuiu de forma drástica novamente.

O Gráfico 16 compara a evolução da participação da exportação e importação da Coreia em relação ao Brasil e vice versa. O destaque ocorre na importação brasileira de produtos coreanos, que é compatível com o aumento das exportações da Coreia destinadas ao Brasil. A proporção da importação dos produtos coreanos na importação total brasileira, apesar de ocorrer em níveis baixos, tem mostrado um progresso significativo de 0,4%, em 1989, a 3,0% em 2018, tendo o ápice de 4,6% em 2010. Enquanto isso, a importação dos produtos brasileiros na importação total coreana e a exportação brasileira para a Coreia, na exportação total brasileira, mantiveram o nível do final de década de 1980 ao longo de 40 anos. Em 2018, a Coreia foi o décimo maior mercado de exportação e o quinto maior mercado de importação brasileira. Nos dois casos, a Coreia do Sul foi o segundo maior parceiro

[61] Acesso em 13 de outubro de 2020.

comercial do Brasil entre os países asiáticos, atrás apenas da China, maior parceiro comercial do Brasil em 2009 (Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio).[62] Portanto, tende-se a notar que na relação comercial bilateral, a relevância da Coreia como um mercado de importação brasileira é maior do que o resto das relações.

Gráfico 16 – Participação (%) de exportação e importação da Coreia e do Brasil na exportação e importação total de cada país (1988-2018)



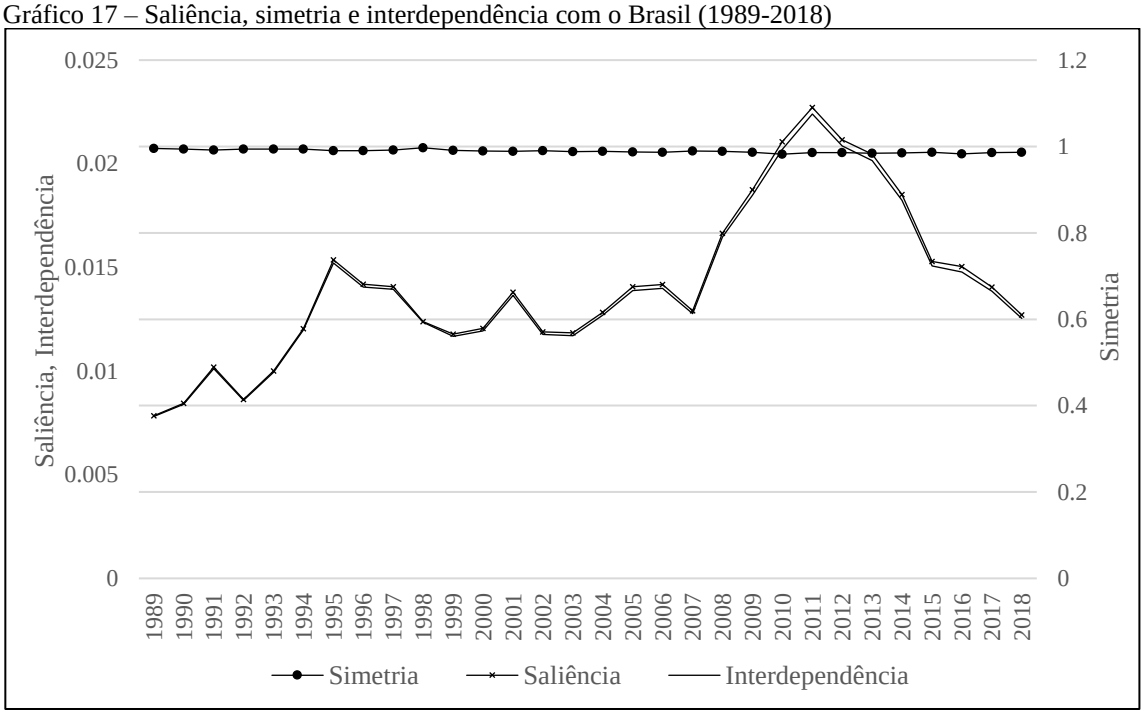

Nota: *Exportação coreana para o Brasil/Exportação total coreana; Importação coreana do Brasil/ Importação total coreana. Exportação brasileira para a Coreia/Exportação total brasileira; Importação brasileira da Coreia/Importação total brasileira.
Fonte: Banco Mundial.[63]

O Gráfico 17 reporta a interdependência comercial entre a Coreia do Sul e o Brasil, utilizando os índices de simetria, saliência e interdependência de Barbieri (1996). A simetria da relação comercial entre os dois países se manteve em torno de 0,99 ao longo dos últimos 30 anos, resultado mais elevado do que os 0,84 e 0,92 da China e dos EUA em 2018, respectivamente, indicando uma relação comercial mais simétrica. Com a simetria próxima do valor um, a interdependência tende a mimetizar a saliência e ambos apresentaram os valores de 0,01 em 1989, terminando o período com 0,014 em 2018. Apesar da crescente importância notada entre 2007 e 2011, a relevância e a interdependência desse comércio

[62] Acesso em 11 de abril de 2020.
[63] Acesso em 05 de junho de 2020.

bilateral teve um aumento discreto no período. Em comparação, em 2018 esses dois indicadores do comércio bilateral entre a Coreia e o Brasil são quase 10 e 6 vezes menores do que os com a China e com os EUA respectivamente, mostrando menor relevância da relação comercial com o Brasil, além de não terem estabelecido uma interdependência profunda.

Gráfico 17 – Saliência, simetria e interdependência com o Brasil (1989-2018)




Fonte: KITA e Banco Mundial (elaboração própria).[64]

Em resumo, a relação bilateral Coreia – Brasil é mais simétrica, menos relevante e menos interdependente do que as relações Coreia-EUA e Coreia-China. Portanto, considerando-se os conceitos discutidos nos Capítulos 2 e 3.3, pode-se dizer que a Coreia não é sensível e nem vulnerável em relação ao Brasil, em termos de exportação. Assim, a relação Coreia-Brasil satisfaz a condição necessária de um mercado alternativo da Coreia, qual seja, menor interdependência comercial na relação bilateral com a Coreia.

Em relação aos bens transacionados, a Tabela 4 mostra que, em 1989, mais da metade da exportação coreana para o Brasil foi concentrada em bens de capital, cuja venda aumentou ainda mais – para 67% em 30 anos – dominando a exportação coreana. Os bens de consumo que tinham participação de 38% em 1989 diminuíram para menos de um terço em 2018, cedendo espaço para bens intermediários cuja proporção foi duplicada. Essa mudança pode

[64] Acesso em 18 de julho de 2020.

ser atribuída ao fenômeno mundial de fragmentação produtiva e o seguinte crescimento das exportações de bens intermediários no comércio internacional, tendência que ocorre com a adesão dos países às cadeias globais de valor. Desde o final de década de 1990, as empresas coreanas também mudaram sua estratégia em relação ao Brasil, estabelecendo entidades locais por meio do Investimento Direto Estrangeiro (IDE) e fabricando produtos finais com bens intermediários importados da Coreia, tendo por objetivo também, evitar o alto imposto cobrado pelo governo brasileiro em bens de consumo (KIM; PARK, 2019; KIM, 2020).[65]

Tabela 4 – Composição de exportação da Coreia para o Brasil e do Brasil para a Coreia (1989 e 2018, classificados por estágios de processamento)

| Coreia do Sul | | | | Brasil | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1989 | | 2018 | | 1989 | | 2018 | |
| Bens de capital | 51,1% | Bens de capital | 66,6% | Bens intermédios | 64,8% | Bens intermédios | 49,3% |
| Bens de consumo | 38,1% | Bens intermédios | 20,9% | Matéria prima | 25,8% | Matéria prima | 47,4% |
| Bens intermédios | 10,7% | Bens de consumo | 12,9% | Bens de consumo | 6,2% | Bens de consumo | 1,7% |
| Matéria prima | 0,1% | Matéria prima | 0,0% | Bens de capital | 3,2% | Bens de capital | 1,6% |

Fonte: Banco Mundial. [66]

O perfil da pauta das exportações brasileiras destinadas à Coreia é completamente distinto. A pauta brasileira para o país oriental tem sido sempre dominada por bens primários e intensivos em recursos naturais, com pequena participação de bens de consumo e de capital. Em 1989, a soma dos bens intermediários e matérias-primas totalizou 90,6% das exportações brasileiras; em 2018 chegou a quase 97%, com maior espaço para a participação de matérias-primas (bens de consumo e de capital somaram apenas 3,3% das exportações). Assim, o comércio entre os dois países tem um aspecto complementar, sendo a Coreia exportadora de bens de capitais, intermediários e de consumo e o Brasil exportador de bens intermediários e matérias primas.

No entanto, existem também desafios na ampliação da exportação coreana para o Brasil. Como visto, a participação do comércio com a Coreia na economia brasileira ainda é pequena e a evolução recente do comércio bilateral tem mostrado uma tendência de queda. O Brasil é o país que mais impõe regulamentações nas importações de produtos coreanos, se

[65] A inserção da Coreia ao mercado brasileiro se intensificou em 1995. As maiores empresas coreanas da indústria manufatureira como Samsung Electronics e LG Electronics estabeleceram entidades no mercado local, e iniciaram fabricação e vendas. Outras entidades do setor de varejo e atacado como Samsung C&T Corporation e Hyundai Corporation também fundaram entidades no Brasil. Apesar de o crescimento dos investimentos ter desacelerado após a Crise Financeira no Brasil em 1999, a inserção das empresas coreanas continuou. O IDE no Brasil foi fortalecido drasticamente desde 2005, com ápice em 2011, depois, veio se reduzindo (KIM, 2020, p. 15-8).

[66] Acesso em 15 de abril de 2020.

comparado a outros países da América Latina (KWON, 2019). Além disso, embora a Coreia e o Brasil tenham completado um estudo conjunto de viabilidade de um Acordo de Livre Comércio em 2007, e a Coreia do Sul tenha tentado iniciar as negociações, com a atitude passiva do MERCOSUL para avançar com o acordo, não houve progresso expressivo para finalizá-lo.[67] Com o surgimento de governos favoráveis na Argentina em 2015 e no Brasil em 2016, as duas contrapartidas lançaram as negociações oficiais com o objetivo de fechar o acordo até 2020 (Ministry of Trade, Industry and Energy, 2017, p. 1, 2; Ministry of Trade, Industry and Energy, 2016). Porém, a incerteza quanto ao estabelecimento do acordo continua e as inúmeras divergências entre as duas regiões persistem, fragilizando o estreitamento das relações comerciais entre o Brasil e a Coreia (KIM; PARK, 2019).

Sob um outro ponto de vista, entretanto, a relação comercial entre os países – especialmente a exportação – tem sido mais influenciada pela situação econômica doméstica do Brasil do que por assuntos políticos ou militares, não compartilhando agendas diplomáticas e militares relevantes, o que se diferencia do que foi estudado em relação aos EUA e a China. A Coreia do Sul e o Brasil estabeleceram suas relações diplomáticas em 1959. Somente no pós-Guerra Fria, guiado pelo interesse pelo desenvolvimento brasileiro, em conjunto com o dinamismo econômico asiático, surgiu a disposição do Brasil em aprofundar a cooperação com os países asiáticos (FUJITA, 2004, p. 60 apud VILLELA, 2004).

A iniciativa que estreitou a relação diplomática entre a Coreia e o Brasil foi acelerada pela visita do ex-presidente Kim Young Sam ao Brasil, em 1996, pela primeira vez como presidente coreano, quando o acordo de turismo foi firmado e o estabelecimento do Mecanismo de Consultas Políticas foi realizado (YOON, 2019b). Em 2001, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso visitou a Coreia do Sul e foram assinados o Acordo para Cooperação nos Usos Pacíficos de Energia Nuclear e o Acordo de Isenção de Vistos. Em 2004, o ex-presidente Ro Mu Hyun também visitou o Brasil, mostrando mais um reforço na cooperação entre os Estados, abrindo a porta para o Memorando de Entendimento sobre Energia e Recursos Minerais. Em 2005, o ex-presidente Lula visitou a Coreia do Sul e, no mesmo ano, o Memorando de Entendimento sobre Centro de Tecnologia da Informação no

[67] Durante as negociações, conforme a solicitação do MERCOSUL de abster o termo Acordo de Livre Comércio, foi decidido a utilização do termo Trade Agreement (Ministry of Trade, Industry and Energy, 2016, p. 1).

Brasil foi estabelecido. [68] Assim, tendo poucos saltos na relação diplomática entre os dois países, nota-se que o Brasil não compartilha, pelo menos não de forma tão assertiva, deassuntos políticos ou de segurança, como os EUA e a China.

Assim, os graus de interdependência e a saliência dessa relação são bastante baixos, conforme visto nesta seção, com uma simetria maior quando comparada com os níveis das relações comerciais com os EUA e a China. Como foi tratado, embora existam alguns aspectos desafiadores em aumentar as exportações coreanas para o Brasil, tendo o Brasil cumprido o critério e observando-se uma relação político-diplomática da Coreia com o Brasil menos complexa do que com os EUA e China – visto que as relações entre os dois países ocorreram mais pelo lado econômico e comercial – na próxima seção serão realizadas análises desagregadas para mensurar o potencial do mercado brasileiro em receber as exportações sul coreanas, por exemplo, o crescimento da exportação coreana destinada aos mercados específicos brasileiros e a compatibilidade da pauta exportadora de mercadorias com os EUA e a China, que foram indicadas no capítulo 3.3.2 como critérios pertinentes para a escolha de mercados alternativos.

## 4.2 Análise setorial comparada entre EUA e China *versus* Brasil

Construir métodos e processos efetivos para selecionar um mercado estrangeiro tem sido o ponto mais relevante da literatura de *International Market Selection* (IMS). Dependendo dos métodos empregados, os critérios usados em avaliar o mercado variam (PAPADOPOULOS; DENIS, 1988, p. 38). Nesta seção, são calculados cinco indicadores sobre os setores em dois e quatro dígitos do *Harmonized Commodity Description and Coding System* (HS), para avaliar a atratividade do mercado brasileiro para as exportações coreanas, desviando as destinadas à China e aos EUA. Os resultados identificarão quais setores do Brasil têm potencial para a Coreia intensificar suas exportações.

### *4.2.1 Complementaridade de Comércio (TCI)*

[68] Disponível em: **http://news.kotra.or.kr/user/nationInfo/kotranews/14/nationDetailView.do?natnSn=178&commItemSn=405**. Acesso em 27 de outubro de 2020

Em 1967, Kojima e Drysdale introduziram o Índice de Complementaridade Comercial (Trade Complementarity Index – TCI), que mensura em que medida a composição da oferta das exportações de um país complementa o perfil de importação do parceiro, referindo-se à extensão em que as duas regiões se especializam em setores diferentes (BANCO MUNDIAL, 2013, p. 19; DE CASTRO, 2012, p. 3; SHARMA et al., 2017; ANDREOSSO-O'CALLAGHAN, 2009, p. 148). Se houver correspondência, pode-se interpretar que existe a complementaridade no comércio bilateral e haveria oportunidades para o abastecimento das exportações para o mercado em questão (IBRAHIM; ABDULAZIZ, 2018, p. 192). O TCI, dado pela expressão 8, é um conceito útil para avaliar prospectivas de acordos comerciais, visto que auxilia na análise da viabilidade e dos efeitos de um ALC entre duas partes (DE CASTRO, 2010, p. 3; BANCO MUNDIAL, 2013, p. 19; SHARMA et al., 2017, p. 247).

$$TCI_{ij} = 100 * \left\{1 - \left[\frac{\sum_{k=1}^{n}(|\frac{X_{ik}}{X_i} - \frac{M_{jk}}{M_j}|)}{2}\right]\right\} \qquad (8)$$

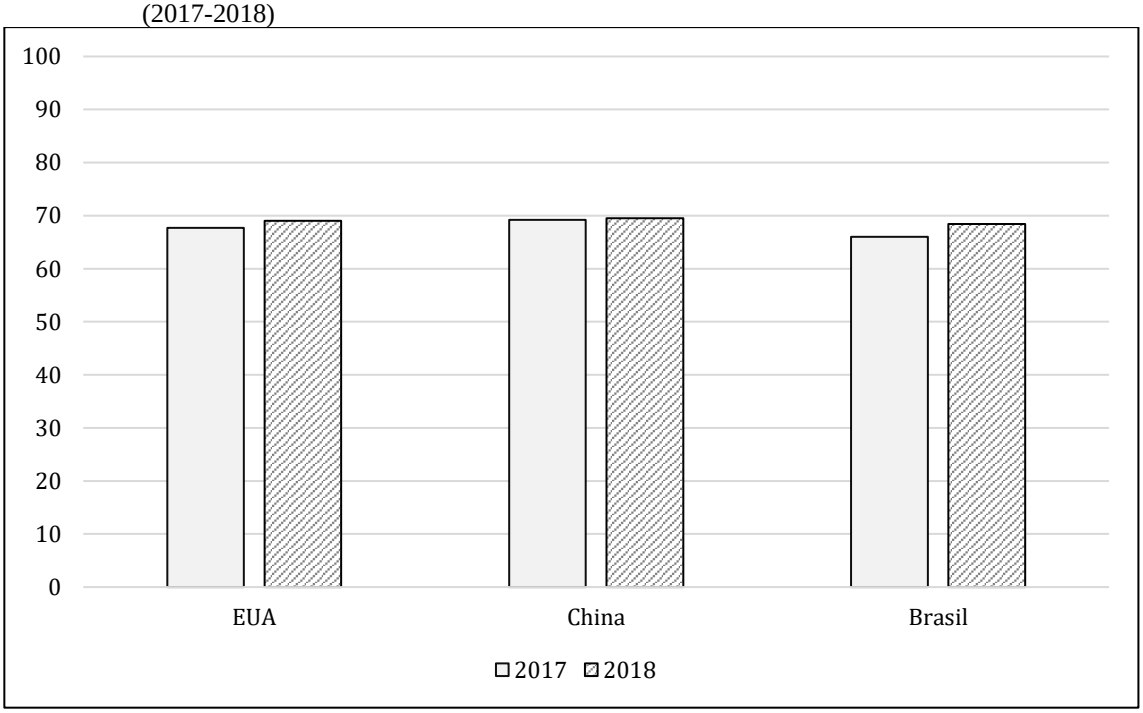
$TCI_{ij}$ é o índice de complementaridade comercial do país i com o país j, $X_{ik}$ é o valor das exportações do produto k do país i, $X_i$ é o valor das exportações totais do país i, $M_{jk}$ é o valor das importações do produto k pelo país j, e $M_j$ é a importação total pelo país j. O índice é calculado sobre o comércio de todos os bens (do HS 1 ao 97) a dois dígitos (SHARMA et al., 2017, p. 247) e varia de zero (os países são concorrentes) a 100 (os parceiros comerciais são complementares) (BANCO MUNDIAL, 2013, p. 19).

Um índice alto significa melhores perspectivas para os parceiros comerciais examinados, porque quanto mais dissimilares, ou seja, complementares estruturalmente, forem as pautas comerciais dos dois países, maior a possibilidade de expansão do comércio entre as duas economias e menores os custos induzidos pela realocação de recursos gerados pela integração econômica. Alta complementaridade comercial, portanto, torna possível que os dois países ganhem com a elevação do comércio, aumentando também as chances de um FTA mais bem-sucedido (ANDREOSSO-O'CALLAGHAN, 2009, p. 148, 151; BANCO MUNDIAL, 2013, p. 19; DE CASTRO, 2012, p. 3; SHARMA et al., 2017).

Como constata o Gráfico 18, o resultado mostra que, em 2017, a Coreia era capaz de atender a 66% da demanda de importação do Brasil, aumentando a complementaridade dos perfis comerciais para 68,4% em 2018 (IBRAHIM; ABDULAZIZ, 2018). Embora mais

baixos que os índices da Coreia em relação aos EUA (67,7% em 2017 e 69% em 2018) e à China (69,2% em 2017 e 69,5% em 2018), os valores são bastante similares, sugerindo que o Brasil se apresenta tão complementar quanto a China ou os EUA em termos de produtos, indicando potencial do Brasil como um mercado que possa aceitar as exportações intensificadas da Coreia, desviadas dos EUA e/ou China.

Gráfico 18 – Complementaridade de Comércio entre Coreia – EUA, Coreia – China, e Coreia – Brasil (2017-2018)




Fonte: Banco Mundial.[69]

### *4.2.2 Compatibilidade de produtos de exportação*

A análise da compatibilidade dos principais produtos de exportação da Coreia aos EUA e à China, com as mercadorias de exportação para o Brasil, é calculada com os dados dos últimos cinco anos em quatro dígitos de HS. Se os "*key export drivers*" (KAPUYA; CHINEMBIRI; KALABA, 2014, p. 125) da Coreia para o Brasil são altamente semelhantes com os para a China e os EUA, isso propiciará mais uma justificativa do potencial brasileiro como mercado alternativo. Essa fase é essencial também no sentido de encontrar os setores do Brasil que são compatíveis com os dos EUA e da China.

[69] Acesso em 21 de outubro de 2020.

Para realizar essa análise, classificamos os vinte produtos mais exportados para cada país na média de 2015 a 2019, que equivalem a aproximadamente 65% de cada pauta.[70] A Tabela 5 revela que os produtos de exportação da Coreia para os três países são bastante compatíveis, com os bens intermediários de alto valor agregado e intensivos em tecnologia figurando no topo das listas.

Analisando-se os 20 itens listados, em comparação com a China, a exportação para o Brasil mostrou oito produtos compatíveis, que respondem por 40,4% da exportação coreana para a China, ordenados por sua participação – correspondendo às células sombreadas da Tabela 5 na coluna da China.[71] Com os EUA, a exportação para o Brasil marcou cinco itens identificados, que respondem por 40,1% da exportação coreana para os EUA, ordenados por sua participação.[72] Assim, dentre os 20 principais itens (65% do total das exportações coreanas para o Brasil), nove produtos exportados para o Brasil (52,5%) possuem semelhança com aqueles exportados pela Coreia para os EUA e a China.

Dessa forma, podemos concluir que a pauta das principais mercadorias de exportação coreana ao Brasil é bastante compatível com a dos EUA e da China, reforçando a possibilidade de o Brasil ser um possível mercado alternativo para as exportações coreanas. Sobre os nove produtos obtidos nesse estudo (Circuitos integrados eletrônicos, Dispositivos de cristal líquido, Aparelhos de telefone, Peças e acessórios para veículos, Peças para aparelhos 85.25 a 85.28, Máquinas e aparelhos mecânicos, Circuitos impressos, Poliacetais, e Automóveis e outros veículos), realizam-se investigações mais profundas nas próximas análises para identificar os setores brasileiros mais prospectivos para aumentar as exportações coreanas.

---

[70] Cortando em 70%, obtém-se 27 produtos na pauta de exportação para o Brasil. Na faixa de 70%, a pauta de exportação para o Brasil tem 43,7% de compatibilidade com a China enquanto que com os EUA tem 42,5% de compatibilidade. Levando em consideração que não há muito ganho de compatibilidade de pauta (para China vai de 40,4% para 43,7%, EUA vai de 40,1% para 42,5%), com o custo de aumentar a complexidade de análise de produtos, decide-se utilizar o corte de 65%.

[71] Circuitos integrados eletrônicos, Dispositivos de cristal líquido, Aparelhos de telefone, Peças e acessórios para veículos, Peças para aparelhos 85.25 a 85.28, Máquinas e aparelhos mecânicos, Circuitos impressos, e Poliacetais. Para os nomes completos dos itens de HS 4 dígitos, referir-se à Quadro 1 no Apêndice A, que oferece os nomes dos produtos selecionados.

[72] Automóveis e outros veículos, Aparelhos de telefone, Peças e acessórios para veículos, Circuitos integrados eletrônicos, Máquinas e aparelhos mecânicos.

Tabela 5 – Participação dos principais produtos de exportação da Coreia do Sul para os EUA, a China e o Brasil (média de 2015 a 2019, HS 4, em % do total)

| Posição | China | EUA | Brasil |
|---|---|---|---|
| 1 | Circuitos integrados eletrônicos (22,4) | Automóveis e outros veículos (22,0) | Circuitos integrados eletrônicos (17,0) |
| 2 | Dispositivos de cristal líquido (7,4) | Aparelhos de telefone (8,5) | Peças e acessórios para veículos (12,7) |
| 3 | Hidrocarbonetos cíclicos (5,1) | Peças e acessórios para veículos (7,7) | Aparelhos de telefone (8,2) |
| 4 | Óleos de petróleo (3,8) | Óleos de petróleo (4,6) | Automóveis e outros veículos (4,5) |
| 5 | Máquinas e aparelhos (2,7) | Hidrocarbonetos cíclicos (4,2) | Peças para aparelhos 85.25 a 85.28 (4,4) |
| 6 | Aparelhos de telefone (2,6) | Pneus novos (1,9) | Ignição por faísca alternativo (3,0) |
| 7 | Peças e acessórios para veículos (2,5) | Geladeiras, freezers (1,7) | Dispositivos de cristal líquido (2,7) |
| 8 | Peças para aparelhos 85.25 a 85.28 (2,1) | Máquinas automáticas de processamento de dados (1,5) | Sangue humano sangue animal para usos terapêuticos (1,5) |
| 9 | Peças e acessórios (1,8) | Diodos, transistores e dispositivo similar semicondutor (1,4) | Polímeros de estireno (1,3) |
| 10 | Hidrocarbonetos acíclicos (1,5) | Circuitos integrados eletrônicos (1,2) | Poliacetais (1,3) |
| 11 | Diodos, transistores e dispositivo similar semicondutor (1,5) | Acumuladores elétricos (1,2) | Máquinas e aparelhos elétricos (1,2) |
| 12 | Polímeros de etileno (1,4) | Outros tubos, canos e perfis ocos (1,2) | Peças dos aparelhos 8425 (1,0) |
| 13 | Fibras ópticas (1,4) | Peças de mercadorias da 88.01 (1,2) | Máquinas e aparelhos mecânicos (0,9) |
| 14 | Aparelhos elétricos de som ou visual (1,3) | Hidrocarbonetos cíclicos (0,9) | Medicamentos (0,9) |
| 15 | Peças adequadas aos aparelhos 85.35 (1,2) | Bombas de ar ou de vácuo (0,9) | Produtos laminados planos de ferro, folheados (0,9) |
| 16 | Máquinas e aparelhos mecânicos (1,2) | Máquinas e aparelhos (0,7) | Máquinas de ar condicionado (0,9) |
| 17 | Circuitos impressos (1,2) | Peças dos aparelhos 8407 (0,7) | Circuitos impressos (0,8) |
| 18 | Preparações de beleza (1,2) | Produtos laminados planos deferro laminado a quente (0,7) | Polímeros de propileno (0,8) |
| 19 | Máquinas automáticas de processamento de dados (1,1) | Máquinas e aparelhos mecânicos (0,7) | Transformadores elétricos (0,7) |
| 20 | Poliacetais (1,0) | Tratores de autopropulsão (0,7) | Ferramentas intercambiáveis para ferramentas manuais (0,7) |
| Total | 64,2 | 63,7 | 65,5 |

Nota: Os valores em parêntesis são as médias de cinco anos das participações da exportação coreana.
Fonte: Korea International Trade Association.[73]

[73] Acesso em 07 de junho de 2020.

### *4.2.3 Potencial de Exportação (ITP e RITP) e Fluxo Comercial*

De acordo com Sharma et al (2017), o potencial comercial de um país é a capacidade desse país de aumentar seu comércio bilateral com outro país. Portanto, para estimar o potencial do comércio bilateral, pode-se comparar a capacidade de exportação de um país com o tamanho do mercado de importação de seu parceiro (SHARMA et al., 2017, p. 247). Os índices que testam o potencial de comércio no nível setorial são o *Indicative Trade Potential (ITP)* e o *Relative Indicative Trade Potential (RITP)*, proposto pelo *International Trade Centre (ITC)*. O ITP serve para mostrar se ainda há espaço no mercado analisado para absorver mais exportações de um determinado país (HELMERS; PASTEELS, 2006; KAPUYA; CHINEMBIRI; KALABA, 2014, p. 136-137). Nesse sentido, o indicador calcula, para um produto k, a diferença (o espaço) entre a exportação do país i (Coreia) para o país j (Brasil) em relação ao mínimo – ou de que o país i exporta ou que o país j importa – desse bem. Se o valor do mínimo já for próximo do total exportado pela Coreia para o Brasil, não há muito espaço para expandir as exportações coreanas desse bem para o Brasil.

No entanto, devido à forte suposição de que o país importador possa absorver perfeitamente todas as importações do exportador, os resultados do indicador são considerados apenas como indicativos. Mesmo assim, o índice é considerado útil para classificar os produtos e fornece ao pesquisador uma ideia de quais grupos de produtos têm potencial comercial substantivo (HELMERS; PASTEELS, 2006, p. 11; BOTHMA; CANT, 2010, p. 472). O ITP usado em termos relativos é o RITP, ou seja, o ITP como uma porcentagem do total das exportações globais do país exportador do produto em questão (SHARMA et al., 2017, p. 247) e auxilia a avaliar se o potencial comercial é alto ou baixo, com base no tamanho dos respectivos mercados (PANT; PANTA, 2009, p. 71). O ITP e o RITP são expressos pelas fórmulas 9 e 10, respectivamente.

$$ITP_{ijk} = min(X_{ik}, M_{jk}) - X_{ijk} \qquad (9)$$

$$RITP_{ijk} = \frac{ITP_{ijk}}{X_{ik}} \qquad (10)$$

$X_{ik}$ ($M_{jk}$) são as exportações (importações) do produto k de (pelo) país i (j) para o (do) mundo, e $X_{ijk}$ são exportações do produto k do país i para o país j. A função “min ($X_{ik}$,

$M_{jk}$)" significa aceitar o valor mais baixo (mínimo) entre $X_{ik}$ e $M_{jk}$ (SHARMA et al., 2017, p. 247). O índice varia de 0 a infinito. Um ITP alto indica que há alto potencial para aumentar as exportações. O RITP encontra-se entre zero e um. Valores de RITP próximo a zero indicam que há baixo potencial para expandir as exportações porque significa, ou que as exportações coreanas do produto k para o mercado brasileiro é grande, ou seja, a Coreia já depende do Brasil nas exportações do produto, ou que a importação do produto pelo Brasil é pequena e que o mercado brasileiro está saturado (PANT; PANTA, 2009, p. 71; KAPUYA; SIHLOBO, 2014, p. 17; HELMERS; PASTEELS, 2006, p. 12).

A Tabela 6 dispõe os resultados do ITP e do RITP para os nove produtos compatíveis com o Brasil da pauta de exportação da Coreia para China e EUA, destacados na Tabela 5, ordenados pelo ITP. De acordo com o ITP, dentre os nove setores, aqueles com alto potencial de comércio inexplorado no mercado brasileiro são: Aparelhos de telefone, Peças para veículos, Circuitos integrados eletrônicos, Automóveis e outros veículos, e Peças para aparelhos de 85.25 a 85.28, os produtos da indústria automobilística e de eletroeletrônicos, setores que representam a força da estrutura produtiva da Coreia. Desses produtos, o RITP revela que as exportações coreanas de Circuitos integrados eletrônicos e Automóveis e outros veículos para o Brasil já estão bem supridas e que esses mercados estão saturados. Portanto, pelo cruzamento das informações de ITP e RITP, nos mercados brasileiros de Aparelhos de telefone, Peças e acessórios para veículos e Peças para aparelhos de 85.25 a 85.28, ainda há uma demanda não explorada pela Coreia e a Coreia ainda não depende desses mercados, no sentido de que ainda há espaço para o país incrementar as exportações para o Brasil.

Tabela 6 – ITP e RITP dos mercados do Brasil (2019)

| Produto | ITP | RITP |
|---|---|---|
| Aparelhos de telefone | 4358,4 | 0,24 |
| Peças e acessórios para veículos | 3931,5 | 0,21 |
| Circuitos integrados eletrônicos | 3244,7 | 0,04 |
| Automóveis e outros veículos | 3147,7 | 0,08 |
| Peças para aparelhos de 85.25 85.28 | 1621,4 | 0,16 |
| Máquinas e aparelhos mecânicos | 819,5 | 0,13 |
| Poliacetais | 591,5 | 0,12 |
| Circuitos impressos | 365,0 | 0,08 |
| Dispositivos de cristal líquido | 53,8 | 0,01 |

Unidade: Milhões de dólares

Fonte: International Trade Centre (elaboração própria).[74]

Por outro lado, a existência de uma demanda brasileira inexplorada pela Coreia não define que a Coreia do Sul pode elevar suas exportações a curto prazo. Por isso, a próxima análise verifica a tendência de crescimento das exportações setoriais coreanas para o Brasil.

### *4.2.4 Crescimento e participação da exportação (Growth-Share Matrix)*

A matriz de *Growth-Share* apresentada pelo *Boston Consulting Group* (HENDERSON, 1979 apud KAPUYA; SIHLOBO, 2014, p. 10-11) é um complexo quadrangular que classifica os mercados externos de acordo com a participação e a taxa de crescimento das exportações (KAPUYA; SIHLOBO, 2014, p. 10-11; KAPUYA; CHINEMBIRI; KALABA, 2014, p. 127). Para o propósito desta pesquisa, analisa-se o crescimento da demanda externa brasileira dos produtos coreanos e a participação do abastecimento coreano, encaixando os setores brasileiros em quatro categorias: Alto Crescimento – Alta Participação, Alto Crescimento – Baixa Participação, Baixo Crescimento – Alta Participação, e Baixo Crescimento – Baixa Participação (KAPUYA; CHINEMBIRI; KALABA, 2014) e sugerindo os setores potenciais de expansão das exportações coreanas para o Brasil.

Por meio da interpretação do crescimento (ou declínio) nas exportações do produto da Coreia para o Brasil (média dos últimos cinco anos), bem como da participação dessas exportações para o Brasil, em termos de exportações totais da Coreia em 2019 (nível), pode-se complementar a análise de ITP e RITP, indicando os setores com melhor desempenho das exportações coreanas no mercado brasileiro (HELMERS; PASTEELS, 2006, p. 12). Com base nos dados da Tabela 7 e o resumo apresentado no Gráfico 19, são interpretadas as perspectivas de cada setor para as exportações coreanas nos mercados brasileiros.

[74] Acesso em 24 de outubro de 2020.

Tabela 7 – Taxa de crescimento e participação da exportação coreana para o Brasil e para o mundo (2019, %)

| Produto | Exportação da Coreia para o Brasil | | Exportação da Coreia para o mundo | |
|---|---|---|---|---|
| | Crescimento anual (2015-2019) | Participação na exportação coreana (2019) | Crescimento anual (2015-2019) | Participação na exportação mundial (2019) |
| Circuitos integrados eletrônicos | 20 | 1 | 17 | 11 |
| Poliacetais | 9 | 2 | 5 | 8 |
| Máquinas e aparelhos mecânicos | 8 | 1 | 6 | 7 |
| Circuitos impressos | 4 | 1 | 3 | 10 |
| Peças e acessórios dos veículos a motor | -3 | 4 | -5 | 5 |
| Peças dos aparelhos 8525 | -4 | 3 | 13 | 17 |
| Automóveis e outros veículos a motor | -7 | 0 | 0 | 5 |
| Aparelhos de telefone | -42 | 0 | -15 | 3 |
| Dispositivos de cristal líquido | -58 | 0 | -22 | 12 |

Fonte: World Bank (elaboração própria).

A primeira categoria é: mercado de Alto crescimento – Alta participação. Esses são mercados cuja demanda pelas exportações da Coreia está crescendo mais rápido do que suas exportações para o resto do mundo. Ao mesmo tempo, a participação das exportações para o Brasil na exportação total coreana do produto é maior do que a participação da Coreia no total das exportações mundiais, indicando que, nesse mercado, além da exportação coreana estar bem estabelecida, vale a pena aumentar o investimento para intensificar a sua presença, devido ao seu crescimento (KAPUYA; CHINEMBIRI; KALABA, 2014, p. 129). Porém, nenhum dos nove setores brasileiros destacados na Tabela 5 cumprem com esses quesitos.

A segunda categoria é: Alto crescimento – Baixa participação, ou seja, a demanda brasileira suprida pela Coreia está crescendo mais rápido do que as exportações da Coreia para o resto do mundo, apesar de que a participação dessas exportações coreanas para o Brasil é menor do que a participação das exportações da Coreia no total de exportações mundiais. Entre os nove mercados brasileiros, Circuitos integrados eletrônicos, Poliacetais, Máquinas e aparelhos mecânicos, Circuitos impressos e Peças e acessórios para veículos, encaixam-se nessa categoria. São setores que merecem atenção e mais estudos para determinar se esforços de promoção de exportação seriam capazes de aumentar a participação das exportações coreanas no Brasil (KAPUYA; SIHLOBO, 2014, p. 11-12).

A terceira categoria é: Baixo crescimento – Alta participação. Esses são mercados cuja demanda por produtos coreanos está crescendo mais lentamente do que as exportações coreanas para o resto do mundo, ainda que a participação das exportações da Coreia destinadas ao Brasil seja maior do que a participação da Coreia no total das exportações mundiais. Embora a presença da exportação coreana em tais mercados esteja bem estabelecida, não há garantia de que um maior esforço aumentaria as oportunidades. São mercados, na verdade, em que a Coreia estaria perdendo espaço no Brasil (KAPUYA; CHINEMBIRI; KALABA, 130). No entanto, dentre os noves setores, nenhum possui estas características.

Por último, os mercados de Baixo crescimento – Baixa participação são aqueles em que o crescimento da demanda por exportações coreanas está mais lento do que as exportações da Coreia para o resto do mundo e a participação das exportações coreanas para esse mercado é inferior à participação da Coreia no total das exportações mundiais. Isso significa que a presença da exportação coreana em tais mercados é fraca, pois importam a maior parte de outros países e esses mercados não têm potencial para expansão das exportações (KAPUYA; SIHLOBO, 2014, p. 11-12). Os setores de Dispositivos de cristal líquido, Aparelhos de telefone, Peças para aparelhos 85.25 a 85.28, e Automóveis e outros veículos se encaixam nesta categoria.

Gráfico 19 – Growth – Share Matrix e classificação dos mercados brasileiros

Participação

Crescimento

| | |
|---|---|
| **Alto Crescimento - Alta Participação**<br><br>A exportação do país está bem estabelecida, portanto, há bastante oportunidades para intensificar a presença.<br><br>**Produtos**: Nenhum | **Alto Crescimento - Baixa Participação**<br><br>Os mercados desta categoria precisam ser estudados com atenção para determinar se mais esforços de promoção de exportação são benéficos.<br><br>**Produtos**:<br>Circuitos integrados eletrônicos, Poliacetais,<br>Máquinas e aparelhos mecânicos,<br>Circuitos impressos,<br>Peças e acessórios de veículos |
| **Baixo Crescimento - Alta Participação**<br><br>Embora a presença de exportação do país nesse mercado esteja bem estabelecida, as oportunidades são limitadas devido ao baixo crescimento.<br><br>**Produtos**: Nenhum | **Baixo Crescimento - Baixa Participação**<br><br>A presença de exportação do país no mercado é fraca pois importam a maior parte de outros países. Esses mercados não têm potencial suficiente para expansão das exportações<br><br>**Produtos**:<br>Peças de aparelhos 85.25 a 85.28,<br>Automóveis e outros veículos,<br>Aparelhos de telefone,<br>Dispositivos de cristal líquido |

Fonte: Elaboração própria com referências de KAPUYA&SIHLOBO (2014) e KAPUYA; CHINEMBIRI; KALABA (2014).

### *4.2.5 Vantagem Comparativa no Mercado (MCA)*

Para que a Coreia penetre melhor suas exportações no mercado brasileiro, ela precisa ser competitiva o suficiente para expandir suas exportações (KAPUYA; SIHLOBO, 2014, p. 18; PANT; PANTA, 2009). De acordo com a teoria da vantagem comparativa, um país possui vantagem comparativa se produz um bem de forma mais eficiente e a um custo de oportunidade menor, do que outros bens e países (SALVATOR, 2011 apud KAPUYA; SIHLOBO, 2014, p. 18). Embora na Coreia, houve uma série de políticas de desenvolvimento para construir essas vantagens, contrariando a definição de Balassa que as vantagens são herdadas (1965), explorar este conceito pode ajudar a explicar por que a exportação coreana nos nove setores não é tão expressiva para o Brasil. Ao identificar os produtos que têm uma vantagem comparativa, pode-se focar nessas indústrias para intensificar as exportações do país asiático (MEYER; BREITENBACH, 2004, p. 22-23).

O índice Market Comparative Advantage (MCA) tem sua origem no Revealed Comparative Advantage (RCA) que foi apresentado pela primeira vez por Balassa (1965).

Enquanto o RCA mostra o quão significativa e competitiva é uma indústria, ou um produto evidenciado por comércio mundial (SHARMA et al., 2017, p. 246), o MCA indica a vantagem comparativa ou competência de uma indústria ou um produto em um determinado mercado (KWON, 2018, p. 123; MO et al., 2015, p. 142), refletindo a competência de exportadores no mercado em questão. A análise de MCA ajudará a verificar se a Coreia possui competência superior ou inferior de exportação no mercado brasileiro sobre os produtos em análise, em comparação com seus principais concorrentes no mercado brasileiro. O MCA é calculado pela expressão 11.

$$MCA_{ijk} = \frac{M_{ijk}/M_{ij}}{M_{jk}/M_j} \qquad (11)$$

$M_{ijk}$ é importação de produto k do importador j originada de exportador i, $M_{ij}$ é importação de todos os produtos do importador j originada de país i. $M_{jk}$ é importação de produto k pelo importador j, e $M_j$ é a importação total do país j. O índice varia de 0 a infinito. Valor inferior a 1 significa que o desempenho de exportação do produto k do país i para o país j não atinge o potencial de importação do país j, e que o país i não teria vantagem comparativa no mercado j. Quando o valor é maior que 1, isso indica que a exportação do produto k pelo país i teria vantagem comparativa no mercado j (KWON, 2018, p. 123; MO et al., 2015, p. 142).

A competência da Coreia no mercado brasileiro foi comparada com os quatro maiores exportadores ao Brasil de cada um dos nove setores em 2019 e apresentada na Tabela 5. Nesse ano, nos três itens (Aparelhos de telefone, Automóveis e outros veículos, e Dispositivos de cristal líquido) o país oriental tinha valores de MCA menor que 1, indicando que a Coreia não tem vantagem comparativa nesses produtos. Por outro lado, nos seis setores de: Poliacetais, Máquinas e aparelhos mecânicos, Peças para aparelhos de 85.25 a 85.28, Circuitos impressos, Circuitos integrados eletrônicos e Peças e acessórios para veículos, sendo o valor do MCA maior que 1, a Coreia tem vantagem comparativa no mercado brasileiro. Esses setores em que a Coreia do Sul possui vantagem comparativa podem ser considerados como setores de possível expansão de exportação. Todavia, há necessidade de observar a vantagem comparativa no mercado brasileiro em perspectiva comparada, especialmente com o MCA dos principais competidores do mercado.

Tabela 8 – MCA dos cinco principais exportadores ao mercado brasileiro pelo valor das importações realizadas (2019)

| Produto | 1 | 2 | 3 | 4 | X* | Posição da Coreia (valor do MCA) | Posição da Coreia por valor de Importação |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Poliacetais | Taiwan (6,9) | Coreia (3,9) | EUA (1,9) | Alemanha (1,3) | China (0,5) | 2 (3,9) | 2 |
| Máquinas e aparelhos mecânicos | Itália (4,9) | Alemanha (2,8) | Coreia (1,0) | EUA (0,8) | China (0,8) | 3 (1,0) | 9 |
| Aparelhos de telefone | Vietnã (16,3) | China (2,8) | México (1,3) | Coreia (0,7) | EUA (0,2) | 4 (0,7) | 5 |
| Peças para aparelhos 85.25 a 85.28 | Taiwan (5,9) | Indonésia (4,0) | Vietnã (3,4) | China (3,2) | Coreia (3,1) | 5 (3,1) | 2 |
| Circuitos impressos | Vietnã (3,9) | China (3,7) | Tailândia (3,3) | Taiwan (2,9) | Coreia (2,8) | 5 (2,8) | 2 |
| Circuitos integrados eletrônicos | Taiwan (14,4) | Malásia (12,7) | Coreia (10,7) | Vietnã (5,1) | China (1,1) | 3 (10,7) | 1 |
| Automóveis e outros veículos | México (10,4) | Argentina (6,6) | Japão (2,9) | Alemanha (1,4) | Coreia (0,8) | 5 (0,8) | 8 |
| Peças e acessórios para veículos | Japão (4,6) | México (4,2) | Coreia (3,6) | Alemanha (2,5) | China (0,7) | 3 (3,6) | 5 |
| Dispositivos de cristal líquido | Suécia (11,4) | França (4,2) | China (2,9) | EUA (0,3) | Coreia (0,0) | 5 (0,0) | 22 |

Nota: * O ranking dos países é diferente se classificados pelo indicador MCA ou pelo valor de importação brasileira de um determinado país. O valor do MCA foi calculado somente para os cinco maiores exportadores desses produtos para o Brasil. Naqueles produtos em que a Coreia não estava entre os cinco maiores exportadores para o Brasil por valor de importação, conforme mostra a última coluna da Tabela 8 (Máquinas e aparelhos mecânicos, Automóveis e veículos, e Dispositivos de cristal líquido), ao invés de um quinto país, incluímos a Coreia para comparar o MCA da Coreia com os quatro maiores países exportadores daqueles produtos. Após calcular o MCA dos cinco maiores exportadores e da Coreia, caso não estivesse incluída, os países foram apresentados na Tabela pela ordem do MCA obtido.
Fonte: KITA (elaboração própria).[75]

Como estão apresentadas nas duas últimas colunas da Tabela 8, vale notar que há diferença nas posições da Coreia nos rankings de países por MCA e nos rankings por valor de importação brasileira, exceto os Poliacetais que marcaram a mesma posição (2ª) na lista de importação brasileira e do MCA da Coreia. Em Peças para aparelhos de 85.25 a 85.28, Circuitos impressos, e Circuitos integrados eletrônicos, a posição da Coreia por MCA é mais baixa do que a posição por valor de importação pelo Brasil. Um bom exemplo é o caso dos Circuitos integrados eletrônicos, em que a Coreia ficou em 1º lugar na lista de importação brasileira, mas pela ordem de MCA, fica atrás de Taiwan e Malásia. Esse ponto pode indicar

[75] Acesso em 25 de outubro de 2020.

que apesar do MCA apontar para uma menor vantagem comparativa da Coreia em relação a outros países, ela vem executando um bom desempenho no mercado local.

Ao contrário, nos setores de Máquinas e aparelhos mecânicos, Aparelhos de telefone, automóveis e outros veículos, Peças e assessórios para veículos, e Dispositivos de cristal líquido, a Coreia possui vantagem comparativa (elevado MCA), porém não está entre os principais exportadores para o Brasil. Por exemplo, na importação de Máquinas e aparelhos mecânicos, a Coreia está em 9º lugar. No entanto, na lista de MCA, quando comparada com os quatro maiores exportadores, a Coreia sobe para o 3º lugar, deixando os EUA e a China para trás. Isso pode significar que a Coreia possui mais competência para garantir esse mercado do que as importações brasileiras desse país indicam no presente.

Nesta seção, foram executadas cinco análises setoriais do mercado brasileiro. Em primeiro lugar, a pesquisa desvendou a existência de um alto nível de complementaridade entre as exportações da Coreia e as importações do Brasil, semelhante ao das exportações da Coreia para a China e os EUA. Isso provou que existe uma condição favorável para a Coreia expandir suas exportações para o Brasil, visto que os dois países têm estruturas comerciais complementares. Em segundo lugar, a análise comparativa entre os principais produtos de exportação da Coreia para a China e EUA com os da Coreia para o Brasil revelou que os produtos de exportação da Coreia para o Brasil são altamente compatíveis com os dos EUA e China, compartilhando nove itens (de um total de 20) que somam 52,5% de 65% das exportações totais coreanas para o Brasil. A terceira análise enfocou o potencial de exportação desses nove produtos utilizando os indicadores ITP e RITP, que indicam uma demanda de importação inexplorada do Brasil. O resultado foi que Aparelhos de telefone, Peças para veículos, e Peças para aparelhos de 85.25 a 85.28 têm um potencial relativamente mais alto do que outros.

A quarta análise visou compreender a tendência e desempenho atual da exportação coreana dos produtos selecionados, contrastando o nível e crescimento das exportações para o Brasil desses bens, usando *Growth-Share Matrix*. A análise provou que Circuitos integrados eletrônicos, Poliacetais, Máquinas e aparelhos mecânicos, Circuitos impressos e Peças e acessórios para veículos são setores com potenciais relativamente altos, com alto crescimento de demanda externa brasileira e baixa participação no total da exportação coreana. A quinta seção testou como são as vantagens comparativas dos produtos coreanos em questão no mercado brasileiro, utilizando o MCA, considerando também os quatro principais países exportadores para os mercados brasileiros. Em Máquinas e aparelhos

mecânicos, Aparelhos de telefone, Automóveis e outros veículos, Peças e acessórios para veículos, e Dispositivos de cristal líquido, a Coreia tem uma vantagem comparativa mais alta do que seus competidores, o que indica que a Coreia ainda tem capacidade de expandir suas exportações para o Brasil.

O cruzamento dos resultados dessas análises permitiu à pesquisa definir os setores em que há potencial mais alto para a expansão das exportações coreanas, em especial o de Peças e assessórios para veículos, produto promissor para a expansão de exportações. O Quadro 2 no Apêndice B descreve as principais empresas coreanas estabelecidas atualmente no Brasil, de acordo com os nove produtos selecionados. A lógica é de que, ao ter empresas estabelecidas no mercado alvo, se torna mais fácil a exportação de bens intermediários para tal mercado, para fabricar produtos finais no local, intensificando as exportações coreanas desses nove produtos intermediários. Esse foi, aliás, um dos principais motivos pelo qual as indústrias coreanas resolveram se estabelecer no Brasil (KIM; PARK, 2019; KIM, 2020).

# 5 CONCLUSÃO

Como discutido por Keohane e Nye (1977, p. 7-9), na era Pós-Segunda Guerra Mundial, os recursos que dotaram as nações de poder se tornaram mais variados e complexos, sendo que um dos recursos de destaque atualmente é a interdependência econômica, impulsionada pelo aumento das transações internacionais. Dessa forma, pode-se dizer que há relevância no comércio como um elemento de interdependência econômica, ou seja, a interdependência comercial como uma fonte de poder.

Considerando o dilema apontado por Carr (1941) e Cooper (1968 apud ARAD; HIRSCH; TOVIAS, 1983, p. 20) entre a autodeterminação e a independência política por um lado e a dependência econômica por outro, como um tema relevante e recorrente na Economia Política Internacional atual, a motivação deste trabalho foi uma iniciativa de entender se a Coreia do Sul também enfrenta esse impasse. Ressaltou-se que se trata de um país do nordeste asiático, cujas exportações ocupam uma grande proporção de sua economia nacional, sendo concentradas em torno de poucos mercados, dentre os quais destacam-se as relações bilaterais com os dois maiores mercados, China e EUA, que são formadas assimetricamente.

Nos últimos anos, dois assuntos políticos provocaram uma grande discussão na esfera política e comercial da Coreia: a solicitação dos EUA de emenda do KORUS FTA e a retaliação comercial da China contra a introdução do sistema antimíssil THAAD na Coreia. Diante desse cenário, um dos objetivos desta dissertação foi o de investigar se essas ocasiões expuseram a vulnerabilidade da Coreia do Sul, que emerge a partir da configuração de sua estrutura exportadora, especialmente em relação aos EUA e à China.

Para tanto foi necessário, primeiramente, compreender o comércio coreano, com enfoque no significado e na relevância das exportações para o país asiático, pois quanto mais essencial for a atividade de exportação para a Coreia do Sul, mais desafiador seria manter um equilíbrio com a liberdade política, conforme argumentado por Carr (1941), Cooper (1968 apud ARAD; HIRSCH; TOVIAS, 1983, p. 20), e Keohane e Nye (1977). As discussões sobre o desenvolvimento econômico da Coreia do Sul, considerando-se a teoria de *Export-led*, a teoria de Estado Desenvolvimentista e a visão que defende o cenário internacional como favorável ao crescimento de países asiáticos, indicam que as exportações tiveram certo papel no desenvolvimento alcançado pela Coreia.

Em especial, as análises quantitativas sobre a exportação do país asiático pelos

índices de abertura comercial (Trade Share, World Trade Share e Composite Trade Share) possibilitaram observar que as exportações do país continuam a assumir uma parte crucial na economia nacional, implicando que o alto nível de abertura comercial do país asiático pode dificultar à Coreia alcançar o equilíbrio entre a busca de oportunidades comerciais e a autodeterminação política. A análise da concentração geográfica de exportação do Hirschman Herfindahl Index e da Razão de Concentração em quatro mercados (CR4) revelou que, historicamente, as exportações da Coreia têm se concentrado em torno de poucos mercados, sendo a China e os Estados Unidos da América os principais da atualidade. Como consequência, a pesquisa deduziu que a Coreia passaria por dificuldades de ajustes em caso de perda dessas exportações (HIRSCHMAN, 1945 [1980]).

Ao apresentar um elevado superávit em ambas as relações comerciais e os dois países sendo justamente as potências mundiais – com recursos econômicos e políticos superiores aos da Coreia – a Coreia se tornou um país com uma relação comercial de interdependência alta e assimétrica com os EUA e a China, que é confirmada, não somente pelos dados de sua estrutura comercial, mas também pelos índices de relevância, simetria e interdependência de Barbieri. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que a Coreia ganha na interdependência comercial com os dois países, ela é também vulnerável a eles, podendo ser manipulada pelos interesses econômicos e políticos dos EUA e da China que possam exercer uma poderosa influência em prol de uma atitude que lhes seja favorável (HIRSCHMAN, 1945 [1980]).

E esses interesses se manifestaram. O governo Trump pressionou a Coreia do Sul a emendar o acordo de livre comércio, KORUS-FTA, argumentando que o acordo comercial só estava beneficiando a Coreia do Sul e que o déficit comercial dos EUA em relação ao país asiático saltou após o acordo. Ter um superávit crônico em relação aos EUA fez com que a Coreia entrasse em negociações com os EUA, cedendo certos elementos do acordo para o país norte-americano. Enquanto isso, a China aplicou retaliações econômicas contra a decisão coreana de introduzir o sistema antimíssil THAAD dos EUA no território sul-coreano, interpretando a iniciativa como um fortalecimento relacionado ao esforço dos EUA para contê-la e um tipo de traição por parte da Coreia do Sul (SWAINE, 2017). Por isso, o governo chinês pressionou a Coreia economicamente (KIM, 2017), aproveitando-se da dependência econômica e da interdependência assimétrica da Coreia em relação à China, na tentativa de reverter a introdução do THAAD e enfraquecer a aliança da Coreia do Sul com os EUA (LEE, 2018; SNYDER, 2015).

Apesar de a Coreia não responder totalmente às demandas iniciais desses países e de os dois casos não terem afetado a economia do país conforme inicialmente previsto, a Coreia aceitou a solicitação dos EUA de negociar a emenda do KORUS FTA. Com a retaliação comercial da China, a Coreia optou por não instalar nenhum sistema antimíssil adicional. Neste aspecto, pode-se dizer que, parcialmente, os EUA e a China ganharam concessões no domínio político com seu poder de barganha e, sobretudo, a Coreia do Sul sofreu incerteza e tensões comerciais e políticas com os dois países. Em suma, como Keohane, Nye e Hirschman argumentaram, a sensibilidade e a vulnerabilidade da estrutura exportadora da Coreia fizeram com que a China e os EUA exercessem influência sobre questões políticas e comerciais coreanas.

Tendo em vista esse cenário, a presente pesquisa também abordou a melhoria da estrutura exportadora da Coreia em termos de redução de sua concentração de exportações para os Estados Unidos e a China, por meio da sua diversificação geográfica. Defendeu, ainda, que o mercado alternativo coreano deveria preencher um critério, que é ter um baixo nível de interdependência econômica assimétrica com a Coreia. Notando a emergência da América Latina como uma região proeminente de exportação coreana e considerando a alta taxa de crescimento das exportações coreanas para o Brasil, optou-se pelo país sul-americano como objeto de análise dentre possíveis mercados.

A análise qualitativa da política, diplomacia e relações comerciais entre a Coreia e o Brasil confirmou que as relações bilaterais entre os dois países se constroem mais por relações econômicas e comerciais do que por questões políticas e militares, o que diferencia o Brasil dos EUA e da China, que têm vários interesses políticos e militares compartilhados ou em conflito com a Coreia no contexto geopolítico da região Nordeste Asiática. Além disso, verificou-se que o nível de interdependência comercial e assimetria foi significativamente mais baixo do que o dos EUA e da China, satisfazendo a condição primordial de mercado alternativo apresentadas neste estudo. A partir disso, cinco indicadores foram calculados para avaliar a atratividade de setores específicos do mercado brasileiro para os quais a Coreia poderia intensificar suas exportações.

A primeira análise de complementaridade comercial (TCI) mostrou que a estrutura da pauta de exportação da Coreia e o perfil importador do Brasil são complementares, comparando-se com Coreia – China e Coreia – EUA, o que indica o potencial do Brasil em absorver maiores exportações da Coreia. O indicador de compatibilidade das principais mercadorias de exportação encontrou nove setores de exportação coreana para o Brasil, em

comum com os exportados para os EUA e a China. Por fim, as análises seguintes buscaram quantificar o potencial desses setores para a exportação coreana ao Brasil, por meio de índices como potencial de exportação (ITP, RITP), crescimento e participação no Growth-Share Matrix e a competência de mercados (MCA). O estudo desses indicadores apontou para alguns setores atrativos, com potencial de crescimento coreano das exportações, o que pode reduzir a dependência da Coreia em relação aos EUA e a China, que é o propósito inicial do estudo.

No entanto, essa pesquisa possui algumas limitações que são pontuadas a seguir. Primeiro, embora o resultado desta pesquisa aponte para a existência de potencial do Brasil como mercado alternativo, converter as exportações para um país específico não é uma questão simples. As decisões de entrada no mercado estrangeiro se baseiam em vários fatores, por exemplo, no equilíbrio entre riscos econômicos e políticos, caraterísticas específicas de cada país e retornos inerentes do mercado estrangeiro (ROTHAERMEL; KOTHA, 2006, p. 58-9). Por isso, mais pesquisas serão necessárias para medir os riscos de se ingressar no mercado brasileiro em comparação a outros alternativos, indo além do olhar sobre o potencial medido com base na competência e crescimento do mercado.

Segundo, a incerteza quanto ao estabelecimento do Acordo de Livre Comércio entre a Coreia e o MERCOSUL continua, fragilizando o estreitamento das relações comerciais entre o Brasil e a Coreia (KIM; PARK, 2019). Terceiro, as exportações para o Brasil são bem menores se comparadas aos EUA e à China e a evolução recente do comércio bilateral com a Coreia tem mostrado uma tendência de queda. Quarto, permanecem as dúvidas sobre se a fragilidade da economia e instabilidade política brasileira não impediriam a expansão das exportações ao país. Dito de outro modo, há dúvidas a respeito de se o Brasil suportaria um déficit comercial ainda maior em relação à Coreia. Ou seja, mesmo que o Brasil satisfaça a condição fundamental que este estudo sugeriu para o desvio das exportações, não há garantia de quanto a Coreia poderia aumentar suas exportações para o Brasil.

Nesse aspecto, vale pensar também sobre aprofundamento de comércio entre a Coreia e o Brasil do ponto de vista da economia brasileira. Observou-se que existe alta complementaridade de comércio bilateral entre a Coreia e o Brasil, os bens capitais e intermediários dominando a pauta exportadora coreana para o Brasil e as matérias primas dominando a pauta exportadora brasileira para a Coreia. Verificou-se que alguns produtos coreanos intensivos em tecnologia têm potencial de aumentar as exportações para o Brasil. Todavia, se essa iniciativa da Coreia for realizada, ou seja, se o Brasil passar a importar mais

da Coreia, isso pode deteriorar a fragilidade de estrutura produtiva brasileira, gerando condições de desvantagens em termos de possibilidades de desenvolvimento, reforçando o papel brasileiro de exportador de produtos primários de reduzido valor agregado, com limitado transbordamento para demais elos das cadeias produtivas. Uma alternativa possível seria a disponibilidade da Coreia, ao entrar no mercado brasileiro com produtos de mais alta tecnologia, justamente transferir conhecimento e tecnologia ao Brasil, de modo a fortalecer cadeias produtivas internas do país.

O objetivo principal deste estudo não foi o de selecionar o país mais acertado, mas sim, além de explorar a dependência comercial coreana – com seus transbordamentos para as áreas política, diplomática e econômica – oferecer um modelo de análise de ponto de vista da Coreia em que foi testado se o Brasil poderia ser um dos possíveis mercados alternativos do país asiático, para que fosse possível reduzir a sua dependência dos EUA e da China. Ao escolher o Brasil, foi permitido também ampliar o leque de países no tema de pesquisa da diversificação das exportações coreanas. Os resultados podem motivar um estudo mais aprofundado, realizado com um processo mais sofisticado e complexo de seleção e avaliação de mercado,a fim de reduzir, assim, a sensível posição atual da Coreia em relação aos seus principais parceiros comerciais.

# REFERÊNCIAS


ALBARRAN, Alan B.; DIMMICK, John. Concentration and economics of multiformity in the communication industries. **Journal of Media Economics**, v. 9, n.4, p. 41-50, 1996.

ALCALÁ, Francisco; CICCONE, Antonio. Trade and productivity. **The Quarterly journal of economics**, v. 119, n. 2, p. 613-646, 2004.

AMSDEN, Alice Hoffenberg. **Asia's next giant: South Korea and late industrialization**. Oxford University Press on Demand, 1992.

ANDREOSSO-O'CALLAGHAN, Bernadette. Economic structural complementarity: how viable is the Korea-EU FTA? **Journal of Economic Studies**, 2009.

ANGELL, Norman. **The great illusion**. Cosimo, Inc., 2010.

ARAD, Ruth W.; HIRSCH, Seev; TOVIAS, Alfred. **Economics of Peacemaking**. Springer, 1983.

ARMSTRONG, Adrienne. The political consequences of economic dependence. **Journal of Conflict Resolution**, v. 25, n. 3, p. 401-428, 1981.

BACCHETTA, M.; JANSEN, M.; PIERMARTINI, R.; AMURGO-PACHECO, A. **Export diversification as an absorber of external shocks**. Unpublished Manuscript, 2007.

BALASSA, Bela. Trade liberalisation and “revealed” comparative advantage 1. **The manchester school**, v. 33, n. 2, p. 99-123, 1965.

BALASSA, Bela. Industrial policies in Taiwan and Korea. **Weltwirtschaftliches Archiv**, v. 106, n. 1, p. 55-77, 1971.

Bank of Korea, **Economic Outlook**, set. 2016.

Bank of Korea, **Economic Outlook**, abr. 2017.

BARBIERI, Katherine. Economic interdependence: A path to peace or a source of interstate conflict? **Journal of Peace Research**, v. 33, n. 1, p. 29-49, 1996.

BARBIERI, Katherine; LEVY, Jack S. Sleeping with the enemy: The impact of war on trade. **Journal of peace research**, v. 36, n. 4, p. 463-479, 1999.

BARBIERI, Katherine; SCHNEIDER, Gerald. Globalization and peace: Assessing new directions in the study of trade and conflict. **Journal of Peace Research**, v. 36, n. 4, p. 387-404, 1999.

BIRDSALL, Nancy; HAMOUDI, Amar. Commodity dependence, trade, and growth: when 'openness' is not enough. **Center for Global Development Working Paper**, 2002, 7.

BOTHMA, Cornelius H.; CANT, Michael C. The effectiveness of trade map as tool for measuring the trade potential between South Africa and China. **Corporate Ownership and Control**, v. 8, n. 1, p. 463-473, 2010.

BROOKS, Stephen G.; IKENBERRY, G. John; WOHLFORTH, William C. Don't come home, America: the case against retrenchment. **International Security**, v. 37, n. 3, p. 7-51, 2013.

Bureau of Industry and Security Office of Technology Evaluation. U.S. Department of Commerce. **The effect of imports of steel on the national security**. January 11, 2018

Bureau of Industry and Security Office of Technology Evaluation. U.S. Department of Commerce. **The effect of imports of aluminum on the national security**. January 17, 2018

BUZAN, Barry. Economic structure and international security: The limits of the liberal case. **International Organization**, v. 38, n. 4, p. 597-624, 1984.

CAPORASO, James A. Dependence, dependency, and power in the global system: a structural and behavioral analysis. **International organization**, p. 13-43, 1978.

CAPORASO, James A.; LEVINE, David P. **Theories of political economy**. Cambridge University Press, 1992.

CARR, Edward Hallett. **The future of nations: independence or interdependence?** Taylor & Francis, 1941.

CHANG, Ha-Joon. The political economy of industrial policy in Korea. **Cambridge Journal of Economics**, v. 17, n. 2, p. 131-157, 1993.

CHANG, Ha-Joon. **The political economy of industrial policy**. St. Martin's Press, 1994.

CHO, H. Y. Review on development theories of East Asian countries – focusing on Development State. **Economy and society**, p. 46-76, 1997.

CHO, Yoo Je. The International Environment and Korea's Economic Development During 1950s-1970s. **Research Series on International Affairs**, v. 2, 2001.

CHOI, S. H. Legal Issues and Appraisals of China's Economic Retaliations for South Korea's THAAD Deployment under International Law. **The Korean Journal of International Law**, v. 62, n. 3, p. 169-197, 2017.

CHOI, S. O. The Formation Process of Export-oriented Industrialization Policy in Korea -A Study on Factors of Rapid Export Growth after the early 1960s. **The Review of Business History**, p. 197-224, 2010.

COBDEN, Richard; CHESSON, Frederick William. **The political writings of Richard Cobden**. London, Ridgway, 1878.

Congressional Research Service. **Pivot to the Pacific? The Obama Administration's**

**“Rebalancing” Toward Asia**. Mark E. Manyin, Stephen Daggett, Ben Dolven, Susan V. Lawrence, Michael F. Martin, Ronald O'Rourke, Bruce Vaughn. March 28, 2012.

Congressional Research Service, **U.S.-South Korea (KORUS) FTA**.
Brock R. Williams, Bill Canis, Jenny Hopkinson, Mark E. Manyin, 2018.

COOPER, Richard N. The economics of interdependence. **The International Executive**, v. 10, n. 4, p. 3-5, 1968.

COPELAND, Dale C. Economic interdependence and war: A theory of trade expectations. **International security**, v. 20, n. 4, p. 5-41, 1996.

DE CASTRO, Tereza. EU-BRIC trade assessment: Introversion, complementarity and RCA. **Scientia et Societas**, v. 8, n. 3, p. 68-80, 2012.

DOYLE, Michael W. Liberalism and world politics. **The American political science review**, p. 1151-1169, 1986.

FENG, Zhongping; HUANG, Jing. China’s strategic partnership diplomacy: Engaging with a changing world. **European Strategic Partnerships Observatory working paper**, 8. 2014.

FRANKEL, Jeffrey A. Environmental effects of international trade. **HKS Faculty Research Working Paper Series**, 2009.

FRIEDBERG, Aaron L. **A contest for supremacy: China, America, and the struggle for mastery in Asia**. WW Norton & Company, 2011. Chapter 5.

FUCHS, Andreas; KLANN, Nils-Hendrik. How credible are China’s threats of economic retaliation in the context of bilateral disputes? **VoxEU. org**, 2010.

FUJITA, Edmundo Sussumu. O Brasil e a China–uma parceria estratégica modelar. **Política Externa**, v. 11, n. 4, p. 59-70, 2013.

GASIOROWSKI, Mark; POLACHEK, Solomon W. Conflict and interdependence: East-West trade and linkages in the era of detente. **Journal of Conflict Resolution**, v. 26, n. 4, p. 709-729, 1982.

GILPIN, Robert. **The political economy of international relations**. Princeton University Press, (1987) 2016.

GILPIN, Robert; GILPIN, Jean M. **Global political economy: Understanding the international economic order**. Princeton University Press, 2001.

GIOVANNI, Julian di; LEVCHENKO, Andrei A. Trade openness and volatility. **The Review of Economics and Statistics**, v. 91, n.3, p. 558-585, 2009.

GOWA, Joanne; MANSFIELD, Edward D. Power politics and international trade. In: **The Political Economy of International Trade**. p. 37-49, 2015.

GREENAWAY, David; MORGAN, Wyn; WRIGHT, Peter. Trade liberalisation and growth in developing countries. **Journal of development economics**, v. 67, n. 1, p. 229-244, 2002.

HADDAD, Mona, et al. Trade openness reduces growth volatility when countries are well diversified. **Canadian Journal of Economics/Revue canadienne d'économique**, v. 46, n. 2, p. 765-790, 2013.

HAGGARD, Stephan. **Pathways from the periphery: The politics of growth in the newly industrializing countries**. Cornell University Press, 1990.

HAGGARD, Stephan. The developmental state is dead: long live the developmental state. **Advances in comparative-historical analysis**, p. 39-66, 2015.

Hyundai Research Institute, HAN, J. J; Chun, Y. C. **Investigation on economic loss of Korea and China and countermeasures**, 2017.

HELLEINER, G. K. Manufactured Exports from Less-Developed Countries and Multinational Firms. **The Economic Journal**, 1973.

HELMERS, Christian; PASTEELS, Jean-Michel. Assessing bilateral trade potential at the commodity level: an operational approach. **International Trade Center Working Paper**, 2006.

HENDERSON, Bruce D. **On corporate strategy**. Abt books, 1979.

HESSE, Heiko. **Export diversification and economic growth. Breaking into new markets: Emerging lessons for export diversification**, p. 55-80, 2009.

HIGGOTT, Richard. US foreign policy and the 'securitization' of economic globalization. **International Politics**, v. 41, n. 2, p. 147-175, 2004.

HILL, Charles WL; HITT, Michael A.; HOSKISSON, Robert E. Cooperative versus competitive structures in related and unrelated diversified firms. **Organization Science**, v. 3, n. 4, p. 501-521, 1992.

HINLO, Jennifer E.; ARRANGUEZ, Grace Ivy S. **Export geographical diversification and economic growth among ASEAN Countries**. 2017.

HIRSCHMAN, Albert O. **National power and the structure of foreign trade**. Univ of California Press, 1980.

House of Representatives, The Expanding U.S.-KOREA Alliance. **Hearing before the Subcommittee on Asia and the Pacific of the COMMITTEE on Foreign affairs**. House of Representatives one hundred twelfth Congress First Session, 2011.

IBRAHIM, Kabiru Hannafi; ABDULAZIZ, Shehu. **Nigeria-India bilateral trade relations: an analysis of trade complementarity index (TCI)**. Available at SSRN 3186729, 2018.

IKENBERRY, G. John. American hegemony and East Asian order. **Australian Journal of**

**International Affairs**, v. 58, n. 3, p. 353-367, 2004.

IKENBERRY, G. John. The future of the liberal world order: Internationalism after America. **Foreign affairs**, p. 56-68, 2011.

International Monetary Fund. Research Department. (1997). World Economic Outlook, May 1997: **Globalization: Opportunities and Challenges**. International Monetary Fund. Chapter 4, Globalization and the opportunities for developing countries

JUNG, S. H.; KIM, H. M. **THAAD Negotiation between South Korea and the U.S.**: **Focusing on Two-Level Game Theory**. 2017.

KAPUYA, Tinashe; CHINEMBIRI, Evans K.; KALABA, Mmatlou W. Identifying strategic markets for South Africa's citrus exports. **Agrekon**, v. 53, n. 1, p. 124-158, 2014.

KAPUYA, Tinashe; SIHLOBO, Wandile. **South Africa's maize exports: A Strategic Export Market Analysis model approach**. In: Conference Paper. 2014.

KEOHANE, R. O.; NYE, J. S. **Power and interdependence**, 1977, Capítulo 1, p. 3-18; Capítulo 10, p. 224-258.

Korea Institute for Economics and Trade. Set. 2017

Korea Institute for International Economic Policy, **Japan worries about securing rare earth after conflicts over Senkaku**, v. 4, n. 39, 2010.

Korea Institute for Industrial Economics and Trade. **Impact of THAAD conflicts on automobile industry and future counterstrategy - Comparison with Territorial conflict between China and Japan in 2012**. 2017.

Korea Institute for Industrial Economics and Trade. **Export diversification of Korean manufacture industry and its' implications**. 2012, MIN, S. H.

KIM, H. M.; KWAK, K. W. Research Agenda for Boosting Korea's Export Growth in Accomplishing One Trillion Dollar Trades. **Korea trade review**, v. 38, n. 1, p. 21-45, 2013.

KIM, J. C. Changing Sino-U.S. Relations and Korea's Bandwagon Strategy: The Case of THAAD Deployment. **Korean and World Politics**, 2017

KIM, K. S. 'Lessons from South Korea's Experience with Industrialization', in V. Corbo, A. O. Krueger and F. Ossa (eds.), **Export-oriented Development Strategies: The Success of Five Newly Industrialized Countries** (Boulder and London: Westview Press), p. 57–78, 1985.

Korea International Trade Association. **Lessons from Conflict over THAAD: how to change export strategies to China? - Focusing on consumer goods**, Cho, B. N; LEE, D. H. 2017.

Korea Institute for industrial economics and Trade. **Analysis on export diversification of Korean industries: focusing on product and geographic diversification**.
MIN, S. H.; SHIN, H. S.; LEE, J. M; LEE, S. H, 2011.

Korea International Trade Association, **Institute for International Trade. Korea's export portfolio, is it safe?** JE, H. J., v. 12, n. 12, 2013.

Korea International Trade Association, Institute for International Trade. **Analysis on Korea's geographic export diversification and its' implications**. JUNG, K. I; LEE, J. H, 2018.

Korea Institute for International Economic Policy. **60 years of diplomatic relations between Korea and Brazil: outcomes of economic cooperation and tasks**. KIM, J. O; PARK, M. S., 2019.

KIM, Y. S. A study on the relationship between Korea's FDI in Brazil and its exports to Brazil. **Journal of Lusophone Area Studies,** 2020

KLINGNER, Bruce. South Korea Needs THAAD Missile Defense. **Heritage Foundation Backgrounder**, p. 5-6, 2015.

KNORR, Klaus. International economic leverage and its uses. **Economic issues and national security**, p. 99-126, 1977.

KOO, Min Gyo. US approaches to the Trade-Security Nexus in East Asia: from securitization to resecuritization. **Asian Perspective**, p. 37-57, 2011.

KRUEGER, Anne O. Why trade liberalisation is good for growth. **The economic journal**, n.108, v. 450, p. 1513-1522, 1998.

KUK, Minho. Korean Economic Crisis and Developmental State Model. **Society and Theory**, p. 213-249, 2008.

KUMAR, V.; STAM, Antonie; JOACHIMSTHALER, Erich A. An interactive multicriteria approach to identifying potential foreign markets. **Journal of International Marketing**, v. 2, n. 1, p. 29-52, 1994.

KWON, Kisoo. A Study on Korea's export competitiveness in the Brazilian Market. **Journal of Lusophone Area Studies**, v. 16, n. 1, p. 111-146, 2019.

KWON, Y. H.; LEE, J. A Study on The Influence of Diplomatic Conflict on Corporate Value: Evidence from The Korea-China Conflict on THAAD Arrangement. **Korean Management Review**, 2018.

LEE, H. O. **THAAD: A Critical Litmus Test for South Korea-China Relations**, 2017.

LEE, K. H. China's Awareness and Response to the THAAD: Strategic Discomfort and Wishful Thinking. **Journal of International Politics**, 2018.

LEE, K. W. THAAD and AIIB: Implications for US-China Relations and South Korea. **The Journal of International Relations**, 2015.

LEVY, Jack S. The causes of war and the conditions of peace. **Annual Review of Political Science**, v. 1, n. 1, p. 139-165, 1998.

LIMA, Uallace Moreira, et al. **Desenvolvimento capitalista e inserção externa na Coréia do Sul: a economia política da diversificação industrial e do comércio exterior de bens de capital (1974-1989)**. 2013. Tese (Douturado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

LIMA, Uallace Moreira. O debate sobre o processo de desenvolvimento econômico da Coreia do Sul: uma linha alternativa de interpretação. **Economia e Sociedade**, v. 26, n. 3, p. 585-631, 2017.

LIST, Friedrich. **The national system of political economy** (translated from German). 1841.

LLOYD, Peter J.; MACLAREN, Donald. Measures of trade openness using CGE analysis. **Journal of Policy Modeling**, v. 24, n. 1, p. 67-81, 2002.

LUEDDE-NEURATH, Richard. State intervention and export-oriented development in South Korea. In: **Developmental States in East Asia**. Palgrave Macmillan, London, p. 68-112, 1988.

MARTIN, Lisa L. (ed.). **The Oxford handbook of the political economy of international trade**. Oxford University Press, chapter 1, p. 1-16, 2015.

MASTANDUNO, Michael. Economic statecraft, interdependence, and national security: agendas for research. **Security Studies**, p. 288-316, 1999.

MEARSHEIMER, John J. Back to the future: Instability in Europe after the Cold War. **International security**, v. 15, n. 1, p. 5-56, 1990.

MEARSHEIMER, John J. The false promise of international institutions. **International security**, v. 19, n. 3, p. 5-49, 1994.

MEYER, Nicolas G.; BREITENBACH, Marthinus C. The market potential of the South African apple industry: strategies and options. **Agrekon**, v. 43, n. 1, p. 22-37, 2004.

Ministry of Foreign Affairs and Trade, **Details of Additional negotiations of KORUS-FTA**. 2011.

Ministry of Foreign Affairs of Korea, **Reunion results on the improvement of Korea-China relations**. 2017.

Ministry of Trade, Industry and Energy, Ju, Lee. **Signing on a joint declaration for initiating Korea-MERCOSUL Trade Agreement. 2017**

Ministry of Trade, Industry and Energy, Cho, S. J. **Opening MERCOSUL, the largest market of Latin America: declaration of initiating the Trade Agreement**. 2018.

MO, Soowon; CHUNG, Hongyoung; LEE, Gwangbae. Export Competitiveness of Busan Port: Market Comparative Advantage Index. **Journal of Korea Port Economic Association**, v. 31, n. 3, p. 141-153, 2015.

MOON, Don; CHUNG, J. From "Developmental State Model" to "Neo-Liberal Model": A Critical Review on the Debate over Korean Development Model. **Journal of Asia-Pacific Studies**, v. 21, n. 2, p. 129-164, 2014.

National Assembly Research Service. **Issue of following Korea-China FTA negotiations and countermeasures.** Jung, Minjung. Set. 2018.

National Bureau of Economic Research (NBER), **Trade diversion and trade deficits: the case of the Korea-U.S. Trade Agreement**. 2019.

Office of the Secretary of Defense, **Missile Defense Review**, 2019.

Office of the United States Trade Representative. Trade Facts. www.ustr.gov. June 2007

**Free Trade with Korea Brief Summary of the Agreement**

Office of the United States Trade Representative, **The president's 2017 trade policy agenda**, 2017.

Office of the United States Trade Representative, **National Trade Estimate Report on Foreign Trade Barriers**, 2018.

OLIVEIRA, Henrique Altemani de. Brasil-China: trinta anos de uma parceria estratégica. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 47, n. 1, p. 7-30, 2004.

ONEAL, John R.; RUSSET, Bruce M. The classical liberals were right: Democracy, interdependence, and conflict, 1950–1985. **International Studies Quarterly**, v. 41, n. 2, p. 267-293, 1997.

PANAGARIYA, Arvind. Miracles and debacles: In defence of trade openness. **World Economy**, v. 27, n. 8, p. 1149-1171, 2004.

PANG, Eul-Soo. Embedding Security into Free Trade: The Case of the United States—Singapore Free Trade Agreement. **Contemporary Southeast Asia**, p. 1-32, 2007.

PANT, Bhubanesh, et al. Export diversification and competitiveness: Nepal's experiences. **NRB Economic Review**, n. 21, p. 52-78, 2009.

PAPADOPOULOS, Nicolas; DENIS, Jean-Emile. Inventory, taxonomy and assessment of methods for international market selection. **International Marketing Review**, 1988.

PARK, H. R. An Impact of the Controversies over the THAAD to the South Korea-U.S.

Alliance and the South Korea-China Relation: Application of “Autonomy-Security Trade Model". **Journal of International Politics**, 2016.

POLACHEK, Solomon William. Conflict and trade. **Journal of conflict resolution**, v. 24, n. 1, p. 55-78, 1980.

POLACHEK, Solomon W.; ROBST, John; CHANG, Yuan-Ching. Liberalism and interdependence: Extending the trade-conflict model. **Journal of Peace Research**, v. 36, n. 4, p. 405-422, 1999.

RAVENHILL, John. The new bilateralism in the Asia Pacific. **Third World Quarterly**, v. 24, n. 2, p. 299-317, 2003.

Receita Federal. **SISTEMA HARMONIZADO DE DESIGNAÇÃO E DE CODIFICAÇÃO DE MERCADORIAS VERSÃO EM PORTUGUÊS**. Normas Receita Federal.

REUVENY, Rafael; KANG, Heejoon. Bilateral trade and political conflict/cooperation: do goods matter? **Journal of Peace Research**, v. 35, n. 5, p. 581-602, 1998.

RHOADES, Stephen A. **The herfindahl-hirschman index**. Fed. Res. Bull., p. 188, 1993.

RICHARDSON, Neil R. Political compliance and US trade dominance. **The American Political Science Review**, v. 70, n. 4, p. 1098-1109, 1976.

RICHARDSON, Neil R.; KEGLEY JR, Charles W. Trade dependence and foreign policy compliance: A longitudinal analysis. **International Studies Quarterly**, v. 24, n. 2, p. 191-222, 1980.

RIPSMAN, Norrin M.; BLANCHARD, Jean-Marc F. Commercial liberalism under fire: Evidence from 1914 and 1936. **Security Studies**, v. 6, n. 2, p. 4-50, 1996.

RODRIK, Dani. Getting interventions right: how South Korea and Taiwan grew rich. **Economic policy**, v. 10, n. 20, p. 53-107, 1995.

RODRIK, Dani. Understanding economic policy reform. **Journal of economic Literature**, v. 34, n. 1, p. 9-41, 1996.

SALVATORE, Dominick. **International Economics**. John Wiley & Sons, (2011) 2019.

SEO, J. Security ties or electoral connections? The US Congress and the Korea–US Free Trade Agreement, 2007–2011. **International Relations of the Asia-Pacific**, 2015.

SEO, J. CHOI, M. The Trump Presidency, US Congress and the Changing Korea-US Free Trade Agreement. **Korean Party Studies Review**, v. 16, n. 3, p. 175-205, 2017.

SCHOTT, Jeffrey J. Why the Korea-United States free trade agreement is a big deal. **SERI Quarterly**, v. 4, n. 3, p. 22-29, 2011.

SCHOTT, Jeffrey J.; JUNG, Euiji. **KORUS Amendments: Minor Adjustments Fixed What Trump Called" Horrible Trade Deal"**. 2018.

SHARMA, Ramesh; KUMAR, Anjani; JOSHI, p. K. Nepal-India Agricultural Trade: Trends, Issues and Prospects. **Agricultural Economics Research Review**, v. 30, n. 2, p. 245-263, 2017.

SNYDER, S. A. **South Korea's Self-Defense Needs: Does China Get a Veto?** February 13, 2015.

SNYDER, Scott; BYUM, See-won. China-Korea Relations: South Korea's Diplomatic Triangle. **Comparative Connections**, v. 17, n. 1, p. 91, 2015.

SOHN, Yul; KOO, Min Gyo. Securitizing trade: The case of the Korea–US free trade agreement. **International Relations of the Asia-Pacific**, v. 11, n. 3, p. 433-460, 2011.

SQUALLI, Jay; WILSON, Kenneth. A new measure of trade openness. **The World Economy**, v. 34, n. 10, p. 1745-1770, 2011.

SRINIVASAN, Thirukodikaval Nilakanta; BHAGWATI, Jagdish. Outward-orientation and development: are revisionists right? In: **Trade, development and political economy. Palgrave Macmillan**, London, p. 3-26, 2001.

STIGLITZ, Joseph E. **Globalization and its Discontents**. Norton: New York, 2002.

STOKES, Doug. Trump, American hegemony and the future of the liberal international order. **International Affairs**, v. 94, n. 1, p. 133-150, 2018.

STOKES, Doug; WATERMAN, Kit. Security leverage, structural power and US strategy in east Asia. **International Affairs**, v. 93, n. 5, p. 1039-1060, 2017.

SWAINE, Michael D. Chinese views on South Korea's deployment of THAAD. **China Leadership Monitor**, v. 52, n. 4, p. 1-13, 2017.

The White House, **National Security Strategy**, 2015.

United States International Trade Commission, 2016. **Economic Impact of Trade Agreements Implemented Under Trade Authorities Procedures 2016 Report**. Chapter 3. Estimates of the Economic Impact of the Agreements on the U.S. Economy.

United States Trade Representative. **THE PRESIDENT'S TRADE POLICY AGENDA.** 2008.

United States Trade Representative, **Withdrawal of the United States from the Trans-Pacific Partnership Negotiations and Agreement**. Presidential Documents. Memorandum for the United States Trade Representative, 2017.

United States Trade Representative. **Protocol between the government of the Republic of Korea and the government of United States of America amending the Free Trade**

**Agreement between the Republic of Korea and the United States of America**. 2018.

VILLELA, Eduardo VM. As relações comerciais entre Brasil e China e as possibilidades de crescimento e diversificação das exportações de produtos brasileiros ao mercado consumidor chinês. **Grupo de Estudos da Ásia-Pacífico**, PUC/SP, 2004.

WAGNER, R. Harrison. Economic interdependence, bargaining power, and political influence. **International Organization**, p. 461-483, 1988.

WALTZ, K. **Theory of International Politics**. MA: Addison-Wesley, 1979. Chapter 7.

WILLIAMS, B. R. et al. **U.S.-South Korea (KORUS) FTA**. Congressional Research Service, 2018.

WILLIAMSON, John. A short history of the Washington Consensus. **Law & Bus. Rev. Am.**, p. 7, 2009.

WORLD BANK. **The East Asian Miracle. Economic Growth and Public Policy**. (World Bank Policy Research Report), Vol. 1 and 2. New York: Oxford University Press, 1993.

World Bank. 2013. Online Trade Outcomes Indicators -User's Manual- Version 1.0.

YANG, J. J. Developmentalism after Development: The Growth, Crisis, and Future of the Korean Developmental State. **Korean Public Administration Review**, v. 39, n. 1, p. 1-18, 2005.

YE, Min. China and competing cooperation in Asia-Pacific: TPP, RCEP, and the new Silk Road. **Asian Security**, v. 11, n. 3, p. 206-224, 2015.

YOON, Taek Dong. **Desenvolvimento Econômico Comparado: Coréia do Sul e Brasil.** Porto Alegre, UFRGS, 1999.

YOON, Taek Dong. Korea's Export to Brazil I -The Change of Tendency and its Characteristic. **Journal of Lusophone Area Studies**, v. 16, n. 1, p. 79-109, 2019.

YOON, Taek Dong. Analysis on Korea's Export Products to Brazil and its Characteristics. **Latin American and Caribbean Studies,** v. 38, n. 1, p. 39-72, 2019.

YU, Hong. Motivation behind China's 'One Belt, One Road' initiatives and establishment of the Asian infrastructure investment bank. **Journal of Contemporary China**, v. 26, n. 105, p. 353-368, 2017.

# APÊNDICE

## **APÊNDICE A -** Nomes dos produtos selecionados para análise (HS 4 dígitos)

| Código | Descrição | Nomes Simples |
|---|---|---|
| 3907 | Poliacetais, outros poliéteres e resinas epóxidas, em formas primárias; policarbonatos, resinas alquídicas, poliésteres alílicos e outros poliésteres, em formas primárias | Poliacetais |
| 8479 | Máquinas e aparelhos mecânicos com função própria, não especificados nem compreendidos em outras posições deste capítulo | Máquinas e aparelhos mecânicos |
| 8517 | Aparelhos elétricos para telefonia ou telegrafia, por fio, incluídos os aparelhos telefônicos por fio conjugado com aparelho telefônico portátil sem fio e os aparelhos de telecomunicação por corrente portadora ou de telecomunicação digital; videofones | Aparelhos de telefone |
| 8529 | Partes reconhecíveis como exclusiva ou principalmente destinadas aos aparelhos das posições 85.25 a 85.28 | Peças para aparelhos de 85.25 a 85.28 |
| 8534 | Circuitos impressos | Circuitos impressos |
| 8542 | Circuitos integrados e microconjuntos, eletrônicos | Circuitos integrados eletrônicos |
| 8703 | Automóveis de passageiros e outros veículos automóveis principalmente concebidos para transporte de pessoas (exceto os da posição 87.02), incluídos os veículos de uso misto ("station wagons") e os automóveis de corrida | Automóveis e veículos automóveis |
| 8708 | Partes e acessórios dos veículos automóveis das posições 87.01 a 87.05 | Peças e acessórios para veículos |
| 9013 | Dispositivos de cristais líquidos que não constituam artigos compreendidos mais especificamente em outras posições; "lasers", exceto diodos "laser"; outros aparelhos e instrumentos de óptica, não especificados nem compreendidos em outras posições do presente capítulo | Dispositivos de cristais líquidos |

Quadro 1 – Nomes dos produtos selecionados (HS 4 dígitos)
Fonte: Receita Federal do Brasil

**APÊNDICE B –** Análise do Investimento Direto Estrangeiro da Coreia do Sul dos setores identificados do Brasil

A análise do IDE pela Coreia nos setores identificados do Brasil visa explorar sua influência sobre a exportação coreana, por meio de estabelecimento de firmas no local. Aproximadamente 300 empresas coreanas entraram no Brasil[76], especialmente desde o final de 1990, mas, nessa análise, levando em consideração o limite de tratar todas as empresas, foram trazidas as principais empresas do país asiático. O quadro foi elaborado com referência à categoria dos produtos finais dessas empresas e pesquisando para que produtos finais servem esses nove produtos. Em todos os nove produtos tratados, há empresas coreanas que realizam importações intermediárias da Coreia e fabricam bens finais no Brasil ou que vendem produtos finais importados, como se pode verificar no Quadro 2.

| Produto | Empresas coreanas estabelecidas no Brasil |
|---|---|
| Poliacetais | Hyundai Motor Company, Hyundai Dymos, Samsung Electronics, LG Electronics, Daewoo Electronics |
| Máquinas e aparelhos mecânicos | Samsung Electronics, LG Electronics, Daewoo Electronics, LG International Corp., Daewoo Electronics, Jebon, Autonics, Seoul Electronics & Telecom Co., Ltd. |
| Aparelhos de telefone | Samsung Electronics, LG Electronics |
| Peças de aparelhos (8525, 8528) | Samsung Electronics, LG Electronics |
| Circuitos impressos | Samsung Electronics, LG Electronics, Daewoo Electronics, LG International Corp., Daewoo Electronics, Jebon, Autonics |
| Circuitos integrados eletrônicos | Samsung Electronics, LG Electronics, Daewoo Electronics, LG International Corp., Daewoo Electronics, Jebon, Autonics, Seoul Electronics & Telecom Co., Ltd. |
| Automóveis e outros veículos a motor | Hyundai Motor Company |
| Peças e acessórios para veículos a motor | Han Il E-Hwa, Hyundai Mobis, Hankook Tire, Kumho Tire, Hyundai Dymos, Hwashin, MS Autotech |
| Dispositivos de cristal líquido | Samsung Electronics, LG Electronics, Daewoo Electronics, LG International Corp., Daewoo Electronics, Jebon, Autonics |

Quadro 2 – Análise de IDE das empresas coreanas dos setores brasileiros
Fonte: Korea Trade-Investment Promotion Agency (Elaboração própria).[77]

[76] Informação fornecida no site do Consulado Geral da República da Coreia em São Paulo. Disponível em: **Saudações do Cônsul-GeralConsulado Geral da República da Coreia em São Paulo (mofa.go.kr)**. Acesso em 26 de novembro de 2020.
[77] Acesso em 15 de setembro de 2020.